FUNDADOR — JOAQUIM MANSO QUINTA-FEIRA, 15 DE AGOSTO DE 1968 ANO 48.º — NÚMERO 16 400

Diario de Lisbôa

DIRECTOR — A. RUELLA RAMOS

TELEFS.: 320271 a 320273, 321154 e 321155 REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRAFICA EDITOR — J. CHRISOSTOMO DE SA
END. TEL. D I B O A — TELEX. 1363 RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA ADMINISTRAÇAO — RUA DA ROSA, 57, 2. NÚMERO AVULSO, UM ESCUDO

Represália dos árabes

Serão boicotadas as companhias aéreas que cumprirem a decisão da F. I. A. P. C.

CAIRO, 15 — (F. P.) — A União dos Operários Árabes, que agrupa todos os sindicatos operários dos países árabes, designadamente os dos transportes terrestres, marítimos e aéreos, anunciou ontem à noite a decisão de «boicotar completamente todas as companhias aéreas que cumprirem as instruções dadas pela Federação Internacional dos Pilotos de Linha».

A União ameaça ainda «alargar esta boicotagem a todos os meios de transporte» dos países cujas companhias aéreas decidiram boicotar os aeródromos argelinos.

Por seu turno, a Federação Árabe dos Transportes, na qual estão filiados os sindicatos dos transportes nacionais dos países árabes, adoptou uma atitude semelhante, tendo anunciado num comunicado que «a boicotagem começará nos aeródromos para abranger seguidamente todos os meios de transporte dos países que boicotarem a Argélia».

A ARGÉLIA NÃO CEDE

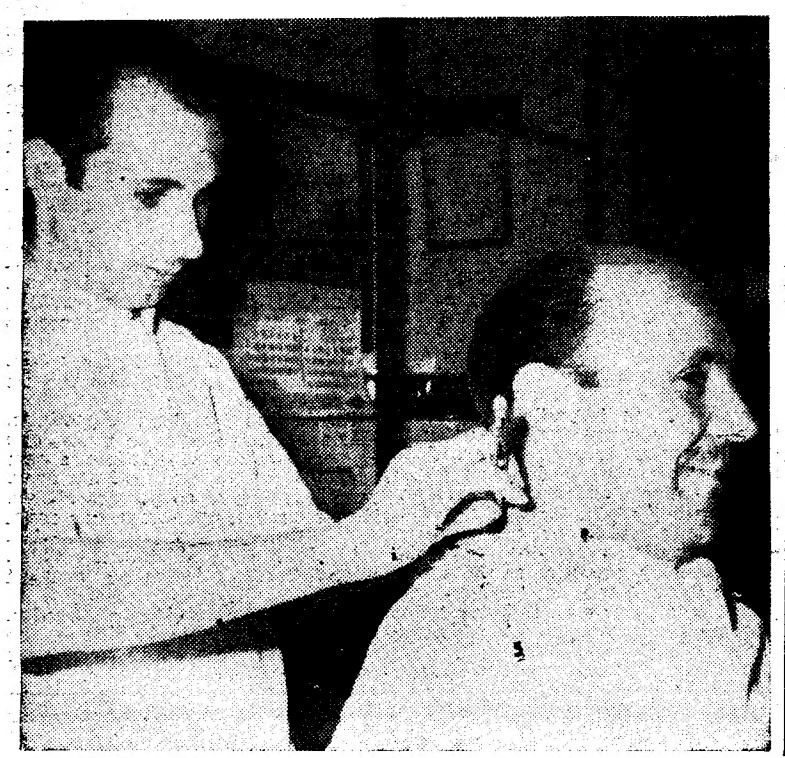
ARGEL, 15 — (A. N. I.) — O avião israelita não será libertado enquanto não estiver concluída a «investigação» oficial do caso — anunciou o Governo argelino, num comunicado distribuído em Argel.

No seu lacónico comunicado de 180 palavras, o Governo não dá o mínimo indício acerca da possível data do termo da investigação, mas afirma que não cederá perante «intimidações, venham de onde vierem».

«A Argélia» — declara-se no comunicado — «como país soberano, independente e consciente das suas responsabilidades internacionais, vai continuar a agir com serenidade, no prosseguimento das medidas tomadas a partir de 23 de Julho.»

O Governo argelino critica a decisão da Federação Internacional dos Pilotos-Aviadores de suspender, a partir de segunda-feira, os voos para Argel e acrescenta que os pi-

(Continua na 9.ª página)



Nenhum romance de amor na vida da princesa Ana que faz hoje 18 anos

LONDRES, 15 — (R.) — A princesa Ana, a única filha da rainha Isabel, faz hoje 18 anos, mas até aqui não houve qualquer murmúrio acerca de um romance de amor na sua vida.

Os jornais de hoje encontram-se cheios de fotografias do irmão, o príncipe Carlos, de 19 anos, conduzindo o seu automóvel com os amigos e lindas raparigas, após um espectáculo teatral. Contudo, a princesa Ana aparece quase sempre na Imprensa praticando hipismo, fazendo esqui ou desportos náuticos.

Para muita gente, a escolta aprovada da princesa tem sido o seu amigo de infância, o conde de Caithness, que é um ano mais velho do que ela. Nunca houve, porém, quaisquer rumores acerca de casamento.

A princesa está a passar o aniversário natalício na companhia do pai, o duque de Edimburgo, e do príncipe Carlos, tripulando um barco à vela ao largo da costa da Escócia.

Se o tempo estiver bom, a princesa passará o dia a bordo do iate real «Bloodhound» onde champanhe e um bolo de aniversário aparecerão provàvelmente para festejar o acontecimento.

A filha da rainha Isabel de Inglaterra, princesa Ana, que hoje completa 18 anos

A rainha e os seus dois filhos mais novos, os príncipes Eduardo e André, seguem a bordo do iate real «Britania», a caminho de Aberdeen.

A família real reunir-se-á dentro de poucos dias em Balmoral, o seu castelo na Escócia.

31.ª Volta a Portugal em bicicleta

PENHAS DA SAÚDE E TORRE

DOIS FANTASMAS NA ETAPA DE HOJE

GUARDA, 15 — (Pelo telefone) — Os ciclistas que estão a participar na 31.ª Volta a Portugal em bicicleta, passaram, hoje, a manhã em repouso. E bem precisariam. Não tanto pelos 211 quilómetros ontem percorridos, como pelo problema bicudo que hoje se lhes depara. Aliás, a corrida muito «económica», feita ontem pelos corredores (excepção ao corajoso Sousa Vieira «cruelmente» vencido sobre a linha de chegada) terá reflectido, principalmente, a preocupação de todos eles pela dureza da etapa que hoje ligará a Guarda a Viseu. A serra da Estrela, os «fantasmas» chamados Penha da Saude e Torre (contagens de 1.ª categoria para o Prémio da Montanha) têm sido tema constante entre os que «estudam» a «Volta» e prevêm para a tirada de hoje acontecimentos importantes para o desfecho da prova. Até se fazem cálculos sobre o numero de desistentes e eliminados...

Com efeito a etapa das Penhas da Saude apresenta este ano uma inovação que é, justamente, a de não acabar nas Penhas da

(Continua na última página)

CARMEN Garcia Fernandez, cujo nascimento, no dia 9, elevou para três milhões o numero de habitantes de Madrid

POEIRA DE ESTRELAS ANÓNIMAS NO FIRMAMENTO DA TV

OS BARBEIROS SÃO MESMO BARBEIROS

Começamos hoje a publicar a série de reportagens que ontem anunciámos, subordinadas ao título geral «Poeira de estrelas anónimas no firmamento da Televisã», em que revelaremos quem são os intervenientes na publicidade de TV, figuras que, dia após dia, entram (sem pedir licença) em nossas casas. A abrir a série temos a história dos quinze barbeiros. Esses mesmos. São reais. Existem e o leitor pode dispor deles em barbearias de Lisboa, onde exercem a sua profissão e, por vezes, se servem uns aos outros, como no caso da foto acima, em que um dos quinze corta o cabelo ao «15.º». (LER NA 7.ª PAG.)

Nota do dia

UM JOGO EM DUAS MÃOS

A bisbilhotice indígena anda deveras afadigada, entre a curiosidade e a estupefacção, entre o desdém e o despeito. Quem foi convidado? Quem é que foi excluído? Fulana que vestido é que leva? Cicrano adiou as férias no estrangeiro, será por ter sido convidado? Beltrano decidiu subitamente fazer férias no estrangeiro, será para esconder o não ter sido convidado? Sempre é certo que vem mais gente do estrangeiro do que as pessoas de cá que fazem parte das listas? E os cabeleireiros vindos expressamente de fora, francamente, os nossos, pelo menos alguns, não são tão maus como isso, não acha? Diz que os hotéis estão cheios de reservas para aqueles dias, sabe você alguma coisa a esse respeito, quem é que paga? E quanto custaram as passadeiras para cobrir e alcatifar o saibro dos jardins? E as lanternas encomendadas a um fabricante de Sintra para a grande noite, você sabe a quanto val a conta das lanternas? Com o que, mais achega menos achega, se tem alimentado o pasto das conversas de certos crculos onde o lisboeta com capacidade para férias estarrece de pasmo e de tédio, entre incrédulo e desdenhoso com a amável mas obstinada competição de dois milionários que, a dois dias de intervalo e a uma distância de binóculo um do outro, se desafiaram para ver quem é que é capaz de ter forças e o resto para ir mais longe na arte de deslumbrar o mundo, não só o grande mundo mas também o pequeno mundo das suas aderências e circunvizinhanças. E, daí, toda esta febril coroa de interrogações com que, de fora, se intumesce o duplo acontecimento e se pretende gulosamente espreitar a capacidade dos esporões dos dois galos que decidiram empenhar-se em tão singular combate. Quanto custa? Certamente que o preço do brado que já está a dar. Mas estes desafios custam sempre caros. Ou julgaríamos nós, ou, para despersonalizar, julgariam aqueles que andam longe destes circuitos que só se pagam rios de dinheiro para ter um bom par de vedetas nos elencos do futebol?

De ontem para hoje

O ANIVERSÁRIO DE ALJUBARROTA

Fez ontem anos que, ao cair da tarde, naquela lomba de Aljubarrota, o Exército português esperou a pé firme o embate do invasor com que D. João I de Castela procurava impor ao País o seu Governo, alegando direitos de herança de sua mulher D. Beatriz, a filha de Leonor Teles e D. Fernando. Não contava ele com a vontade de os povos disporem dos seus destinos, vontade essa firmada no forte querer e nas lanças da Ala dos Namorados e demais homens de armas. O povo recusou-se a aceitar direitos hereditários não conformes com a sua vontade. E foi essa vontade que triunfou marcando uma das horas mais altas da evolução do povo português. Foi em 14 de Agosto de 1385. Ontem foi comemorado esse aniversário. Houve missa campal, demonstração de actividades realizadas no acampamento da M. P. e, por fim, uma sessão solene em que o comissário nacional daquele organismo, tenente-coronel Gomes Bessa, salientou as realizações concretas do presente ano. E depois: «O carácter da nossa Juventude pretendemos formá-lo pelo fortalecimento da vontade, conseguido através das actividades mencionadas e de outras que não foi possível enumerar, ao mesmo tempo que lhe patenteamos normas e ideias essenciais que dêem finalidade e rumo á sua actividade e ao seu entusiasmo. Por tal razão, temos procurado exercer também um intenso esforço no campo da doutrinação. Procuramos tornar claro aos que prestam serviço na Mocidade Portuguesa o método escolhido — fomentar a mais intensiva e equilibrada educação integral, pelo fortalecimento e aperfeiçoamento do carácter, pela elevação da cultura e pelo apuramento da sensibilidade dessa mesma Juventude.»

FOGO NA FÁBRICA

Ontem á noite declarou-se incêndio numa pilha de ramos de eucalipto que estavam junto á secção de caldeiras de uma destilaria da Quinta do Cabouco, perto da Lagoa de Albufeira. A instalação das caldeiras e todas as pilhas ficaram destruídas. Nas proximidades encontra-se instalada a fábrica de explosivos de Vale de Milhiços. Os bombeiros utilizaram 20 agulhetas, mas as chamas não cediam e houve que recorrer á areia que dois «buldozers» atiraram sobre o braseiro, apagando completamente o fogo. Os prejuízos são importantes.

NA PRAIA DO PARAÍSO

Chama-se do Paraíso a praia em que tomava banho ontem a sr.ª Marthe Hebuf, de 42 anos, que se achava hospedada em Ermesinde. Essa senhora francesa tomava banho. Veio uma onda mais alterosa que a arrebatou e lêvou para longe. O banheiro meteu-se num barco e conseguiu trazê-la para terra. Os bombeiros levaram-na depois ao hospital de Matosinhos mas chegou lá já morta.

PALÁCIO DE BELÉM

O sr. Presidente da Republica recebeu os srs. prof. dr. Gonçalves de Proença, ministro das Corporações e Previdência Social; dr. Frode Schon, embaixador da Dinamarca no nosso País; eng.º Luís Quartin Graça, presidente da Junta de Hidráulica Agrícola; deputado Sebastião Alves, presidente do Grémio Nacional dos Industriais de Especialidades Farmacêuticas, e dr. Ramos Machado, secretário da direcção do mesmo organismo; almirante Filipe Castela, comandante Gabriel Teixeira, José Manuel de Melo, dr. Albano Pinto Basto, e Alpoim Moreira, da «Revista Universal».

OS OITENTA ANOS

Rosa Ramalho, barrista de Barcelegos e que dessa los, natural de Gapequena aldeia minhota espalha a sua arte pelo país inteiro, completou ontem oitenta anos. Bem bonito rol como o da Moleirinha, nos «Simples». Essa Rosa Ramalho veio á Feira do Artesanato de Cascais e lá lhe celebraram ontem as oitenta risonhas primaveras. E no restaurante compareceram os organizadores da feira e veio um bolo monumental com 80 velinhas bem acesas e alumiadas com os olhinhos pequenos e vivos de Rosa Ramalho. E ela sorria e pensava nos quatro filhos, nos 22 netos e nos 26 bisnetos que já conta, na terra de Galegos, a par de Barcelos...

Dois séculos do toureio a pé evocados na Corrida Goyesca

A corrida goyesca, criada há sete anos em Madrid, e dada anualmente em Ronda, evoca os dois séculos da existência do toureio a pé, que em Espanha surgiu quando, para lisonjear Filipe V, que, vindo de França, não gostou do espectáculo, os nobres espanhóis abandonaram os torneios equestres, que os seus pare portugueses mantiveram até á perfeição dos nossos dias. Foi, então, que o povo decidiu passar de subalterno a protagonista, e, após balbuceios, surje o toureio a pé, que, evolucionando, deu o actual, e de que foram precursores o sevilhano «Costillares» e o rondenho Pedro Romero, ambos retratados por Goya, e o também sevilhano «Illo», cujo retrato é de autor desconhecido. E são de Goya as lâminas da tauromaquia, com os anteriores saltos de Martincho, e outros saltos, como o da vara, tradicionalmente evocado nesta Corrida Goyesca, do nome do genial pintor, que foi chamado «o dos touros», pelo muito que gostava do toureio, que parece até ter praticado.

Vieram os precursores para Portugal quando Carlos IV proibiu as corridas em Espanha, e com eles outros, também Curro Guillen, mas voltaram quando José Bonaparte quis agradar aos espanhóis com o espectáculo predilecto. Ficou em Portugal, ou aqui se lhe perde a pista, «Costillares», o sevilhano que opôs a sua alegria á severidade do rondenho Romero no uso da muleta, então inventada, e que servia apenas em poucos passes de preparo para a morte, que o de Sevilha dava a «volapié» quando os touros não investiam, para a de receber, que o de Ronda defendia. Com a capa, criou o lance de frente por detrás o ídolo que foi «Illo», e havia de morrer em Madrid, em trágica colhida, que Goya registou, indo Curro Guillen acabar em Ronda, e também em mortal colhida. Pedro Romero, então com 76 anos, pediria a Fernando VII que o nomeasse director da Escola da Maestranza de Sevilha, quando o cargo já era ocupado por Jerónimo José Cândido, outro que sabia o latim da base do toureio, e do ensino de ambos sairia aquele que deu o nome á arte, a Arte de Montes, de Chiclana, como depois José Redondo, outro dos grandes.

Eis, em rápido resumo histórico-tauromáquico, em atropelada prosa, o significado da Corrida Goyesca, que se caracteriza pela evocação das sortes de então e pela indumentária com que Goya retratou «Costillares» e Pedro Romero, já alterada, como nos retratos se verifica. Foi trazida a Lisboa por Eduardo Pagés, com a apresentação de Pepe Luís Vazques, rei de toureiros que, como Manolo Gonzalez e outros famosos de Espanha, e os melhores dos portugueses, todos sem cobrar honorários, haviam de compor os Festivais da Imprensa, que criámos em 1954, e que deram lugar ás actuais corridas da Imprensa, mas esta é outra história

A Manuel dos Santos, que a Madrid nouve de se deslocar para trazer o material da Goyesca, e que em tudo se fez acompanhar de Raul do Nascimento, fica a Casa da Imprensa devendo mais este espectáculo, laboriosamente preparado com o patrocínio do sr. embaixador de Espanha, que assistiu junto do Presidente da República, recebido com palmas, e do subsecretário de Estado da Presidência do Conselho, e as sr.as condessa de Marin e D. Natália Thomaz.

A chuva que caiu na noite anterior fez-nos temer um adiamento, como há anos, daquele Festival da Imprensa, em que colaborámos com o nosso camarada Leopoldo Nunes, e que obrigou António Bienvenida a duas vindas a Lisboa.

O dia melhorou, e a noite foi de molde a total enchente no Campo Pequeno, sendo muito de admirar a decoração da arena, obra caprichosa e amável dos artistas pintores Mário Alberto e Velez de Lima. Escoltando, em torno, alabardeiros uniformizados á espanhola e, vestido á época de Goya, todo o pessoal de serviço, em perfeito conjunto evocativo, como havia de ser o desfile inicial. Charameleiros a cavalo abriram o cortejo de tipóias portuguesas, em substituição das caleças espanholas, e conduzindo «goyescas» nacionais e a «Maja» de Madrid, Maria del Carmen, que, com sua irmã, Maria Isabel, depois tomou assento no camarote que foi da «inteligência» e ontem da gentileza das duas «guapas rúbias» e acompanhantes. Num coche antigo, os «espadas», e, em seus cavalos, Alfredo Conde e Francisco Azarujinha, que fizeram as cortezias toucados com «castoreños», e os toureiros com as redes das supostas coifas, que antecederam as também desaparecidas colétas, mas com suas típicas jaquetas e calções os que dos forcados têm o nome, ainda que deles se não sirvam para a «Casa da Guarda», que ainda vimos executar em anteriores corridas á Antiga Portuguesa, que também cá se defendia o camarote real.

Lidaram-se touros do sr. João Malta, com génio, tão mau génio que o famoso Juan Garcia «Mondeño», de Monda, vizinha de Ronda, não pôde exibir seu estático toureio em nenhum dos seus dois, e houve de desistir, triste, como triste ficou Maria del Carmen, sua partidária, e tristes ficámos todos quando Juan desapareceu para tourear hoje em San Sebastian.

Armando Soares recebeu o seu primeiro com repetidos farói de joelhos e cingidas «chicuelinas», bandarilhando bem, ao quarteio e quebrando, já entre ovações, que foram a mais com a muleta, ao som da musica, em belos passes de pé e de joelhos, «manoletinas» e adornos sublinhados com entusiásticos aplausos que foram coroados por voltas á arena e flores.

No seu segundo, um dos tais malteses de lide impossível, pouco pôde fazer o triunfante Armando, que no primeiro a «armara».

Também Amadeu dos Anjos teve êxito grande no seu primeiro, que recebeu com belos lances de frente, que rematou com preciosa «média verónica», e depois com preciosos passes de muleta, no centro, parado e mandando, com sua arte fina, e, citando de longe, e depois de cerca, admiráveis naturais e cingidas «manoletinas», ao som da musica, sempre muito ovacionado e coroado com repetidas voltas á arena, flores e ida ao centro. Como Armando, não a pôde «armar» no seu segundo, totalmente inlidável.

Alfredo Conde, que se benzeu tocando madeira, o «touché le bois» dos franceses, mas não por calistice, surgiu toucado com o espanhol «castorenho» que logo trocou pelo português aba larga que o touro havia de pisar e inutilizar. Depois de tentar o manso com uma farpa, cravou das compridas de frente, e duas curtas, fazendo tudo pelo maltês, e o bom cavaleiro, que brindara com «curvetas» de bom equitador, bem mereceu aplausos e volta á arena.

Francisco Azarujinha que, como na alternativa, teve a desvantagem de lidar só um touro, sem possibilidade de melhor adversário, lidou o seu unico com belos recortes e boas preparações, que não evitaram um toque pela boa ancia de cravar uma farpa comprida, repetindo no centro, como depois as curtas, com aplausos, mas recusando, insatisfeito, dar volta á arena.

António Cipriano «Badajoz», deu «a transcuerno», por movimento do touro, aquele salto de vara que ainda vimos em Espanha pelo valente «Alé», e cá, pelo também valente Pedro Gorjão.

Bandarilharam bem Agostinho, Mário Freire, Francisco Costa, que reapareceu, Tinoca e Inácio, e bem bregou Olegário, que teve um oportuno «quite» a corpo descoberto. E valentemente pegaram dois rapazes do Colégio Num'Álvares de Tomar, João Faia e Manuel Vidal, justamente aplaudidos em voltas á arena.

Cavaleiros, «espadas» e forcados, brindaram ao Chefe do Estado, que voltou no final a ouvir respeitosas palmas. — «EL T. PEREZ».

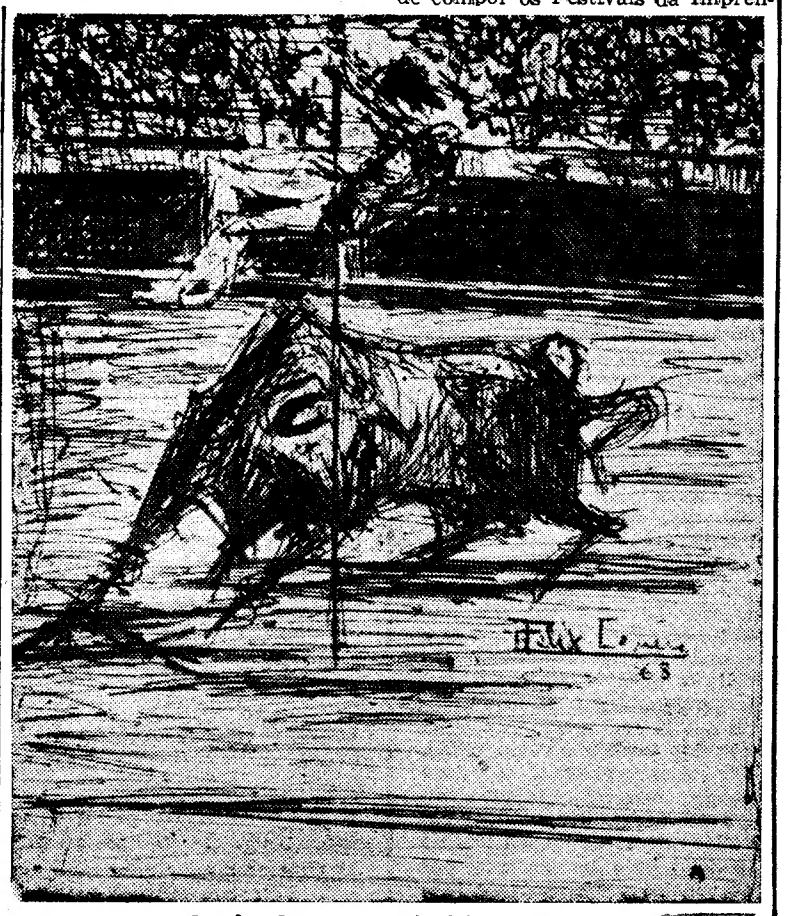
GRANDE AFLUÊNCIA DE VISITANTES AO JARDIM ZOOLÓGICO

O nosso Zoo, cada vez mais povoado por novas espécies zoológicas, tem tido nestes dias enorme afluência de visitantes que ali acorrem para admirarem, não só as novas instalações destinadas a tigres ou leopardos, leopardos caçadores e á panda, como também as novas espécies chegadas do Brasil: tucanos, jacús, mutuno, gasil, urus, galos-da-serra, juritis, macucos, periquitos e ainda os três leõezinhos nascidos há pouco nas Laranjeiras.

Hoje, os visitantes tiveram ao seu dispor numerosas diversões: barcos, comboio automóvel, escola de transito da Mobil, patinagem, passeios de póneis e charrete, cinema gratuito para as crianças, espelhos deformantes, pingue-pongue, etc.

Nos restaurantes do lago e da mata, os visitantes dispuseram de um esmerado serviço de almoços e lanches.

CURSO LICEAL
E
CICLO PREPARATÓRIO
DIURNO E NOCTURNO / Tel. 834658



O salto de vara por António «Badajoz»

Ora diga-nos...

— Qual o seu corredor favorito na Volta a Portugal em bicicleta?

Os pneus das bicicletas nas estradas de Portugal: a atenção de milhares e milhares de pessoas presa aos nomes dos corredores. Este...? Aquele...? Todos.

● *Afirmou-nos o sr. Octávio Ferreira, técnico de rádio:*

— É claro que posso dar o nome de Joaquim Agostinho. Mas verdade, verdade, a Volta nunca me atraiu. Não ligo, sabe? Não é o meu desporto. Eu não sou espectador. Eu pratico um desporto.

— Qual?

— A natação. A natação, sim, a natação interessa-me bastante. Daí, seguir com atenção a modalidade no nosso País e no estrangeiro.

● *Disse-nos o sr. Casimiro de Oliveira, ajudante de marceneiro:*

— Eu cá «torço» pelo Joaquim Agostinho.

— Porquê?

— Um palpite. Surpreendeu-me o seu feito. Impressionou-me a sua vontade de vencer.

— Outro corredor?

— Fernando Mendes, do Benfica.

● *Por último, disse-nos o sr. José Manuel Morais, músico:*

— A Volta não me interessa. Aprecio, no entanto, futebol. Não jogo, mas gosto de ver jogar. O nome de um corredor, é coisa que não sei indicar. Mas que há muita gente interessada, lá isso há...

AS PISCINAS DO NACIONAL

A propósito da notícia divulgada em «Diário de Lisboa», da permanência de águas estagnadas no fundo das piscinas de S. Bento, abandonadas pelo Clube Nacional de Natação, e que teriam dado origem á irradiação de elevada quantidade de moscas e mosquitos nas imediações, procurou-nos o proprietário das antigas [illegible] do Nacional, sr. Jorge Veloso, para nos esclarecer que a existência da água no fundo da piscina é devida a uma imposição de ordem técnica para evitar dilatações do cimento e a consequente danificação.

Contud, — acrescentou — a piscina não está abandonada pois está lá um guarda permanente e, além disso a água foi tratada e povoada com peixes justamente para evitar a criação de larvas e outros insectos. A própria Direcção-Geral de Saude já ali enviou uma brigada que comprovou a não existência de qualquer foco.

De resto — disse-nos — continua em estudo a possibilidade de utilização das piscinas ou por exploração particular, ou através de arrendamento a uma agremiação desportiva. E pode até dar-se o caso de ser o próprio Nacional a regressar á casa onde viveu durante tantos anos, desde que, claro está, se encontre uma plataforma de entendimento com a Camara Municipal de Lisboa. Será sempre uma solução mais económica, para a edilidade e o clube teria assim instalações para seu exclusivo uso.

«Diário de Lisboa»

Fizeram transcrições do «Diário de Lisboa» ou referências ao nosso jornal os prezados camaradas: «Diário do Alentejo», de Beja; «Diário de Coimbra», «Diário do Ribatejo», de Santarém; «O Dever», da Figueira da Foz; «Jornal do Algarve», de Vila Real de Santo António e «Defesa de Espinho».

OSSOS DE ESTUDO

Como se tem falado muito, últimamente, de «ossos de estudo», chamemos assim, a esses ossos por aí perdidos, lembrei-me de uma história que nem história chega a ser. Uma recordação quando muito. E desagradável.

A pessoa com quem o caso se deu (eu ou qualquer outra, é sem interesse) foi passar uns dias a casa de uns amigos, numa cidade da província onde tinha que tratar de um assunto qualquer. Deram-lhe um quarto — o que fora do filho antes de este casar — e ela, a pessoa, instalou-se. A cama era boa, o quarto tranquilo. Óptimo.

Na primeira noite não conseguiu, porém, dormir, era como se sentisse uma presença junto de si. Uma presença incómoda. Abriu várias vezes a luz, mas nada. A casa estava adormecida e os ruídos que lhe chegavam da rua eram abafados e longínquos. Acabou por ficar de luz acesa, a ler. Até de manhã a ler. Na noite seguinte a mesma coisa e na outra também. Na terceira dir-se-ia mesmo que as patinhas leves de um gato passeavam à volta da cama, se detinham por vezes, continuavam. Mas não havia gatos lá em casa e, de resto, ao abrir a luz não viu absolutamente nada. Levantou-se, espreitou para debaixo da cama. E debaixo da cama havia uma caixa de madeira que, ao ser sacudida, se pôs a chocalhar. Como não tinha mais que fazer, abriu-a, e deparou com uma caveira e com alguns ossos principais, cúbitos, fémures, rádios, etc., lindamente brancos e limpos. Em suma, ossos muitíssimo cuidados.

Creio que acabou a noite num *maple* da sala, e no dia seguinte, como já tinha o assunto que ali a levara mais ou menos resolvido — e mesmo que não tivesse era o mesmo —, deu uma desculpa e voltou para Lisboa. Em todo o caso, já na estação, perguntou à senhora, que insistira em acompanhá-la:

«Aquela caixa que está debaixo da cama...»

A senhora interrompeu-a, sorridente. «Ah, os ossos. O Chico começou a estudar Medicina, depois desistiu, como sabe... Um dia apareceu em casa com aqueles ossos. Já tenho pensado em os deitar fora, mas faz-me impressão. São do Chico, não é verdade? Bem, é como se...»

Como se fossem, enfim. Uma recordação de família. Uns *bibelots* do tempo em que o Chico era solteiro.

«A quem terão pertencido?»

Uma voz afectada, um súbito desinteresse. «A quem? Mas... não faço a menor ideia. Que importância pode ter...»

«Nenhuma, nenhuma, claro», disse a tal pessoa antes de entrar no comboio onde dormiria finalmente umas boas horas tranquilas.

História de fantasmas? Talvez sim, talvez não.

Talvez não, claro.

A recuperação do convento de Santa Clara

COIMBRA, 15

Na reunião da Câmara Municipal, presidida pelo sr. eng.º Araújo Vieira, o vereador sr. dr. Viriato Namora, voltou a falar na recuperação do mosteiro velho de Santa Clara, reforçando a ideia de uma conjugação de esforços para salvar o referido monumento. Acentuando já não ser novo o problema, há, segundo lhe constava, estudos já feitos; e, por isso, tratava-se, apenas, de fazer reviver um problema de interesse para a cidade, sob o ponto de vista histórico, cultural e turístico, tanto mais — acrescentou — que se diz existirem esses diversos estudos, elaborados por quem de direito — a Direcção dos Monumentos Nacionais de Coimbra.

A confirmar que assim era — prosseguiu — não sendo, pois, utopia ou sonho de grandeza pedir, em nome da cidade, que se salve o Convento de Santa Clara-a Velha, está o ofício em que aquele departamento do Estado respondeu e no qual se confirma a existência dos estudos referidos e até já com aprovação ministerial. Terminou o orador propondo, nos termos e de acordo com a sugestão da Direcção dos Monumentos Nacionais de Coimbra, que a Camara prossiga nos seus esforços entrando agora em contacto com a Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais.

A proposta foi aprovada e mereceu do presidente a declaração de que é dever de todos o interesse por tal monumento; e, assim, concordava plenamente com as ideias apresentadas.

Foram tratados, depois assuntos diversos de interesse camarário.

•

A propósito da primeira intervenção do sr. dr. Viriato Namora, numa reunião da Camara Municipal, sobre a recuperação do mosteiro de Santa Clara e de um comentário publicado no nosso prezado colega «O Correio de Coimbra», publicámos aqui uma nota na qual dizíamos que a Camara nada tinha com o monumento, pois ele estava a cargo da Direcção dos Monumentos Nacionais do Centro. Dissemos ainda, que estavam já feitos estudos sobre o problema, cuja resolução, segundo o que nos tinham dito os técnicos que não era de difícil resolução.

Agora, o mesmo vereador voltou a falar sobre o assunto e para dizer; exactamente como nós, que o precioso imóvel depende da Direcção dos Monumentos Nacionais do Centro e que já estão feitos estudos necessários, alguns até com a aprovação ministerial. Assim, como também dissemos, se bem tinhamos compreendido, o sr. dr. Viriato Namora apenas pediu, como agora, uma conjugação de esforços para se salvar o edifício de Santa Clara-a Velha. E assim tudo está certo.

OPORTUNIDADE ÚNICA!

INICIA-SE A VENDA
DO EMPREENDIMENTO DE MAIOR CATEGORIA EM TODO O PAÍS

ALDEIA TURÍSTICA
DO TOURING CLUB DE PORTUGAL

SITUADA NA PRAIA DA FALÉSIA - ALBUFEIRA (A MAIS BONITA DO ALGARVE)

CIRCUNDADA DE DENSOS PINHAIS * LUZ ELÉCTRICA * ÁGUA CORRENTE * ESGOTOS
RUAS ASFALTADAS * TRANSPORTE ENTRE O AEROPORTO E O EMPREENDIMENTO

No caso de não utilizar a propriedade adquirida, nós encarregamo-nos de a alugar com um rendimento mínimo de 8% garantido, que poderá actualizar cada ano

* PARA OCUPAR IMEDIATAMENTE

APARTAMENTOS E MORADIAS DE GRANDE LUXO

CONSTRUÍDAS EM PURO ESTILO ALGARVIO COM MATERIAIS DE 1ª QUALIDADE, EM TERRENOS DE 500 A 1.500 m²,

TABELA DE PREÇOS

	ENTRADA	PREST. MENSAL	PREÇO TOTAL
1 ASSOALHADA, COZINHA E C. DE BANHO	25.000$	2.500$	250.000$
2 ASSOALHADAS, COZINHA E 2 C. DE BANHO	40.000$	4.000$	400.000$
3 ASSOALHADAS, COZINHA, C. DE BANHO E GARAGEM	60.000$	6.000$	600.000$
4 ASSOALH. COZINHA, Q. DE CRIADA, 3 C. DE BANHO E GARAGEM	75.000$	7.500$	750.000$
5 ASSOALH. COZINHA, Q. DE CRIADA, 3 C. DE BANHO E GARAGEM	90.000$	9.000$	900.000$

Equipadas com ar condicionado, cozinhas com frigorífico, fogão com forno, máquina automática de lavar roupa, esquentador de distribuição, exaustor de fumos, máquina de cozinha eléctrica com acessórios (batedeira), etc.

SEM ENGARGO ALGUM, E EXCLUSIVAMENTE PARA OS SENHORES COMPRADORES * PARQUE PARA CRIANCAS, SOB A VIGILÂNCIA DE PESSOAL COMPETENTE * PISCINA HIPISMO * COURT DE TÉNNIS * PESCA DESPORTIVA * SKI NÁUTICO * ETC.

INFORMAÇÕES AV. DA LIBERDADE, 258-9.º-Esq. LISBOA

OU NO LOCAL

DIVERSÕES

TEATRO • CINEMA • CIRCO • VARIEDADES • ÓPERA • BAILADO • TV • RÁDIO

VARIEDADES

Laura Alves em «A Flor do Cacto»

«A Flor do Cacto», uma comédia de Barillet & Gredy, com tradução de Jerónimo Bragança ultrapassou já um ano consecutivo de representações. Deve-se o êxito, não só à engraçadíssima história, mas também à interpretação do seu elenco, do qual sobressai Laura Alves, com mais um desempenho a juntar aos seus êxitos. A seu lado, Paulo Renato, Carlos José Teixeira, Alina Vaz, Ângela Ribeiro, Alexandre Vieira, Alda Pinto e Norberto de Sousa. Hoje e todas as noites, espectáculos às 21 e 45.

MONUMENTAL

O êxito de «Lisboa é sempre mulher»

De entre as grandes realizações de Vasco Morgado nesta temporada «Lisboa é sempre mulher» trata-se de um espectáculo fora de série.

Camilo, Florbela e Breyner, nas figuras principais, são juntamente com Maria Adelina, Octávio de Matos, Yola, Linda Silva, Célia de Sousa, Helder de Oliveira, Luís Mascarenhas e as atracções Maria Teresa Quinta e Vum-Vum, os responsáveis pelas interpretações. Actuam ainda dez esculturais modelos, que enchem a cena com a sua graciosidade e um grupo de bailados dirigido por Fernando Lima. A encenação é de Camilo de Oliveira e a direcção musical de Carlos Dias. A montagem, figurinos e direcção de guarda-roupa pertencem a Pinto de Campos.

TEATRO VILLARET

«Oh! que delícia de coisa»

Hoje e todas as noites às 21 e às 23 horas no Teatro Villaret, representa-se «Oh! que delícia de coisa», disparate cómico, original de Gila que tem como protagonista Raul Solnado.

Num primaveril cenário de Pinto de Campos, este disparate cómico foi encenado por Carlos Avilez, e coreografado por Águeda Sena.

Raul Solnado, Ana Paula Barroso Lopes, Fernanda Borsatti, Henriqueta Maya, Luís Filipe, Carlos Queirós e Fialho Gouveia, são os intérpretes.

EUROPA

Exibe-se «Quando a mulher odeia»

A realização de Camilo Mastrocinque com o título original «An Angel for the Devil», que o Europa mantém em exibição, é uma obra que domina o espectador do primeiro à última imagem, mercê de algumas pinceladas de charada policial.

Espectáculo de terror, atinge a finalidade que claramente visa, intrigando, surpreendendo e chocante os nervos, proporcionando duas horas de distracção aos apreciadores do género.

Ambicioso, o filme é valorizado pela plástica de «miss» Steele.

Neste clima decorre a acção do filme que o cinema Europa exibe diàriamente às 15 e 15 e às 21 e 30 para adultos.

AS ESTREIAS DE HOJE

No Avis

Título em português — «Os filhos do Leopardo».
Produção — Italiana.
Realização — Sérgio Corbucci.
Intérpretes — Evi Marandi e Raimond Vianello.
Género — Aventura.
Distribuição — Talma Filmes.
Processo — Eastmancolor.
Classificação — 12 anos.

REPOSIÇÕES

• NO ODEON

TÍTULO: «Duas Caucas».
REALIZADOR: Henrique Campos, 1952.
INTÉRPRETES: Alves da Cunha, Artur Semedo, Elvira Velez, Mariana Vilar, Manuel Santos Carvalho, Vasco Morgado, Assis Pacheco, etc.

Há filmes que não encontram a mínima justificação para serem repostos perante o público. E, se «Os Três Espelhos», de Ladislao Wadja era um deles (mesmo tendo em linha de conta João Villaret), «Duas Causas», de Henrique Campos é, seguramente, outro (mesmo voltando a ter em linha de conta o trabalho de Alves da Cunha).

As reposições podem justificar-se a vários níveis. «Maria Papoila», de Leitão de Barros, como já aqui dissemos, vive (e bem) de Mirita Casimiro. Foi um filme que não morreu, porque uma actriz lhe conseguiu insuflar uma juventude e uma alegria que se não apagam com o tempo. «A Aldeia da Roupa Branca», de Chianca de Garcia, era uma reposição que se impunha, por diversos motivos: realização, interpretação (sobretudo Beatriz Costa e Manuel Santos Carvalho) e ainda porque representa um esforço verdadeiramente honesto na procura de um espectáculo de raiz popular.

Mas, que dizer de «Duas Causas»? Que parte de um argumento perfeitamente idiota, que a realização só não é teatral, porque nem o chega a ser, que as interpretações só muito penosamente se tragam, etc., etc...?

Para nos recordarem que o chamado *velho cinema português* era mau, péssimo mesmo, era escusado fazer-nos sofrer tanto. Francamente, «a história da orfã que sofre em silêncio para não denunciar o homem que a seduziu» ultrapassa quase todas as marcas. É uma história de marcianos.

LAURO ANTÓNIO

FILMES CASTELLO LOPES apresenta um filme MGM

OS ESPIÕES DE HELICÓPTERO

(HELICOPTER SPIES)

Metrocolor

A última grande aventura de Mr. SOLO e ILLYA KURIAKIN os célebres homens da U. N. C. L. E.!

ROBERT VAUGHN
DAVID McCALLUM
CAROL LYNLEY
BRADFORD DILLMAN

com LEO G. CARROL
JOHN DEHNER • JOHN CARRADINE
e apresentando JULIE LONDON

Argum. de DEAN HARGROVE • Realiz. de BORIS SAGAL
Prod. de ANTHONY SPINNER • Produtor execut. NORMAN FELTON

Maiores de 12 anos

AMANHÃ ESTREIA EDEN

A MAIS APAIXONANTE AVENTURA DE UM NOVO «ASTRO» DE QUATRO PATAS

"DESCOBERTO" por Walt Disney para interpretar:

um MILHÃO de DÓLARES... numa COLEIRA

(THE MILLION DOLLAR COLLAR)

M/6 anos

TECHNICOLOR®

com GUY STOCKWELL
CRAIG HILL · ERIC POHLMANN
arg. de LOWELL S. HAWLEY
co. prod. HARRY TYTLE · realiz. VINCENT McEVEETY

um exclusivo SIF

EM EXIBIÇÃO NO ALVALADE

No programa: O maravilhoso desenho animado de WALT DISNEY «AS AVENTURAS DO SENHOR SAPO»

ARRUDA DOS VINHOS

(M/ 6 ANOS)

Amanhã, 16 de Agosto de 1968
Às 18 horas
(Seis da tarde)

CORRIDA DE SENSAÇÃO

O maior cartel de sempre nesta Praça por ocasião das festas de Nossa Senhora da Salvação

8 — Toiros do Ex.mo Sr. Marquês de Rio Maior

ESPADAS

JOSÉ JÚLIO
e
ARMANDO SOARES

CAVALEIROS

MANUEL CONDE
LUÍS M. DA VEIGA

Grupo de forcados-amadores académicos de Vila Franca de Xira

Preços:
Sombra, 80$00; Sol, 45$00

TELESCOLA
TELEFONE 831416

MONUMENTAL

HOJE — 2 SESSÕES: — 20.45 e 23 horas — AOS DOMINGOS A TARDE, ÀS 16 H. (ADULTOS)

VASCO MORGADO apresenta
UMA FABULOSA «REVISTA»
com
Camilo - Florbela - Nicolau
MARIA ADELINA ★ OCTÁVIO DE MATOS ★ YOLA ★ LINDA SILVA ★ CÉLIA DE SOUSA
AS ATRACÇÕES
MARIA TERESA QUINTA
VUM-VUM
UM EXCEPCIONAL
BALLET INTERNACIONAL DE 25 FIGURAS
GRAÇA! RITMO! E LINDAS MULHERES!

10.ª SEMANA

NESTA COMÉDIA O RISO NÃO TEM LEI! 2.º ANO de representações.
AGORA em PLENO ÊXITO no TEATRO
VARIEDADES

HOJE À NOITE ÀS 21.45 H.
T. 32 60 37
(ADULTOS)

LAURA ALVES em
A FLOR DO CACTO
com PAULO RENATO • CARLOS J. TEIXEIRA
ALINA VAZ • ANGELA RIBEIRO • ALEXANDRE VIEIRA • ALDA PINTO • NORBERTO DE SOUSA
encenação de SANTOS CARVALHO
Um espectáculo de VASCO MORGADO
DUAS HORAS DE RISO TOTAL E FELIZ

O espectáculo principia às 21.45 h. (prefixo)

TV DIA A DIA

O que vimos e ouvimos

ÓPERA — **Quanto ontem disse da emissão com a ópera «As Bodas de Fígaro», chegada de França, é o que me apetece dizer agora, com reforço para a história da fotonovela (aliás, João de Freitas Branco não anda muito longe das minhas intenções ao referir-se ás «trapalhadas e confusões» da intriga).**

É evidente que, nas «Bodas», Mozart é tudo e Lorenzo da Ponte quase nada. Tudo se transfigura e tudo como que se justifica na presença do génio. Na presença igualmente dos intérpretes da qualidade daqueles que, durante dois dias, abriram escola de pasmo e belo canto diante das câmaras de televisão.

É certo que, no aspecto televisivo, temos visto melhor em ópera. A «D. João», por exemplo, ainda não há muito tempo. Mas já aqui não está quem falou. Não quero pecar por desabusadas exigências. Venha Mozart, com um mínimo de dignidade e nós beijaremos as pedrinhas da calçada da Televisão.

É verdade. Agora estou a lembrar-me que no Trindade se canta agora «As variedades de Proteu», ópera que a nós, melómanos e portugueses interessa muito. Pergunto? Pergunto se foi rentável o levantamento da ópera para gáudio — ou bocejo — de meia duzia de alfacinhas? Não pergunto. Pergunto, humildemente, outra coisa: não é possívelzinho trazer tal ópera á televisão portuguesa?

Depois do sério, o riso. Muito bem. Dir-se-á que será contra-indicado apresentar duas longas metragens seguidas. Não foi. Já se pensou o que seria, depois de ouvir Rinaldi e Elisabeth Robson, ouvir os componentes de qualquer «TV Clube»? Não, não, seria insuportável!

Dany Kaye, está certo. Hoje fico para assistir aos seus «gags» de grande animador. Nas «Noites de Cinema», uma enfim há que não desvale a pena. — M. C.

«TV DIA A DIA»

Mário Castrim entrará, a partir de amanhã, num curto período de férias televisivas que se prolongará por duas semanas — findas as quais «TV dia a dia» regressará ao convívio quotidiano dos nossos leitores. Recuperar energias — eis o primeiro objectivo de M. C., para o que muito contribuirá, decerto, o afastamento temporário do vídeo.

HOJE PODE VER

● **Às 19 e 55: Teatro de Amadores**

Numa realização de Vítor Manuel, a R. T. P., apresenta hoje, a opereta intitulada «A Fonte dos Milagres», da autoria de Carlos Lopes, com musica de Cesário Salvador e Alves Coelho Filho, e que será interpretada pelo Grupo Cénico da Academia de Santo Amaro.

● **Às 21 e 55: TV Clube**

O TV Clube, desta noite, intitula-se «O Mundo a cantar», e serão interpretadas canções latinas pelo Grupo Vocal Feminino Harmonia, dirigido pelo prof. Friedrich Wilhelm Verner.

A apresentação do programa está a cargo de Pedro Moutinho.

TV FOGUETE — Telefone: 831223

Assistência permanente em Rádio e T. V. ao domicílio

RIA COM ELES...

FRANCO FRANCHI e **CICCIO** INGRASSIA

NA MAIS INCRÍVEL HISTÓRIA QUE O CINEMA APRESENTOU!

Um filme onde o riso começa na primeira cena... para só acabar quando surge a palavra FIM...

ESTA HISTÓRIA METE «BRUXAS» E UMA FAMÍLIA INTEIRA DE LEOPARDOS

POR ISSO SE CHAMA **OS FILHOS DO LEOPARDO**

EASTMANCOLOR

com EVI MARANDI e RAIMONDO VIANELLO

Real.: SERGIO CORBUCCI

ESTREIA HOJE ÀS 21,45

AVIS

M. 12 ANOS

TALMA FILMES

FESTIVAIS DE CANÇÕES SÃO «BLUFS» SÓ PARA ILUDIR O PÚBLICO

— afirmação «explosiva» de António Calvário

— *Se, por acaso, as minhas canções passarem á fase final do Festival de Aranda, está interessado em interpretá-las?*

Do lado de lá do fio, António Calvário respondeu:

— *Com certeza. Isso, até me honra. Canto diversas composições do Rocha Oliveira e sempre me adaptei ao seu estilo rítmico.*

● «Resende Dias fez lei por conta própria»

Foi assim que começou, para António Calvário, a viagem a Aranda del Duero, duzentos quilómetros para além de Madrid. Uma viagem

Calvário: adeus, festivais!

que António Calvário calculava como etapa final para o seu lançamento ante as plateias espanholas. Mas, a avaliar pelo estado de espírito do intérprete, as coisas não lhe correram á medida dos desejos.

— É verdade. Na apreciação prévia, realizada por um juri portuense, as duas canções que Rocha Oliveira compusera expressamente para a minha voz, foram seleccionadas. Os títulos? «O sol voltará» e «Seu amor, seu destino.» Estudei as canções, dei-lhes um tipo interpretativo e preparei-me para a deslocação. Eis senão que...

Calvário relembra os factos. Um por um. Diz:

— De repente, os organizadores (pelo lado português) entraram em contacto comigo. Creio que foi, nessa qualidade, que o maestro Resende Dias me informou que as entidades de Aranda del Duero não gostavam que um cançonetista interpretasse duas composições do mesmo autor e, assim, eu tinha de abdicar de uma das melodias escritas por Rocha Oliveira e aceitar outra composição de outro autor. Fiz-lhe ver que isto não lembrava ao diabo. E o maestro Resende Dias garantiu-me que era do regulamento e que todos tinham de o respeitar. Prossegue, sem uma pausa:

— Não havia remédio senão concordar. Mostraram-me então a cantiga que queriam que eu apresentase: «Um barco vem no mar», com a assinatura de António Almeida Garrett e Fernando Alvarenga, uma coisa sem pés nem cabeça, destituída de qualquer sentido comercial. Nem a letra conseguia caber na melodia. Numa palavra: canção de opereta-1900, só utilizável em programas de rádio, em «certos» programas de rádio, de há dez anos atrás. Quer dizer: Resende Dias fez lei por conta própria...

● «Estive para não ir a Aranda»

Segundo António Calvário, o maestro Resende Dias teria feito pressão para que o artista aceitasse a defesa de uma canção que não sentia. «Tenha calma, Calvário — teria dito o maestro portuense. — O ritmo vai ser alterado.»

Continua António Calvário a «explodir» as suas declarações:

— Até á ultima hora fui embalado neste cantar. Ainda na véspera da viagem, estive para abdicar do contrato: a orquestração dessa coisa chamada «Um barco vem no mar» continuava no mesmo estilo. Eu disse na minha etiqueta musical: «comuniquem á organização que me recuso a cantar em tal ritmo». Tornaram a dizer-me que não estivesse preocupado. E, como confiava em «O sol voltará», e sempre imaginei que essa canção passaria á finalíssima, parti para Aranda. Aí, esperavam-me duas surpresas de estarrecer: o infeliz poema e a péssima musica de «Um barco vem no mar» mantinham-se imutáveis e, por outro lado, o maestro Resende Dias era o primeiro a ter duas canções de sua autoria na boca de um mesmo intérprete. São: «Não me falem de amor» e «Não quero dizer adeus», na voz de Lenita Gentil. Abria-se, então, um precedente só para prejudicar o meu interesse e o de Rocha Oliveira?

● Júri: competente ou incompetente?

Porém, a grande indignação de António Calvário em referência a Aranda del Duero visa, sobretudo, a constituição do juri

— Além de Ferrer Trindade, que entende (realmente) de musica ligeira, que percebiam os outros quatro membros do juri? Conhecem, todos eles, notas de musica? Compassos? Orquestrações? Gostava de lhes fazer um «test»... Porque, eu sei. Aprendi...

Mais adiante.

— Foram constantes os atropelos ao regulamento. E, chegou-se a este extremo: apurar para a finalíssima algumas canções muito fracas para fortalecerem a candidatura de outras. Assim, tornou-se fácil lograr o objectivo do juri: dar o prémio mais chorudo á menos má das péssimas composições apresentadas.

Mudando de tom, António Calvário faz questão de salientar:

— Não estou revoltado contra esse prémio. O que me confrange é o partidarismo de um juri coligado

(Continua na página seguinte)

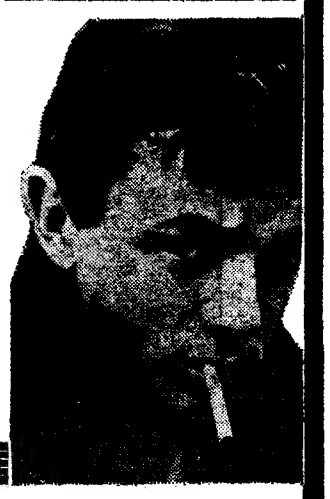
NOVO CASINO ESTORIL

apresenta

O SHOW SENSAÇÃO DE

ALFREDO ALÁRIA

UM DOS MAIORES NOMES DO "MUSIC-HALL" MUNDIAL



COM LIA UYA E NINA BRACCIO

E UM ELENCO DE GRANDES FIGURAS DO BAILADO MODERNO

TERRI KING

VEDETA AUSTRALIANA DA CANÇÃO

FREDIANI BROTHERS

HELENA TAVARES

no grande salão restaurante às 23.30h m/17 anos

no wonder bar à 1.00h m/21anos

EDUARDO NASCIMENTO E OS ROCK'S

PAUL KING'S COMBO

JORGE COSTA PINTO E SUA ORQUESTRA

No CINEMA, às 17 e 21.30 horas

O HOMEM QUE VEIO DO FUTURO (M. 12 anos)

ARTISTAS DE NOMEADA NO XII FESTIVAL DE SINTRA

Começa amanhã, prolongando-se até ao dia 3 de Setembro, o XII Festival de Sintra, organizado pela Camara Municipal e pela Comissão de Turismo com o patrocínio de diversos organismos oficiais.

O programa é preenchido por peças de grande interesse cultural e técnico que serão interpretadas por artistas de reputação internacional.

Os espectáculos têm início ás 21 e 30. O programa abre no Teatro Carlos Manuel, em Sintra, com a Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional, dirigida pelo maestro Silva Pereira. É solista o violinista russo Igor Oistrach.

No dia 19, no Palácio Nacional de Queluz, Oistrach dará um recital, acompanhado por sua mulher, ao piano.

No dia 21, no mesmo local, a Orquestra de Camara Gulbenkian, dirigida pelo maestro Giofranco Rivoli, dará um concerto, tendo como solista o violinista Jean-René Gravoin.

No dia 22, no Teatro Carlos Manuel, em Sintra, haverá concerto pela Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional dirigida por David Zinman, tendo como solista o pianista John Ogdon.

No dia 26, no Palácio Nacional de Sintra, o pianista Joaquim Achucarro dará também um recital.

Nos ultimos dias do festival haverá recitais, espectáculos de bailado, ópera e teatro« Actuarão o violinista Christian Férras, acompanhado pelo pianista Ambrosini (no dia 28 no Palácio de Queluz); o Grupo de Bailados «Verde Gaio» (no dia 29, no Teatro Carlos Manuel); a Companhia Portuguesa de Ópera (interpretando «O Barbeiro de Sevilha», no dia 31, no Teatro Carlos Manuel); o violoncelista Maurice Gendron, no dia 2 de Setembro, no Palácio Nacional de Sintra); e, finalmente, no dia 3, o Teatro Experimental de Cascais, representará, para encerramento do festival, «As Bodas de Sangue», de Lorca.

As declarações de António Calvário

(Continuação da página anterior)

para beneficiar um ponto de vista exclusivo

● «Abusaram do nome do Porto»

Sobre a canção «Um barco vem no mar», Calvário é categórico:

— Se a volto a cantar? Livra! Não quero ser pateado. Prezo o meu nome e o meu prestígio.

Logo:

— O meu melhor publico é o do Porto. Conto aí com excelente clã de «fans». O facto do juri ser quase exclusivamente local e haver beneficiado só os autores e intérpretes portuenses, foi uma coincidência de que o publico nortenho se alheou totalmente, já que nem teve direito a proferir qualquer voto na questão. Não viu (pela TV) nem ouviu (pela Rádio) nenhuma canção. E só soube, no dia seguinte, que tinham abusivamente usado o seu nome.

● O exemplo de «Coimbra»

«Deve rever-se a constituição dos júris de festivais de canções. Acabar com a presença de elementos que nem decorativos podem ser. Para já: todos os que estão ligados á música clássica quase detestam a música ligeira. Logo, vão para os júris com ideias preconcebidas. Note: eu gosto muito de música clássica. Adoro-a. Mas, sei conhecer os estilos em voga. Senão, tinha ficado nas «covas». Seria um desconhecido na minha profissão, tal como certos membros de certos júris...

— Então, como preconizava que deveria constituir-se um juri para Festivais?

Calvário não hesita:

— Incluindo nele dois jovens que entendam de música ligeira para grandes plateias. Mais: um cançonetista de valor (Simone? Madalena?) e um maestro habituado a dirigir artistas (Ferrer Trindade era a boa excepção de Aranda).

Explicando:

— O que basicamente interessa é a melodia. Acaso foi á custa do seu poema que «Coimbra» se transformou num êxito comercial ao nível mundial? Até lhe mudaram o título...

●

Apesar do insucesso de Aranda, os contratos chovem para Calvário. Ontem, em Beja. Hoje, lá para os Algarves.

— Em Portugal e Espanha (diz o artista) não concorrerei a mais nenhum Festival. A menos que as coisas mudem por completo. O que se está a fazer é uma falcatrua, um «bluff» que se destina a iludir o público. Veja-se: horas antes de qualquer «finalíssima» já toda a gente, em bastidores, conhece os resultados. Só o público vai enganado a um chamariz, a uma isca, manejada por oportunistas.

Quase a concluir, salienta António Calvário:

— Só actuarei como atracção, como o vou fazer em Aranda del Duero, daqui a dois anos: já fui convidado e já acertei no «cachet». Desta vez, um júri sem classificação mistificou a assistência: obrigou-me a cantar o que eu não gostava e, logo, fez criar a respeito do mais conhecido dos nomes portugueses ali em paralelo, uma ideia que só Deus sabe a quem beneficiou

Despedindo-se:

— Festivais? Só em representação oficial do meu País. No estrangeiro, e sem mais qualquer cançonetista português em concurso. Gosto de fazer serviço limpo: não pactuo com manobras esquisitas...

RICARDO MARQUES • CAMPEÃO DE PORTUGAL DA CLASSE «MOTH»

FUNCHAL, 15. — (A. N. I.) — É a seguinte a classificação final do Campeonato de Portugal de «Moths», disputado na baía do Caniçal (Madeira):

1.º, Ricardo Marques, 98 pontos; 2.º, Jaime Sacadura, 92,5 pontos; 3.º, José Valada Sousa, 88 pontos.

O melhor velejador madeirense, Rui Velosa, ficou em sexto lugar, com 61 pontos.

No Campeonato Internacional de Portugal a classificação foi a seguinte:

1.º, Jean Claude Stafler (França), 236,5 pontos; 2.º, Pierre Saint Jean (França), 220 pontos; 3.º, Denis Cospen (França), 219 e 1/4.

Os melhores portugueses foram: 5.º, Ricardo Marques, com 210 pontos; 8.º, Jaime Sacadura, com 194.

Ás provas apresentaram-se 53 concorrentes, sendo 9 belgas, 1 luxemburguês, 1 espanhol, 16 franceses e 26 portugueses.

Inscreveram-se 1 checo, dois alemães e dois norte-americanos, que não chegaram até agora e tudo indica que já não virão.

Hoje não há provas e amanhã começa a disputar-se o Campeonato do Mundo, com duas regatas diárias, caso o estado do tempo o permita, devendo esta competição terminar no domingo á tarde.

Cursos de Patrões de Costa

Encontra-se aberta, na secção de Desportos Náuticos da Brigada Naval, Rua do Arsenal, letra I, s/l, das 13 ás 19 horas e aos sábados das 10 e 30 ás 13 horas, até dia 15 de Setembro, a inscrição para a frequência dos Cursos de Patrões de Costa e Patrões de Alto Mar no ano lectivo de 1968-1969.

NECROLOGIA

FALECIMENTOS

Dr. Francisco Calheiros Lopes

Faleceu ontem na sua residência, na Avenida da Republica, 37, 1.º, o sr. dr. Francisco Calheiros Lopes, de 69 anos, médico, casado com a sr.ª D. Alda de Belo Rego Calheiros Lopes e pai das sr.as D. Ana Maria de Melo Rego Calheiros Lopes Ribeiro Ferreira, casada com o sr. dr. António Alberto Ribeiro Ferreira; D. Maria José de Melo Rego Calheiros Lopes Seixas Palma, casada com o sr. João Seixas Palma, e D. Rita Maria de Melo Rego Calheiros Lopes, e irmão do sr. eng.º António Calheiros Lopes, deputado da Nação. O ilustre extinto, que durante muitos anos exerceu o cargo de director dos serviços de otorrinolanringologia do Hospital de S. José, era actualmente administrador das Companhias Reunidas Gás e Electricidade, da Companhia da Lezíria do Tejo, da Petroquímica e da Companhia de Seguros «A Nacional».

O funeral realiza-se amanhã, ás 11 horas, para o cemitério dos Prazeres.

SUFRÁGIOS

Carlos d'Ornellas

Comemorando o 5.º aniversário da morte do jornalista Carlos d'Ornellas, que foi director da «Gazeta dos Caminhos-de-Ferro», e por determinação de sua família, foi, hoje, rezada missa por sua alma, na igreja de S. Domingos. Ao acto religioso, que teve começo ao meio-dia, assistram, além dos familiares do extinto, os componentes do corpo redactorial e das várias secções da referida Gazeta e amigos e colegas do saudoso jornalista.

Novo arruamento

Um novo arruamento a construir entre a Praça do Areeiro e a Rua Barão de Sabrosa, evitará aos numerosos automobilistas que transitam naquela zona da cidade a entrada na Avenida Almirante Reis, permitindo ligação ao troço oriental da Avenida Infante D. Henrique.

No entanto, as obras, já começadas, não poderão prosseguir enquanto não forem realojadas as famílias modestas que habitam a zona do traçado da nova avenida.

NUM BREVE ENCONTRO COM O CINEMA FRANCÊS

SÃO JORGE — PROGRAMAÇÃO RANK

VOLTA A APRESENTAR A PARTIR DE HOJE ÀS 21.30
A DISCUTIDA REALIZAÇÃO DE **CLAUDE LELOUCH**

ADULTOS

VIVER PARA VIVER

YVES MONTAND / ANNIE GIRARDOT / CANDICE BERGEN

Grande Prémio do Cinema Francês
Globo de Ouro — Associação da Imprensa de Hollywood

«...CONCLUINDO: UM FILME COM INTERESSE
VEJA-O E DISCUTA-O...» E. Prado — «D.ª Lisboa»

«... «VIVRE POUR VIVRE»... É, ANTES DO MAIS A CONSAGRAÇÃO DO JOVEM CLAUDE LELOUCHE COMO REALIZADOR...» C. — «D.ª Notícias»

«...E MAIS UMA VEZ, CLAUDE LELOUCHE NOS TRAZ AS EMOÇÕES
DELICADAS DE QUE É FEITA UMA AUTÊNTICA PAIXÃO...» F. «Século»

«... «VIVER PARA VIVER» MERECE OS ENTUSIÁSTICOS APLAUSOS DO
PÚBLICO SENSÍVEL À QUALIDADE DE UMA OBRA...» P. C. — «D.ª Popular»

TEATRO VILLARET

HOJE «matinée» às 16 horas e uma só sessão nocturna às 21.45 horas

DIVIRTA-SE COM RAUL SOLNADO NO DISPARATE CÓMICO

Oh, que delícia de COISA

ANA PAULA · BARROSO LOPES · FERNANDA BORSATTI · HENRIQUETA MAYA · LUIS FILIPE · CARLOS QUEIROS · FIALHO GOUVEIA

ADULTOS

ANDARES
EM MIRAFLORES (ALGÉS)

Dispondo de 4 e 5 assoalhadas. Acabamentos de 1.ª qualidade. Bem servidos por transportes colectivos. Boa vista para o mar. Visite um andar já concluído e se tiver qualquer problema exponha-nos que nós o estudaremos.

Lotes 90 — 130 e 131

Av. Principal de Miraflores (junto á Praça de Touros de Algés) — Telefs. 213102 - 212288

S. P. O. C. — Soc. Portuguesa de Obras de Construção, Ld.ª

POEIRA DE ESTRELAS

ANÓNIMAS

NO FIRMAMENTO DA TELEVISÃO

OS BARBEIROS SÃO BARBEIROS MESMO

O «décimo quinto», a barba, a mulher misteriosa ...e o mais que adiante se verá?

OS NOVOS PROCESSOS do tratamento do aço revolucionaram a arte de barbear. A modificação justificava campanhas publicitárias de larga envergadura. Numa dessas campanhas se incluía o filme dos 15 barbeiros que se barbeavam a si próprios, e todos eles, com uma única lâmina «shick». O «grupo dos 15», afáveis e sorridentes, posa para os telespectadores. Não vai ficar na memória das gentes como certos gloriosos «Quinzes» — o Luís, os de râguebi, etc. Sempre lhe cabe, porém, um instante de popularidade.

O repórter aproveita para cortar o cabelo. Estava a precisar, não há dúvida... O barbeiro, sr. Nogueira, faz parte do grupo dos 15, célebre em todo omundo televisivo

— Sim — diz-nos o sr. António Duque. — As pessoas conhecem-nos, na rua, nos eléctricos. É frequente ver dois olhos cravados em mim e ouvir sussurrar: «Olha, aquele é o ultimo dos quinze...»

O «ultimo dos quinze»: também o leitor, por certo, o recorda, á força de o ver no «écran», ao serão. Fresco, liso, barbeadissimo, sorridente. Uma rapariga passa-lhe a mão pela cara macia. Agora, sim: pode encostar-se áquela face sem o medo de se ferir no arame farpado...

O «ultimo dos quinze» está ali á nossa frente, integrado no ambiente de todos os dias, juntamente com três outros dos companheiros que também fizeram parte do «grupo»: Augusto dos Santos, o primeiro barbeiro a utilizar a lamina, José Martins Aguiar e Fernando Domingos Baptista Nogueira. São conhecidos em todo o bairro de Campo de Ourique, onde a barbearia fica instalada. Uma barbearia de nome insólito: «Penteados Elegantes»...

O sr. António Duque põe-nos imediatamente á vontade:

— Pode perguntar o que quiser. Faça-me lá a «barba» — bem escanhoada...

É boa a maré:

— Senhor Duque: há quem estranhe ver os barbeiros fazer a publicidade de uma actividade que pode prejudicá-los...

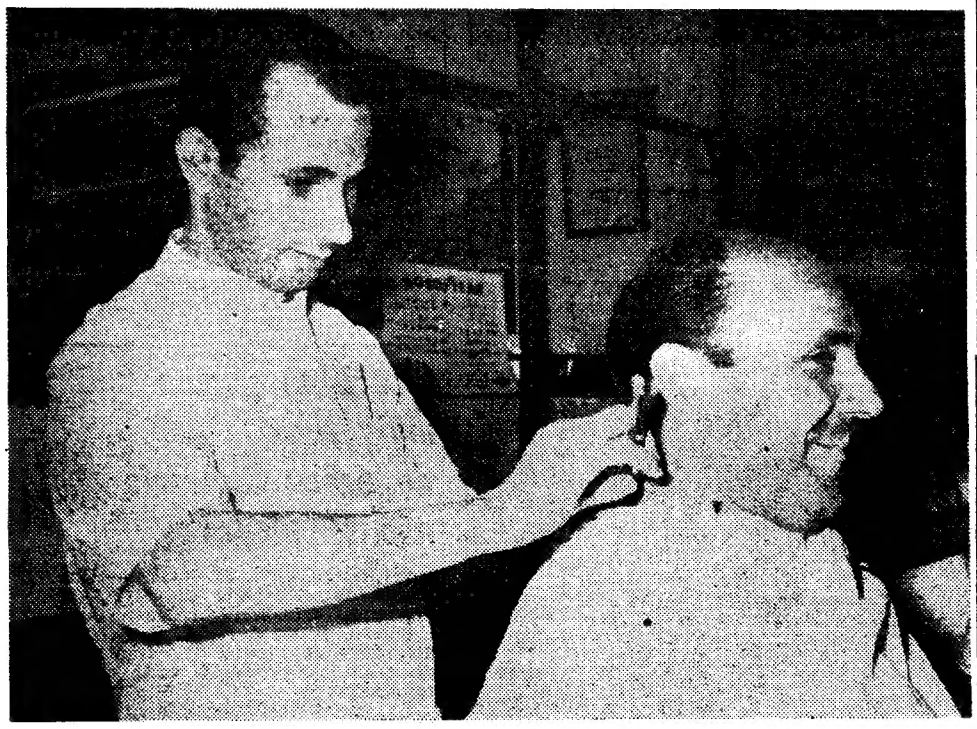
— É uma ilusão. A barba? Não nos prejudica nada. A barba não nos interessa. Repare: leva-nos quase tanto como um corte de cabelo. Corre-se, com ela, um risco muito maior. E o pagamento não compensa nada, nem ao menos o tempo perdido.

As ideias perfeitamente assentes, sem hesitação. O saber de experiência feito.

— Depois, você repare: não podia ser de outra maneira. Com as facilidades nos métodos de barbear, seria absurdo exigir que as pessoas se deslocassem á barbearia e gastassem nisso o tempo e dinheiro que podem poupar em suas casas e com maior comodidade.

Convictamente, e a resumir:

— Não. Não nos prejudica nada. Escanhoem lá a barbinha em casa — e Deus lhes faça crescer o cabelinho, que disso é que nós precisamos!



Os barbeiros também vão ao barbeiro. Aqui temos o décimo quinto «a submeter-se à operação do corte de cabelo em que (dizem-nos) é mestre. O barbeiro que opera também participou no filme dos 15»

«Nasci no Rio Torto, concelho de Valpaços. Vivo em Lisboa há 24 anos, já não podia viver sem ser aqui. Sai da terra para cumprir o serviço militar e nunca mais as raizes cresceram para mim no Rio Torto. Recordo-me que em pequeno passava pelas barbearias em Valpaços via os barbeiros á porta, ou a trabalhar, muito limpos, com a sua bata branca até aos pés e pensava em como devia ser boa aquela vida, ah, aquilo sim, aquilo valia a pena, eram uns lordes, os barbeiros... Assim barbeiro me tornei.»

— Arrependido?

— Nem lhe sei responder. A gente chega a uma altura na vida e até acha perigoso começar a pensar em certas coisas. Uma coisa seria o que eu pensava agora, outra coisa o que as coisas eram, em Valpaços, há cerca de 30 anos. Não há duvida de que eu gosto da minha profissão. Convivo, falo com as pessoas, crio amizades, há muitos fregueses que por assim dizer se tornam a nossa segunda familia. Ás vezes dou por mim a pensar: «Fulano já cá devia ter vindo. Estará doente?»

— Ainda considera o barbeiro um lorde?

— Deixe-me rir... Essa é uma das ilusões que já se foram. A nossa vida está cheia de dificuldades. Fale a qualquer dos meus colegas, por aí fora. Todos lhe dirão que a nossa situação tem de ser estudada com urgência. A profissão de barbeiro é hoje das mais ingratas e das menos remuneradas—sendo ao mesmo tempo das que desempenham maior papel na sociedade.

E com um gesto decidido:

— Acredite, meu caro: ou se começa a pensar a sério na revisão da situação dos barbeiros ou a profissão deixa de ter qualquer poder atractivo e toda a gente será «beatle» até aos tornozelos, o que não deve ser nada, mesmo nada agradável!

A importância de ser décimo quinto

— Sinceramente: tive prazer em colaborar nos filmes de publicidade ás laminas.

— Vaidade da fotogenia?

— Não. É sempre agradável trabalhar em qualquer coisa que não seja aquilo que fazemos todos os dias. E sem falsas modéstias, fiz «aquilo» com uma certa jeiteira. Não me atrapalhei nada.

— Frequenta muito o cinema?

— Uma vez por outra. A vida aqui derranca uma pessoa. Ao fim de quase dez horas de andar de um lado para o outro, de braços no ar, etc., uma pessoa fica derreado e só deseja umas sopinhas e um bocadinho de perna estendida.

— Sempre arranja tempo para se divertir. Ler, por exemplo.

— Nem por isso. Os jornais desportivos, o jornal diário, quando não há fregueses, ás vezes um romance policial. O meu principal divertimento é a televisão, com a vantagem de se poder, ao mesmo tempo, bater uma soneca. A minha mulher é que vê tudo e é uma grande critica.

— O seu «cachet» como actor de laminas é segredo?

— Talvez sim.

— Talvez não. Não disse que eu podia escanhoar?

— Está certo. Eu cá, recebi á volta de 1500 escudos. Cada um dos meus colegas recebeu 600.

— Porquê a diferença?

— Compreende: eu sou «o décimo quinto»...

«Cherchez la femme»

A tarde em meio era uma fornalha. Quem tinha uma sombra defendia-a bem. Nada convidava a sair de casa. O cabelo podia esperar mais um dia... Por isso, na barbearia «Penteados Elegantes» havia uma hora de pausa que os próprios barbeiros aproveitam para irem... ao barbeiro. E é o que faz o próprio repórter — porque «já estava precisado» e para alongar os dois dedos de conversa. É que havia ainda um problema por resolver, mas esse de carácter melindroso a exigir tacto ao nivel diplomático...

Como se lembram, há uma insinuante presença feminina a certificar a macieza da pele do «décimo quinto» depois da ultima barbeagem.

— É uma simpatia — lanço eu fogo ao rastilho. O sr. António Duque sorri, embevecido.

— Lá isso é...

— Conhece-a — qu foi apenas um contacto... de negócios?

— Não. Conheço-a. Conheço-a muito bem.

Fito-o com este meio sorriso «para consumo entre homens» e que faz parte do «código» quando se trata de sugerir a confidência de uma aventura. Claro que a confidência do «décimo quinto» não ficará registada na reportagem, não, nada de causar perturbações...

— Com que então conhece-a...

— Conheço.

E depois de uma pausa breve:

— É minha filha.

Lamina: aço bem temperado para trabalhar na superfície da pele. Mas a superfície das coisas nem sempre dá a realidade delas. Um simples filme publicitário: a verdade e a ilusão em meia duzia de metros de celuloide. Como nos filmes de longa metragem, não?

Em Férias

LEIA O

Diario de Lisbôa

«O JORNAL QUE FORMA E INFORMA O PÚBLICO»

ACEITAM-SE ASSINATURAS

PARA UM MINIMO DE OITO DIAS

(NÃO SE ENVIAM RECIBOS A COBRANÇA)

DO ESTRANGEIRO • DO ESTRANGEIRO • DO ESTRANGEIRO • DO ESTRA

APÓS UM DIA DE INTENSO TRABALHO O AMERICANO DE CORAÇÃO NOVO DIZ-SE EM EXCELENTES CONDIÇÕES

HANSTON (Texas) 15. — (A. N. I.). — Doze semanas depois de ter sido submetido a uma transplantação cardíaca no Hospital de São Lucas, em Houston, Louis J. Fierro, de 54 anos, teve um dia intenso de trabalho, num parque de venda de carros usados. No fim do dia, declarou que se sentia em excelentes condições.

Fierro é um dos seis sobreviventes das transplantações cardíacas realizadas pelo dr. Denton Cooley e o segundo operado a deixar o Hospital de São Lucas para começar um trabalho normal.

No mês passado, Everett Thomas, de 47 anos, antigo contabilista, começou a trabalhar regularmente como guarda-livros de um banco de Houston.

Os dois operados devem voltar ao hospital para tratamentos peroódicos por meio de medicamentos que evitam as rejeições.

Motor atómico para ajudar os corações doentes

SYDNEY, 15 — (R.) — Um motor atómico destinado a ajudar os corações doentes está a ser aperfeiçoado nos Estados Unidos, segundo revelou no congresso médico australiano o dr. Kinnier Wilson, director do centro de pesquisas londrino de membros artificiais.

O dr. Wilson disse que uma empresa americana de artigos de borracha aperfeiçoou um envólucro que se coloca em torno do coração humano e o ajuda a pulsar. O aparelho é accionado por um pequeno motor funcionando á base de urânio, que gera calor, o qual, por seu turno, produz vapor para fazer funcionar o coração.

Segundo o médico, tais aparelhos auxiliares têm mais possibilidade do que um coração inteiramente artificial.

Por seu turno o cirurgião neo-zelandês Barrat-Boyes, que foi dos primeiros a transplantar válvulas cardíacas, há seis anos, declarou ao congresso que o aperfeiçoamento de um coração artificial satisfatório está ainda muito demorado e afirmou que as transplantações de corações humanos continuam a ser a melhor solução para os próximos anos.

«Estou convencido de que se os imunologistas se preocuparem a fundo com o problema, toda a questão das transplantações cardíacas se tornará diferente dentro de cinco anos», afirmou.

Manifestações em Biafra

LAGOS, 15 — (F. P.) — Manifestações antiamericanas e antibritânicas realizaram-se ontem em todo o território de Biafra—anunciou a Rádio biafrense. Os manifestantes reclamaram a nacionalização de todos os bens americanos e britânicos existentes no país. Também criticaram a atitude da R. A. U. e da U. R. S. S.

Em contrapartida, a Rádio biafrense, pôs em relevo a declaração feita anteontem pelo Governo francês acerca da crise nigeriana e sublinhou que o presidente de Gaulle reafirmara o seu apoio á causa da independência de Biafra.

VIAGEM DE HUSSEIN A INGLATERRA PARA TRATAMENTO

AMMAN, 15 — (A. N. I.) — O rei Hussein da Jordania parte no sábado, de avião, para Inglaterra, a fim de ser submetido a uma operação de pequena cirurgia, que consistirá na extracção de um tumor — segundo foi hoje anunciado pelo palácio real.

O monarca sofre de um tumor crónico do maxilar superior, localizado junto de um molar. A inflamação que se declarou trouxe complicações que levaram á chamada de uma equipa de especialistas estrangeiros, os quais recomendaram uma intervenção cirurgica.

O palácio real informa que o tratamento de Hussein será feito em dois períodos, o primeiro requerendo cerca de uma semana de internamento num hospital britanico, o segundo a ser decidido uma vez apurados os resultados do primeiro tratamento.

CEAUSESCU CHEGOU A PRAGA

PRAGA, 15 — (R.) — O presidente Nicolau Ceasescu, da Roménia, chegou hoje a esta cidade, para uma visita de dois dias, durante a qual renovará o tratado de amizade entre o seu país e a Checoslováquia.

Milhares de pessoas encontravam-se no aeroporto para saudar o presidente romeno e numerosa multidão alinhava ao longo dos dez quilómetros de estrada até ao castelo de Hradcany, onde o visitante ficará instalado.

A visita de Ceausescu segue-se á do presidente Tito da Jugoslávia na semana passada. Os dois têm apoiado os dirigentes checos na sua política de liberalização criticada por Moscovo e ambos foram recebidos triunfalmente em Praga.

Nem a Roménia nem a Jugoslávia participaram na conferência de Bratislava, há duas semanas, durante a qual os dirigentes checos chegaram a um acordo de compromisso com a União Soviética e os outros países comunistas da »linha dura».

Neve em Agosto

BERNA, 15 — (F. P.) — A neve caiu abundantemente nos Alpes Suíços, nos cumes de Grimsel e de Turka. A camada atingiu mais de 20 centímetros. Pela primeira vez em dezenas de anos, nesta época, o aquecimento central foi aberto em muitas estações alpinas e também na capital federal, onde a temperatura desceu até aos 8 graus.

O avião de Paulo VI levará 12 horas de Roma a Bogotá

CIDADE DO VATICANO, 15 — (R.) — O apartamento papal a bordo do avião que transportará na próxima semana o Santo Padre a Bogotá será equipado com dois escritórios, três chuveiros e será forrado com tapeçarias brancas — revelaram hoje fontes da Santa Sé.

Detalhes da viagem não foram ainda oficialmente revelados, mas essas fontes disseram que o avião, um «Boeing 707-320-B», da companhia colombiana Avianca, descolará de Roma ás 4 e 40 da madrugada de 22 de Agosto.

Espera-se que chegue a Bogotá entre as 9 e as 9 e 30, hora local, após uma viagem de cerca de 12 horas.

O nome do avião é «Marechal Sucre», um dos «Libertadores» da Colômbia. Os sete tripulantes serão comandados pelo capitão Enrique Fajardo Beada. Haverá também uma tripulação de reserva de quatro homens.

O aparelho será equipado com uma cadeira de braços papal, feita especialmente para abrandar quaisquer solavancos durante o voo e com um leito onde o Santo Padre poderá repousar.

A parte do avião reservada a Paulo VI ficará imediatamente a seguir á cabina do piloto e, ao lado da sua cadeira, haverá um aparelho de rádio de alta frequência, através do qual o Sumo Pontífice poderá manter-se constantemente em contacto com o Vaticano.

Num outro compartimento contíguo, seguirão os 20 cardeais e outros prelados que acompanham o Papa na sua viagem mais longa ao estrangeiro.

Mais cerca de 70 pessoas, na sua maioria jornalistas, seguirão no avião. A bordo viajará, também, uma equipa de filmagem para realizar uma película sobre a viagem.

O aparelho, pintado de branco e tendo o escudo pessoal do Papa, sobrevoará a Espanha, Portugal, a Martinica e a Venezuela, no seu voo sem escala até á Colômbia.

Espera-se que o Santo Padre envie mensagens aos Governos dos países que o avião sobrevoará.

A passagem de avião do Papa custará meio milhão de liras (23 100 escudos). Após a viagem, o bilhete passará a pertencer aos arquivos do Vaticano.

O mobiliário e as tapeçarias a bordo do avião, assim como objectos em que o Papa mexer durante a viagem, serão mais tarde exibidos num museu especial das linhas aéreas colombianas.

Cientistas pedem mais voos de naves espaciais não tripuladas

WASHINGTON, 15 — (R.) — Um grupo de cientistas espaciais, da academia nacional americana das Ciências, pediu á N. A. S. A. que abandone os planos de exploração de planetas próximos com naves tripuladas

Os cientistas afirmam que a N. A. S. A deve concentrar os seus esforços em enviar o maior número possível de naves espaciais não tripuladas a diversos planetas. Um relatório da comissão espacial da academia diz que a presença do homem não é essencial para a exploração espacial nesta fase e discorda quanto á proposta para que o próximo objectivo do programa espacial norte-americano seja o lançamento de uma nave tripulada que passará por Marte, sem pousar ali.

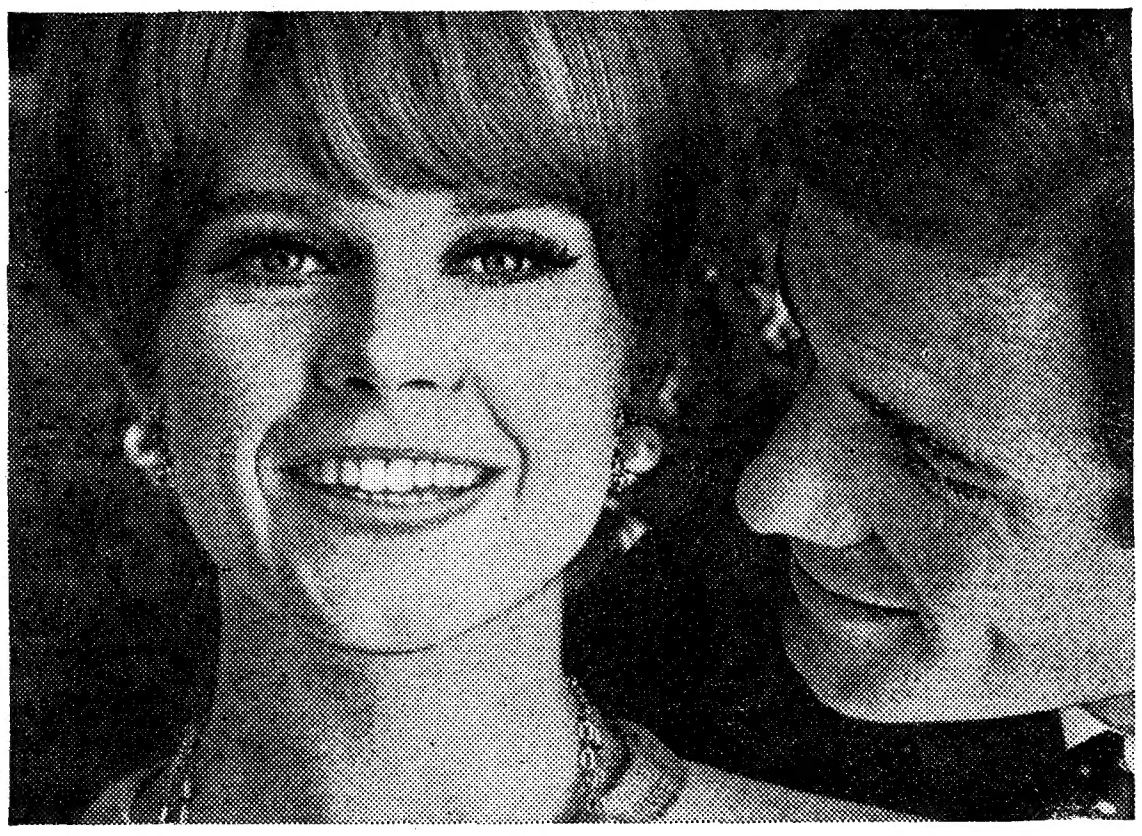
Os cientistas dizem que a N. A. S. A. deve abandonar tal projecto e empregar todos os seus recursos na exploração do maior número possível de planetas por meio de instrumentos.

Essa exploração tomaria a forma de voos orbitais em redor de Vénus e Marte e da possível descida de uma cápsula em Marte, dentro de cinco anos, com instrumentos para procurar sinais de vida

No mesmo ano, deveriam ser feitos lançamentos para os planetas Merúrio e Júpiter.

Mulheres elegantes, bem cuidadas, mas ela...ela tem

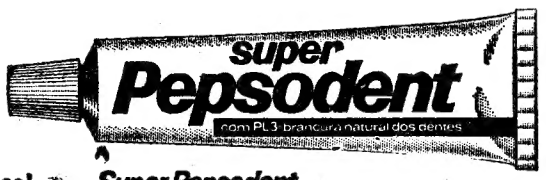
UM NÃO-SEI-QUÊ ESPECIAL



TEM UNS DENTES BRANCOS... BRILHANTES!

o adorável sorriso Pepsodent!

Que diferença! Fumar, comer e beber criam nos dentes uma fina película que escurece a sua brancura natural. Retire-a com Super Pepsodent... e sinta uma agradável sensação de pureza e frescura. Diàriamente, use Super Pepsodent para ser ainda mais bonita, mais segura de si, para ter mais sucesso!



Super Pepsodent com PL3 - brancura natural dos dentes

LEVER 68-PP-01

DO ESTRANGEIRO • DO ESTRANGEIRO • DO ESTRANGEIRO • DO ESTRA

LEVADO PARA LA PAZ O CORRESPONDENTE DA «TIME» E DA «LIFE» PRESO NA BOLÍVIA

LA PAZ, 14 — (A. N. I.) — Moisés «Mo» Garcia correspondente das revistas norte-americanas «Time» e «Life», foi trazido para La Paz, sob vigilância, depois de ter sido preso pelo Exército boliviano na área em que decorrem operações militares contra os guerrilheiros.

Um informador do Exército, o coronel Augusto Rios Rivero, declarou que Garcia tinha entrado sem licença na área de operações, para tomar notas e tirar fotografias sem a respectiva autorização. Garcia foi preso no domingo e tem estado na cadeia da localidade de Valle Grande.

A área em que o correspondente foi preso é a mesma em que o Exército boliviano abateu, em Outubro, Ernesto «Che» Guevara. Nessa altura, Garcia esteve naquela zona, para fazer a reportagem do acontecimento.

Limite de 320 km das águas territoriais de três países

QUITO, 15 — (R.) — A Câmara dos Deputados do Equador reafirmou a noite passada, por unanimidade, o limite de 320 km das águas territoriais, reivindicado em 1967 pelo Equador, Chile e Peru.

A Câmara protestou contra uma lei dos Estados Unidos suspendendo o auxílio económico a países latino-americanos, que apresam arrastões norte-americanos fora do limite das 12 milhas.

O Ministério equatoriano dos Negócios Estrangeiros aprovou a resolução da Câmara e classificou a lei norte-americana de «instrumento de pressão contra países que, nos termos dos seus direitos soberanos, impõem limites territoriais de 320 km».

Um aspecto do Muro de Berlim, que completou sete anos de existência.

Guarda permanente à residência do primeiro-ministro grego

ATENAS, 15 — (R.) — Agentes dos serviços de segurança montaram uma guarda permanente á residência, nesta capital, do primeiro-ministro grego, George Papadopoulos, que escapou na terça-feira a um atentado á bomba.

O coronel Papadopoulos, de 49 anos, o «homem forte» do golpe de Estado do Exército do ano passado, abandonou a sua vivenda no litoral em Lagonnissi, trocando-a pela segurança da sua residência nos suburbios de Atenas.

Foi na estrada costeira rochosa que conduz de Lagonnissi a Atenas que a bomba rebentou na terça-feira, pouco depois do automóvel do primeiro-ministro ter passado.

Turistas e veraneantes seguiram ontem para o local, a cerca de 50 quilómetros desta cidade, para verem a cratera deixada pela explosão. Foram cuidadosamente observados por um oficial da Marinha, que tinha instruções para deter qualquer pessoa que viesse a nado das rochas próximas.

INTERROGATÓRIO

A Polícia, entretanto, está, ainda, a interrogar Alexandros Panagoulis, de 29 anos, o homem preso imediatamente após o atentado bombista de terça-feira.

Ontem, á noite, um comunicado governamental revelava que Panagoulis enganara durante mais de 30 horas os seus inquiridores, fazendo-se passar pelo irmão, o oficial de «comandos» George Panagoulis.

Alexandros, segundo o Governo, é um soldado desertor do Exército grego. A comunicação oficial da noite passada dizia que Alexandros era parecidíssimo com George Panagoulis e até chegara mesmo a conseguir enganar os camaradas oficiais de seu irmão mais velho, contando diversos casos da sua carreira.

A descoberta da mistificação solucionou o mistério que existia desde o atentado de terça-feira: Como um oficial de «comandos», treinado no emprego de explosivos, podia ser tão inepto como detonar a bomba após o carro preto do primeiro-ministro ter passado.

DESMENTIDO

As autoridades desistiram agora da esperança de encontrar o barco a motor, que aguardava ao largo da costa, na altura da explosão, no qual se afirma que Panagoulis planeava fugir.

Notícias não confirmadas diziam que mais de 100 pessoas foram presas, mas um funcionário governamental desmentiu-as e afirmou que «o numero dos presos não excede 10».

APELO DO COMANDANTE DO «PUEBLO»

HONG-KONG, 15 — (R.) — A agência noticiosa central norte-coreana anunciou hoje que uma conferência de Imprensa se realizou, na terça-feira a pedido de toda a tripulação do navio «Pueblo».

A Coreia do Norte apresou o «Pueblo» em 23 de Janeiro último e afirmou que o barco estivera empenhado numa missão de espionagem dentro das suas águas territoriais.

Falharam todas as diligências feitas até agora pelos Estados Unidos para conseguir a libertação dos 82 tripulantes.

O comandante Bucher foi citado pela agência como tendo dito: «Esperamos, através desta conferência de Imprensa, em primeiro lugar informar os nossos familiares e o povo americano de que toda a tripulação se encontra bem e dispõe das condições adequadas para viver.

«Em segundo lugar, queremos manifestar o nosso intenso desejo de nos reunirmos ás nossas famílias o mais brevemente possível e, assim, fazemos daqui um apelo ao povo dos Estados Unidos que incite o nosso Governo a tomar as medidas apropriadas que nos permitam regressar a casa.»

A Coreia do Norte tinha anunciado que os homens seriam libertados se os Estados Unidos apresentassem desculpas pelo incidente e dessem garantias de que não se repetiriam no futuro actos semelhantes.

AUMENTA O APOIO A HUMPHREY

WASHINGTON, 15 — (F. P.) — O vice-presidente Hubert Humphrey já tem garantidos 800 dos 1312 votos que lhe são necessários para obter a investidura do Partido Democrático para a eleição presidencial — indica uma contagem efectuada pela agência Associated Press. Teriam aderido a Humphrey, nos ultimos dias, cerca de 50 delegados.

Segundo a mesma contagem, o senador Eugene McCarthy pode ter garantidos 436 votos, enquanto o ultimo candidato, George McGovern, não dispõe, por enquanto, senão de 28 votos, dos quais 26 são da sua delegação do Dakota do Sul, Estado que representa no Senado.

CANDIDATOS DO SUL À VICE-PRESIDÊNCIA

ATLANTA (Geórgia), 15 — (R.) — Os presidentes do Partido Democrático em seis Estados do Sul rediguiram uma lista de sete sulistas que, segundo afirmam, serão aceitáveis como candidatos á vice-presidência.

Nessa lista figuram os nomes dos governadores John Connally, do Texas, Buford Ellington, do Tennesse, John McKeithen, da Louisiana, e Robert McNair, da Carolina do Sul, e dos antigos governadores Carl Sanders, da Geórgia, e Terry Sanford, da Carolina do Norte, e do senador George Smathers, da Florida.

VAI AUMENTAR EM ESPANHA O SALÁRIO MÍNIMO

CORUNHA (Espanha), 15. — (A. N. I.) — O Conselho de Ministros, reunido sob a presidência do generalissimo Franco, estudou uma nova lei de combate ao terrorismo e ao banditismo — anunciou o ministro da Informação, prof. Fraga Iribarne.

O ministro acrescentou que o conselho decidiu suspender em 1 de Outubro a proibição dos aumentos de salários e elevar para 101 pesetas, a partir de 1 de Janeiro de 1969, o salário mínimo diário.

O prof. Fraga Iribarne não mencionou o caso de Gibraltar entre os assuntos tratados no Conselho de Ministros.

O CAIRO PROCURA PÔR TERMO AO ESTADO DE BELIGERÂNCIA COM ISRAEL

— SEGUNDO O «NEW YORK TIMES»

NOVA YORK, 15 — (R.) — Diplomatas ocidentais altamente colocados afirmam que a República Árabe Unida está a procurar por vias indirectas acabar com o estado de beligerância com Israel, segundo afirma hoje o «New York Times».

O correspondente do jornal em Nicósia, Eric Pace, diz que uma proposta nesse sentido teria sido apresentada ao dr. Gunnar Jarring, representante especial da O. N. U. no Médio Oriente.

O estado de beligerância poderia ser liquidado mediante uma «declaração de paz» apoiada pelo Conselho de Segurança e pelas quatro grandes potências.

Segundo o correspondente, esta sugestão da R. A. U. teria por fim evitar a assinatura de um tratado de paz entre os países árabes e Israel.

REPRESÁLIA ÁRABE

(Continuação da 1.ª página)

lotos se arriscam a participar «numa conspiração sionista contra o mundo árabe».

EM LOCAL DESCONHECIDO OS «MIGS» SÍRIOS

BEIRUTE, 15 — (A. N. I.) — A aterragem de dois «Migs 17» da Força Aérea síria em território israelita, na segunda-feira, «deve-se apenas a um erro de navegação» — e Israel «não pode considerar os pilotos prisioneiros de guerra» — afirmou, em entrevista difundida pela Rádio de Damasco, o chefe do estado-maior das Forças Armadas sírias.

Notícias chegadas a Beirute revelam que Israel tem mantido os dois aparelhos sob a máxima segurança, desde que eles desceram no seu território, tendo-os transferido do quase abandonado aeródromo em que aterraram para um local desconhecido.

A cidadela de Hué foi bombardeada

SAIGÃO, 15 — (F. P.) — Os «vietcongs» recomeçaram hoje os bombardeamentos, atacando, com fogo de morteiro quatro objectivos, um dos quais a cidadela imperial de Hué.

O maior bombardeamento visou duas posições sul-vietnamianas na província de Long Khanh, a 80 km a nordeste de Saigão. Teria havido mais de oitenta mortos e feridos.

AUMENTOU O PODER DA ESQUADRA SOVIÉTICA NO MEDITERRÂNEO

NÁPOLES, 15. — (F. P.) — «A força naval soviética no Mediterrâneo passa a ter a possibilidade de atacar unidades de superfície com mísseis», declarou ontem em Nápoles o almirante William J. Martin, ao passar o comando da Sexta Esquadra americana no Mediterrâneo para o almirante David C. Richardsson.

A U. R. S. S. «é capaz», precisou o almirante americano, «de empreender operações anfíbias limitadas, de bloquear portos, ou vias marítimas e manter independentemente das forças terrestres uma força naval apreciável».

APROVEITE AS SUAS FÉRIAS

leia três obras fundamentais de
MIGUEL ANGEL ASTURIAS
PRÉMIO NOBEL 1967

FIM DE SEMANA NA GUATEMALA
O SENHOR PRESIDENTE
LENDAS DA GUATEMALA

publicações dom quixote

PEDIU O DIVÓRCIO O MARIDO DE CARROL BAKER

LOS ANGELES, 15 — (A. N. I.) — O realizador cinematográfico Jack Garfein apresentou ontem uma acção de divórcio contra sua mulher, a actriz Carroll Baker, acusando-a de o tratar com «extrema crueldade».

Garfein, que conta 38 anos, pede que os dois filhos do casal, Blanche de 11 anos, e Herschal, de 10, fiquem a seu cuidado e que Carroll Baker seja impedida de levar os filhos para fora da Califórnia. Carroll Baker, de 37 anos, vive habitualmente em Roma (Itália).

SÓ UMA NOVA AEROGARE EVITARÁ O ESTRANGULAMENTO NO AEROPORTO DE LISBOA

—ACENTUA-SE NO RELATÓRIO DA T. A. P.

Reune-se na segunda-feira, a assembleia geral da empresa Transportes Aéreos Portugueses (T. A. P.), para discutir, aprovar ou modificar o balanço e contas, o relatório do conselho de administração e o parecer do conselho fiscal, do exercício findo em 31 de Dezembro ultimo, e para eleger um componente do segundo dos referidos conselhos. Segundo as cláusulas estatutárias, termina o seu mandato o vogal do conselho fiscal, eng.º Gaspar de Queirós Ribeiro Vaz Pinto. Os estatutos permitem, contudo, a sua reeleição.

Assinala o conselho de administração no seu relatório, distribuído pelos accionistas, que «o facto mais notável da actividade da Companhia no ano de 1967 foi, sem dúvida, a viagem de S. S. o Papa Paulo VI entre Roma e a Base Aérea de Monte Real (Fátima), efectuada no dia 13 de Maio, a bordo do avião «Caravelle CT-TCC-Diu». Em páginas especiais, a fotografia de Paulo VI e outras do acontecimento.

*

Verifica-se, pelo pormenorizado documento, quanto á evolução do tráfego, que o número de passageiros durante o ano transacto foi de 536 041 (mais 98 779 ou 22,6 por cento do que em 1966 e um pouco superior ao dobro do total transportado em 1964); e avalia-se do notável movimento da companhia, assinalando que a média diária anual dos passageiros transportados em 1967 foi de 1469, contra 1198 em 1966, tendo-se verificado no mesmo de Agosto a média diária mais alta, com 2082 passageiros, contra 1685 em Agosto de 1966. O número de quilómetros voados nos serviços regulares foi de 16 883 493, o que representa um aumento de 3 010 004, ou seja, 21,7 por cento em relação a 1966, e é equivalente a 2,4 vezes o número de quilómetros voados em 1962. O tráfego expresso em passageiros-km transportados foi de 1 047 583 869, apresentando assim um aumento de 216 622 936, ou seja, 26,1 por cento em relação a 1966, e o tráfego expresso em toneladas-km transportadas foi de 107 789 320 (aumento de 26 648 142 ou seja, 28,1 por cento, em relação a 1966). São, assim, representativos os números do tráfego em passageiros-km e toneladas-km superiores ao dobro dos correspondentes valores de 1964.

*

Relativamente aos resultados da exploração, o relatório acentua que a receita total foi, em 1967, de 1 445 481 683$93, e despesa de 1 393 656 355$95, o que representa um aumento de 25,1 e 21,1 por cento. O saldo líquido, de 51 825 327$98 dá, em relação ao ano anterior, um aumento de 1 534 221$46.

Para o saldo, o conselho de administração propõe a seguinte aplicação: fundo de reserva legal: 2 591 626$40; corpos gerentes: 1 554 759$80; reserva especial: 25 000 000$00; fundo de reforma e sobrevivência: 4 129 518$78; dividendo ás — acções iniciais: 10 800 000$00; acções do 1.º aumento de capital: 7 749 783$00.

*

Largas referências sobre a chamada política aérea nacional, ressaltando a necessidade da sua definição se encontram no relatório, no qual se lê, a certa altura: «A medida que o tempo vai passando, verificamos que o assunto tem ocupado uma parte cada vez mais importante no conjunto das nossas preocupações. «A rápida evolução verificada no mais recente sector da nossa actividade e que tenderá a tomar importancia crescente — o Atlantico Norte — chamou já a atenção das autoridades competentes. A exploração da linha Lisboa-Nova York foi iniciada em Junho de 1966 em regime de ocupação de espaço nos aviões de outra companhia, prevendo a operação, com aviões próprios, de quatro voos semanais em 1968 e um voo diário em 1968. Convém referir que a TAP tem de enfrentar, nas relações com os Estados Unidos da América, a concorrência não de uma, como seria normal, mas de duas companhias americanas, além de que, do lado europeu, nada menos de quatro companhias estão também usufruindo direitos de tráfego entre Lisboa e Nova York, constituindo assim uma forte concorrência adicional, á custa de direitos de tráfego que deveriam ficar adstritos ao transportador nacional». E ainda: «Se se levar em conta, por outro lado, que essas companhias pertencem a países mais poderosos ou mais progressivos do que Portugal; que estão todas há muito tempo estabelecidas no mercado; que são todas de maior dimensão que a T. A. P. e que três delas alinham entre os maiores transportadores aéreos mundiais, pode ter-se uma ideia bastante completa do esforço que a T. A. P. é chamada a desenvolver para ocupar a posição que legítimamente lhe deve competir.»

*

Aludindo á colaboração da T.A.P. na elaboração do III Plano de Fomento, no sector em que directamente lhe interessa, diz-se, em especial, no relatório «que foi feita uma análise dos estrangulamentos no tráfego aéreo que se verificam nos aeroportos de Lisboa, Santa Maria, Funchal e Beira. No de Lisboa, as instalações actuais para registo e despacho de passageiros, já funcionalmente ultrapassadas, mesmo incluindo o novo pavilhão, agora em vias de conclusão, afastar-se-ão cada vez mais das necessidades do tráfego a que se destinam, criando assim um estrangulamento crescente. Acrescenta-se que «tal estrangulamento só poderá ser atenuado e eventualmente dominado pela construção de uma nova aerogare e de novas áreas de estacionamento de aviões em prazo tão curto quanto possível. Tendo, entretanto, sido aprovado, com parecer favorável da Camara Corporativa, o Plano Director da Região de Lisboa, no qual ficou reservado um espaço para a futura construção de um novo aeroporto no sul do Tejo, pôs-se o problema de saber se, na hipótese de ser decidida em breve essa construção, as obras da nova aerogare deveriam ser ou não suspensas. Pelas razões indicadas e tendo em vista o longo período que a realização de um tão importante projecto envolverá, é óbvio que as obras em referência são indispensáveis em qualquer hipótese. De resto, por uma apreciação prévia do problema feita pelos serviços da companhia com base nas previsões de tráfego, disponíveis, concluiu-se que, admitindo como satisfatóriamente resolvidos, no futuro próximo, os problemas de «contrôle» de circulação aérea e de espaço, tanto na placa de estacionamento como na aerogare, o actual aeroporto de Lisboa não deverá ficar saturado antes de 1985».

IMPÕE-SE A REVISÃO DA POLÍTICA AÉREA NACIONAL

Mais do dobro dos passageiros da TAP do que em 1964

●

Ascende a 51 825 contos o saldo líquido da gerência do ano findo

Aspecto das ru

MERÓBRIGA: COM BANHOS

O santuário que foi para os romanos residentes ao Sul do Tejo o que é hoje Fátima para os portugueses está a ser devassado por dezasseis raparigas de Lisboa e do Porto e por três ingleses e dois portugueses, todos estudantes, acompanhados por uma brigada de 32 camponeses da região (Santiago de Cacém) e dirigidos por um arqueólogo proeminente, na edição-1968 das suas escavações.

Embora os actuais habitantes de Santiago de Cacém acreditem que nos arredores da sua vila se encontram as ruínas do que foi uma importante cidade romana, a verdade é que arqueólogos da categoria de um prof. dr. D. Fernando de Almeida ou do prof. Garcia Benigo, da Universidade de Madrid e uma das mais eminentes autoridades arqueológicas no que respeita á romanização da Península são da opinião que as ruínas são de um santuário que teria ali existido nos séculos III-IV, a. C.

«Como num raio de cinco quilómetros aparecem muitos objectos romanos, os habitantes julgam que nesses locais existirão ainda casas e ruínas no subsolo, mas isso não é provável» — afirmou sobre isto o prof. Fernando de Almeida, que conseguiu já reconstituir o que seria a planta original do aglomerado.

A face

A maior importancia das ruínas de Meróbriga provém do facto de ser um santuário, do qual restam ainda os seus nítidos vestígios no topo de uma colina da qual se avista grande área de campos planos em redor.

Um dos templos, talvez dedicado a Esculápio, o deus da Medicina (segundo parece revelar uma inscrição descoberta no local) encontra-se na Acrópole; descendo umas escadas de revolução dupla com um patamar intermédio e que conduz a um vasto terraço que foi pavimentado por mármores de São Briços, cujos lambris ainda hoje se podem admirar.

De cada lado deste templo são também visíveis numero-

sas construçõ
consagradas ao
tro templo. de
micircular igu
do no cimo da
por uma larga
via romana. p
tacta. Uma out
duz a uma sé
ções igualment
ainda não tota
tituídas. Uma
da conduz ao
onde existe un
mano em bon
solo e paredes
tas de mármo
encontrados fre
no seu estado
litam apreende
ginal típico, de
construções. U
ponte romana
do de uso atrav
ecica de um
templo a Esculá
cobertas as ruí
co romano com
ra 20 mil pes
está intacto. Ma
reno onde se e
não foi adquiri
do, o prof. Fe
meida depois
primárias teve
área, encontrar
temente na sít
deiro do local.

Foram descob
inscrições votiva
fragmentos de e
cos, ceramicas
ricas, campones
moedas e dinhei

As escavações
estar terminada
um aspecto mui
região, cujos ha
certos de sob a
nhas de Santia
existirem ruínas
de cidade roma

— Isso é pur
prof. Benigo, d
que isto era pu
mente um santu
nhos (lá está o
corridas (tambe
circo). Está. po
«face» actual de
ruínas romanas
mente jovens e
cionais e estran
lado com camp
vem à terra em
abrigam ainda
Chão Salgado.

Quanto á orig

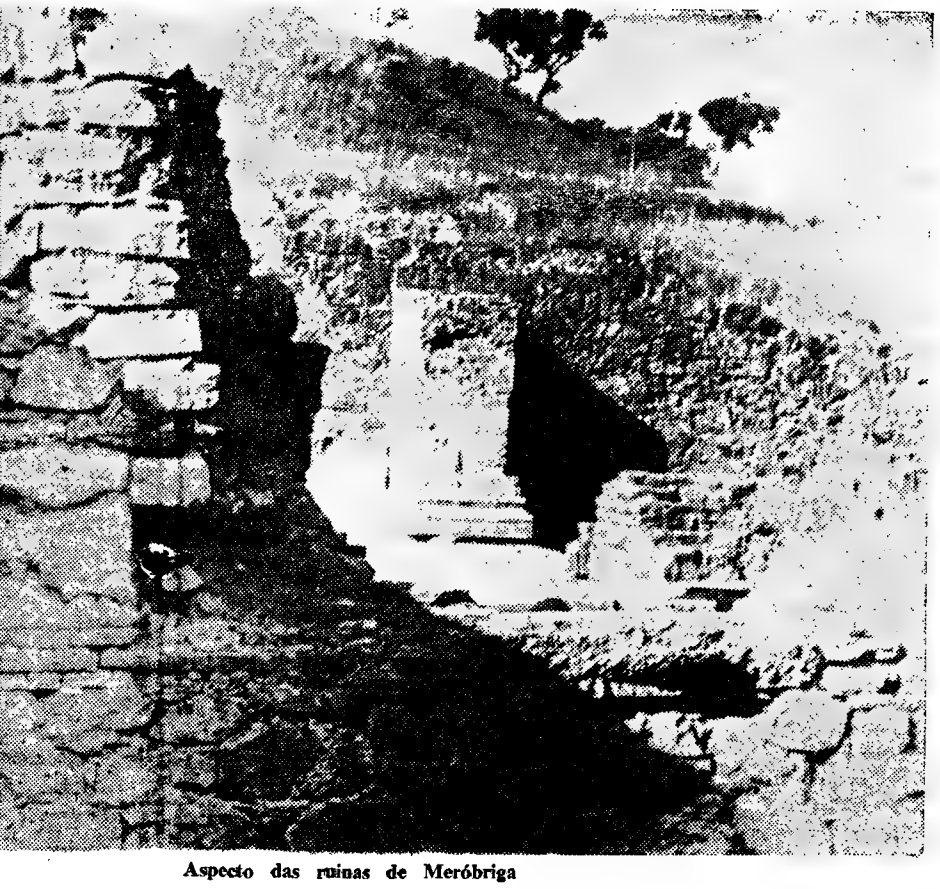
S SOPAL
SALDOS — SALDOS
A PARTIR DO DIA 16
EM TODAS AS SECÇÕES
E
PRONTO A VESTIR
RUA IVENS, 58-64 – LISBOA TELEF. 370166-7-8-9

Ourivesaria da GUIA
UM NOME NA OURIVESARIA PORTUGUESA
RUA D. DUARTE, 4-B
(Edifício do Hotel Mundial)

CHOCOLATES TAGIDES
BARREIRO • LISBOA • QUELUZ

CHAVE D'OURO
O MELHOR CAFÉ...

RELÓGIOS OMEGA
Agência Oficial
OURIVESARIA PIMENTA
Rua Augusta, 253 — Tel. 32 45 64



Aspecto das ruinas de Meróbriga

ÓBRIGA: O SANTUÁRIO BANHOS E CORRIDAS

para os
Sul do
ima pa-
á a ser
is rapa-
Porto e
ois por-
idantes,
a briga-
a região
e diri-
go proe-
968 das

habitan-
Cacém
rredores
tram as
ma im-
a, a ver-
s da cá-
dr. D.
ou do
da Uni-
e uma
utorida-
que res-
da Pe-
que as
ntuário
nos sé-

e cinco
muitos
habitan-
s locais
ruínas
não é
sobre
de Al-
já re-
a plan-
ado.

cia das
provém
ntuário,
os seus
ôpo de
e avista
os pla-

vez de-
deus da
rece re-
escober-
a-se na
mas es-
pla com
o e que
terraço
or már-
, cujos
podem

templo
número-

sas construções antigamente consagradas ao culto. Dum outro templo, de aparência semicircular igualmente elevado no cimo da colina desce-se por uma larga escadaria até á via romana, práticamente intacta. Uma outra estrada conduz a uma série de construções igualmente romanas mas ainda não totalmente reconstituídas. Uma terceira estrada conduz ao fundo do vale onde existe um balneário romano em bom estado, cujo solo e paredes foram recobertas de mármore. Foram ali encontrados frescos. As termas no seu estado actual possibilitam apreender o plano original típico, deste género de construções. Uma pequena ponte romana típica em estado de uso atravessa o vale. A cerca de um quilómetro do templo a Esculápio foram descobertas as ruínas de um circo romano com capacidade para 20 mil pessoas. O plano está intacto. Mas como o terreno onde se encontra ainda não foi adquirido pelo Estado, o prof. Fernando de Almeida depois das sondagens primárias teve que recobrir a área, encontrando-se presentemente na situação de rendeiro do local.

Foram descobertas inumeras inscrições votivas e funerárias, fragmentos de esculturas, frescos, ceramicas neolíticas, ibéricas, camponesas e romanas, moedas e dinheiros, joias, etc.

As escavações estão longe de estar terminadas. Esse é até um aspecto muito criticado na região, cujos habitantes estão certos de sob as colinas vizinhas de Santíago de Cacém existirem ruínas de uma grande cidade romana.

— Isso é pura fantasia. O prof. Benigo, de Madrid, crê que isto era pura e simplesmente um santuário com banhos (lá está o balneário) e corridas (também lá temos o circo). Está, pois, traçada a «face» actual de Meróbriga, as ruínas romanas onde actualmente jovens estudantes nacionais e estrangeiros, lado a lado com camponeses revolvem a terra em busca do que abrigam ainda as colinas de Chão Salgado.

Quanto á origem de Meróbriga, diz o prof. dr. D. Fernando de Almeida:

— A origem deste santuário deve ter sido qualquer epidemia que levou os romanos ao Sul do Tejo a prometerem erigir um templo a Esculápio, o deus da Medicina. Este templo seria para os romanos ao Sul do Tejo de uma extrema importancia, como de resto se pode concluir pela lotação do circo. E tinham balneários, o que falta ainda hoje em Fátima.

Plínio, «O velho», escritor que anotara tudo quanto ouvia e via e foi «procurator» da Hispania Citerior no tempo do imperador Vespasiano refere-se a Meróbrica entre os «oppida» (fortificações), a qual deveria existir entre Alcácer e Sagres. Tudo indica que seja esta. A importancia das ruínas de Santiago têm sido assinaladas ao longo dos tempos. O sábio dr. José de Vasconcelos ligou ás ruínas «muita importancia» e nelas desejou «proceder a escavações metódicas», o que nunca veio a concretizar.

Há 20 anos, o dr. João Cruz e Silva, de Santiago de Cacém, investigou, auxiliado por amigos, o perímetro das ruínas. Foi ele quem encontrou o que hoje é explorado sob a direcção do arqueólogo D. Fernando de Almeida que, em 1959, tomou a direcção das investigações e que pretende ser o grande animador das mortas ruínas seculares, através de realizações, como corridas de cavalos á romana e outros.

Torre de Babel

João Medina

CONFISSÃO DUM POETA

Dizia-me um poeta:

— Para que serve a poesia? Para nada. Tal como a torre de Pisa, a poesia faz parte da nossa tradição cultural, de modo que as pessoas lêem poemas da mesma maneira que vão à Itália constatar que efectivamente a torre está inclinada. Se a poesia não serve para nada, porquê então fazê-la? Mistério. Talvez Raymond Queneau tenha razão quando escreve:

«Quando os poetas se entendiam acontece-
-lhes en-
Tão pegarem na caneta e escreverem um po-
Ema compreende-se portanto que por vezes
a poesia cha-
Teie um tanto a poesia a po
Esia.»

Mas convém não perder de vista que Queneau é, também ele, um poeta, um homem que alinha palavras numa folha de papel. E o que são elas, essas Palavras? São areia. De modo que toda a literatura não passa de castelos que uns senhores infantilmente graves se entretêm a erguer à beira do mar do Tempo perdoe-me a mediocridade desta metáfora...). Que podem as Palavras, que pode a Poesia? Nada, nada, nada. Contra a morte, a dor, a fadiga, a miséria, a opressão, o desespero, que podem efectivamente uns sinais dispostos de certa forma arbitrária em folhas de papel? Todos os poemas me lembram as inscrições amorosas incisas na casca das árvores, seguidas dum coração atravessado por uma flecha: «Jacinto & Teresinha, Maio de 1953...» Ridículo e triste, sobretudo se pensarmos que há no mundo coisas mais importantes do que aquele Jacinto e aquela Teresinha mùtuamente apaixonados e que decidiram confiar à memória vegetal epidérmica um sentimento que só interessa dois bípedes dois pequenos bípedes transitórios.

Queriam os surrealistas que as Palavras fossem tiros de revólver. Tiros de revólver? Mas que podem as palavras, as folhas, os livros, contra as mandíbulas da Morte, da injustiça, do horror? Nada. Tiros de revólver... que comédia! que megalomania! Pessoalmente, embora escreva livros de poemas há mais de trinta anos, só compreendo a poesia como a entendiam certos antigos monges budistas que, escritos uns versos a tinta-da-china em folhas de papel, as lançavam depois ao rio. Aí está: o nada devolvido ao nada, a palavra reduzida ao jogo que ela, afinal, é. Não dizia Fernando Pessoa que livros são papéis pintados com tinta? Como compreender que os homens levem a sério esses papéis, os encadernem, os venerem, os citem, os comercializem? Antigamente, sim, os homens julgavam que a voz de Orfeu podia mover as rochas dobrar as árvores e comover os brutos. Mas hoje, depois de vinte séculos de civilização cristã, haverá ainda quem acredite nessas balelas helénicas?

Porque é que eu escrevo? Por vício. Como certos fumadores persistem na intoxicação tabágica apesar de tudo quanto lêem sobre os malefícios do tabaco. Por vício e por fraqueza: os meus amigos convenceram-se de que sou um poeta; se lhes dissesse que a poesia é passatempo, fatuidade e delírio, não iria destruir neles uma imagem cultural, quase que sociológica, em que acreditam? Continuo assim a escrever poemas do mesmo modo que Meslier continuou a dizer missa depois de ter escrito o testamento dele: por hábito, por tacto, por conveniência, por fraqueza.

Muitas vezes me pergunto: para onde vão, que «fazem» os meus poemas? Imagino então então um livro meu nas mãos de alguém. E depois, que acontece? O leitor leu, fechou o livro e foi à vida dele. Qual o lugar do que leu na vida dele? Lugar nenhum, creio. O mesmo deve acontecer com todos os poetas e com todos os poemas: os homens param, lêem e depois seguem, vão aos afazeres deles. E os papéis pintados com tinta ficam sózinhos, amarelecem, fanam-se como flores sem água, apodrecem. Mesmo quando um livro de poesia logra vencer o tempo e as ondas do mar, vem a Glória e mata-lhe aquilo que ainda perdura, — a Beleza, a Verdade. Mas se, mesmo assim, os poemas ainda falam de coisas reais aos homens reais, a subtil «posteridade» desembaraça-se deles mandando-os para o Panteão, para o bronze esverdeado dos monumentos, para os livros de citações, para a prosa dos discursos oficiais. E ali, no cemitério da Retórica, dorme a Poesia o último sono sem sonhos. Por fim — cúmulo da derrisão! — são os poemas distribuídos às crianças nas escolas, não para serem lidos ou amados, mas para servirem de cobaias em mortificantes experiências de gramática... Parece-me este o mais duro, o mais irónico fim dum poema que foi sofrimento, esperança, fome, anelo, canto solitário à procura de outros sofrimentos, outras esperanças e outros cantos famintos. «Wozu Dichter?» perguntou uma vez Hoelderlin. Para quê, de facto, poetas? Para quê essa coisa sumptuosamente inutil chamada poesia?...

Por que não publico a minha confissão? Para não ferir o decoro dos meus confrades, para não troçar das convenções: não sou Bakounine nem Rimbaud. Deixei de acreditar mas não reneguei nem me despadrei; não é esta, aliás, a conclusão de Sartre em «Les Mots»? Seja como for, não quero assustar os bonzos. Se o fizesse, os tolos desatavam a grasnar que eu era contra a Poesia, contra os Poetas, contra a Literatura, contra a Beleza, contra a Arte, contra o Homem, contra as Maiúsculas...!

Galamares, Agosto de 1968

JOÃO MEDINA

O muito é feito de poucos.
Ganhando menos consegue-se mais

GRANDE OURIVESARIA
DA MODA

RUA DA PRATA, 257

LIBRAS OURO

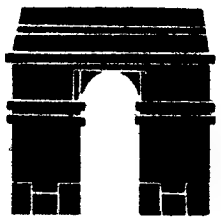
Começaram a sair as libras na PASTA COUTO VULGAR

1.º, 2.º, 3.º, 4.º, 5.º

JÁ ANUNCIADAS

6.º) — SR. MANUEL J. CARLOS — S. MAMEDE
7.º) — D.ª MARIA BONANÇA CARVALHO — FOZ

A PASTA COUTO VULGAR dá-lhe a brancura natural dos dentes e libras, mas a Pasta Medicinal Couto
DÁ-LHE A SAÚDE DA BOCA E DOS DENTES



Gravataria PARIS

RUA AUREA, 172

LIQUIDA

A partir de 16 de Agosto

RESTOS DAS SUAS
COLECÇÕES DE VERÃO
HOMEM E SENHORA

CASACOS CAMISAS
CALÇAS GRAVATAS

O TEMPO QUE FAZ

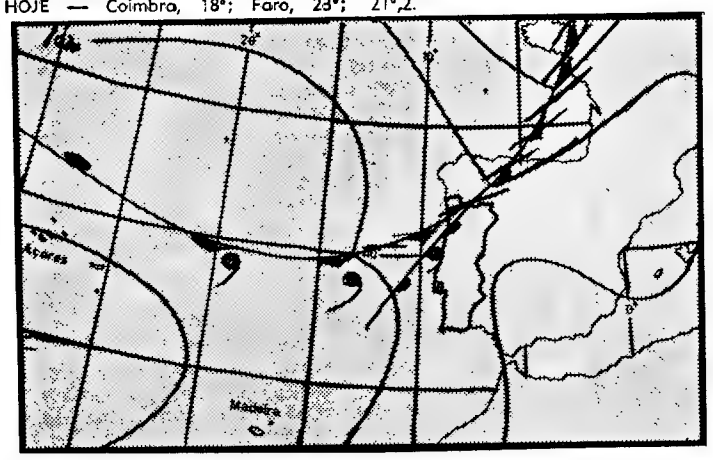
Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental o céu estava pouco nublado ou limpo, exceptuando a faixa costeira ocidental, onde estava muito nublado. O vento era fraco ou moderado de norte.

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Coimbra, 18°; Faro, 23°; Lisboa, 20°; Penhas Douradas, 20°; Portalegre, 17° e Funchal, 24°.

TEMPERATURAS EXTREMAS REGISTADAS HOJE EM LISBOA, ATÉ ÀS 5 HORAS — Máxima: Elvas, 31°,5; mínima: Penhas da Saúde, 11°,5.

TEMPERATURAS OBSERVADAS ÀS 9 HORAS NA COSTA DO SOL — Na água do mar, 16°; na atmosfera, 21°,2.



Carta de prognóstico para as 24 horas de hoje

EVOLUÇÃO PROVÁVEL DO ESTADO DO TEMPO EM PORTUGAL CONTINENTAL ATÉ ÀS 24 HORAS DO DIA 16 — Uma superfície frontal em deslocamento para sueste deverá atravessar o território do continente durante a noite de hoje provocando um agravamento temporário do estado do tempo nas regiões do norte e centro.

Previsão geral até às 24 horas de amanhã

NAS REGIÕES DO NORTE E DO CENTRO: PERÍODO MUITO NUBLADO, VENTO FRACO OU MODERADO DE OESTE OU NOROESTE. CHUVA FRACA OU CHUVISCO DURANTE A NOITE, EM ESPECIAL NAS REGIÕES JUNTO AO LITORAL. NO SUL: CÉU GERALMENTE POUCO NUBLADO, VENTO FRACO OU MODERADO DE NOROESTE.

SOL

Amanhã: Nascer às 6 e 51 Ocaso às 20 e 31

PREIA-MAR: Dia 15 — 8 e 51 (3,3 m); 21 e 08 (3,3 m). Dia 16 — 9 e 40 (3,2 m); 22 e 01 (3,1 m). Dia 17 — 10 e 49 (3,1 m); 23 e 26 (3 m). BAIXA-MAR — Dia 15 — 2 e 05 (1,5 m); 14 e 24 (1,7 m). Dia 16 — 2 e 50 (1,7 m); 15 e 25 (1,9 m). Dia 17 — 3 e 52 (1,9 m); 16 e 50 (2 m).

Amanhã | Dia 23 | Dia 30 | Dia 6

HIPOTECAS

FAZEM-SE EM LISBOA, ARREDORES E PROVÍNCIA

AO JURO DA LEI

A CONFIDENTE

ROSSIO, 3-2° TELEF. 369384

S. R.

Ministério da Economia

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos de art. 19.° do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.° 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de SANTIAGO DO CACÉM em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela UNIÃO ELÉCTRICA PORTUGUESA para o estabelecimento, na freguesia de Santo André, concelho de Santiago do Cacém, de uma linha aérea a 30 kV, com 1120 m, do apoio n.° 62 de linha para Melides ao posto de transformação da Câmara Municipal de Santiago do Cacém no lugar de Giz.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 10 de Agosto de 1968.

O ENGENHEIRO CHEFE
Guilherme Martins

S. R.

Ministério da Economia

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos de art. 19.° do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.° 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela UNIÃO ELÉCTRICA PORTUGUESA para o estabelecimento, na freguesia de Santo André, concelho de Santiago do Cacém, de uma linha aérea a 30 kV com 374 m, do apoio n.° 67 da linha para Melides ao posto de transformação da Câmara Municipal de Santiago do Cacém em Deixa-o-Resto.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 10 de Agosto de 1968.

O ENGENHEIRO CHEFE
Guilherme Martins

DIÁRIO DO PORTO

Delegação:
Rua do Almada, 30, 2.°
T. 20954/5 ● Telex 2782

Sanatório Marítimo do Norte

O Sanatório Marítimo do Norte, modelar instituição de assistência, fundada pelo saudoso dr. Ferreira Alves, que tem como continuadores dessa notável obra de recuperação da tuberculose óssea, seus filhos, srs drs. Álvaro e Fernando Fereira Alves, está a comemorar o 50.° aniversário da sua existência. No domingo, ás 11 horas, será ali inaugurada uma capela para os doentes

COMEMORADO O III DIA NACIONAL DO ELECTRICISTA

OLIVEIRA DO HOSPITAL, 15 — Aproveitando a sua deslocação ao distrito de Coimbra, onde presidiu ás comemorações do III Dia Nacional do Electricista, o ministro das Corporações esteve hoje nesta vila onde visitou as instalações da Sociedade Industrial de Aglomerados de Madeira (AGLOMA).

O sr. prof. Gonçalves de Proença chegou a esta vila cerca das 16 horas, tendo sido saudado na AGLOMA pelo sr. eng.° António Lameiro e outros elementos da direcção daquela importante unidade industrial.

O titular da pasta das Corporações havia visitado, ao fim da manhã, a nova subestação da Companhia Eléctrica das Beiras, em construção na Candosa, no quilómetro 68 da estrada da Beira, onde foi saudado pelos srs. general Santos Costa e dr. André Velasco, membros do conselho de administração da empresa. Encontravam-se presentes os restantes administradores e directores e o pessoal da subestação.

No decorrer do almoço que, em seguida, foi oferecido áquele membro do Governo pela administração da Companhia, no restaurante «Tabriz», foram entregues pergaminhos aos administradores da Companhia Eléctrica das Beiras, da Termo-Eléctrica Portuguesa e da Rabor e ainda ao sr. eng.° Inácio Nunes Ferreira. Foram também homenageados nove electricistas escolhidos pelos sindicatos.

Um recital de música e poesia

No prosseguimento das comemorações do 20.° aniversário da Associação Cultural «Amigos do Porto» haverá, esta noite, no Ateneu Comercial, um recital de musica e poesia, cujo programa é o seguinte: apresentação, pelo sócio sr. dr. Manuel da Cruz Malpique; poesias pela declamadora D. Maria Manuela Couto Viana; trechos das mais conhecidas óperas, pela cantora lírica D. Isabel Temudo Mallaguerra Pinto de Barros, acompanhada ao piano pela sr.ª D. Maria Teresa Xavier, e execução da «Sonata em si bemol maior», de Carlos Seixas; «Balada em sol menor» e «Estudos», de Chopin; «Soneto de Petrarca 104». de Lizst; e «Tocata em ré menor», de Prokofieff, pelo pianista moçambicano Edgard Wilson.

Ocorrências policiais

Queixaram-se na P. S. P. os srs. Edmundo José Soares Marques, R. da Bélgica, 2768, em Vila Nova de Gaia, contra um indivíduo, arguindo-o de ter gasto em proveito próprio 3628$00 que lhe confiara para reformar uma letra; e José Custódio da Silva Gonçalves, residente em Serzedo (Gaia), contra uma jovem dos seus 20 anos, cabelo á rapaz, a qual lhe pediu que a levasse no seu automóvel para os lados da Via Norte, ao que o queixoso acedeu. Depois de breve conversa, a rapariga meteu-lhe a mão num dos bolsos e furtou-lhe uma nota de 1000$00, após o que desapareceu.

NECROLOGIA

Carlos Jorge Castro

PORTO, 15. — Na sua residência, na Rua de Santa Catarina, 1124, faleceu o sr. Carlos Jorge Castro, de 69 anos, casado, agente comercial. O funeral, a cargo da Casa Alberto Pereira, sai amanhã, a hora a designar, para o cemitério de Agramonte.

Vida Religiosa

Esta manhã na Sé, presidida pelo administrador apostólico da diocese, D. Florentino de Andrade e Silva, celebrou-se a cerimónia de ordenação de quatro presbíteros.

Espectáculos para esta noite

TEATROS

FEIRA DO PORTO — Às 20: «Variedades» (6 anos).

CINEMAS

SÃO JOÃO — Às 21 e 30: «Moulin Rouge» (12 anos).
COLISEU — Às 21 e 30: «Cada bala tem um nome» (12 anos).
RIVOLI — Às 21 e 30: «Quo Vadis?» (12 anos).
TRINDADE — Às 21 e 30: «É gente nova!» (12 anos).
BATALHA — Às 21 e 30: «O cântico da carne» (12 anos).
AGUIA DE OURO — Às 21 e 30: «O Judoca, agente especial» (12 anos)
OLIMPIA — Às 21 e 30: «Doze indomáveis patifes» (17 anos)
CARLOS ALBERTO — Às 21: «Brigada anti-gang» e «O viúvo alegre» (17 anos).
JULIO DINIS — Às 21 e 30: «Luzes sem Ribalta» (12 anos)
ESTUDIO — Às 21 e 30: «Esplendor na Relva» (17 anos)
VALE FORMOSO — Às 21 e 30: «Aldeia da Roupa Branca» (12 anos).
CINEMA DO TERÇO — Às 21 e 30: «Um Homem» (12 anos).
ODEON — Às 21 e 30: «O duplo homem» (12 anos).

amanhã à tarde

CINEMAS

SÃO JOÃO — Às 15 e 30: «Moulin Rouge» (12 anos).
RIVOLI — Às 15 e 30: «Ultrage» (17 anos).
COLISEU — Às 15 e 30: «Cada bala tem um nome» (12 anos)
TRINDADE — Às 15 e 30: «Na terra como no céu» (17 anos).
BATALHA — Às 15 e 30. «O cântico da carne» (12 anos).
ÁGUIA DE OURO — Às 15 e 30: «O judoca, agente especial» (12 anos)
OLIMPIA — Às 15 e 30: «Doze indomáveis patifes» (17 anos)
CARLOS ALBERTO — Às 15: «Os três sargentos de Bengala» e «O último Viking» (12 anos).

Farmácias de serviço esta noite (8.° turno)

ALVES, Praça Exército Libertador (T. 6-90021) ✲ **ALVES MOREIRA**, Av Rod. de Freitas, 67 (T 5-1889) ✲ **ANTIGA PORTA DO OLIVAL**, Campo dos Mártires da Pátria, 122 (T 4-262) ✲ **AVENIDA**, Av da Boavista, 1016 (T 6-0342) ✲ **BARROS**, R do Bonjardim, 1292 (T. 4-7032) ✲ **BATALHA**, Pr da Batalha, (T. 2-9524) ✲ **BOA HORA**, Rua da Boa Hora, 80 (T 2-8783 ✲ **CAMPO**, Pr. da Republica, 118 (T 2-5116) ✲ **COUTO**, L de S Domingos, 96 (T. 2-5963) ✲ **ESTÁCIO**, R Só da Bandeira (T 2-2664) ✲ **MENEZES DE LIMA**, Pr. Dr. Pedro T. Pereira, 227 (T. 5-1764) ✲ **NAU VITÓRIA**, R Nau Vitória, 723 (T. 4-0761) ✲ **FOZ**, R. Senhora da Luz, 382 — Foz (T 53-0127).

ABERTURA DE CURSOS TÉCNICOS NO CENTRO DE PREPARAÇÃO DE TÉCNICOS E AUXILIARES DOS SERVIÇOS CLÍNICOS DO HOSPITAL DE SANTA MARIA

(2.° grupo da Portaria n.° 18 523)

— Técnicos de radiologia
— Preparadores de análises clínicas
— Preparadores de análises anátomo-patológicas

(1.° grupo da Portaria n.° 18 523)

— Encarregados de câmara escura
— Auxiliares de laboratório de análises anátomo-patológicas

Entre os dias 1 e 20 de Setembro próximo, estão abertas inscrições para os cursos em epígrafe.

Para os cursos do 2.° grupo é exigido o 5.° ano liceal ou o curso de auxiliar do mesmo ramo e cinco anos de serviço. Duração — um ano escolar, seguido de três meses de estágio.

Para os cursos de encarregados de câmara escura e auxiliares de laboratório de análises anátomo-patológicas é exigido apenas o segundo grau de instrução primária. Duração — seis meses, seguidos de três meses de estágio.

Em relação aos cursos do 2.° grupo, poderão ser concedidas bolsas de estudo, conforme regulamento aprovado por despacho ministerial de 15-5-67.

Quaisquer informações complementares serão fornecidas pela Secretaria do Hospital de Santa Maria.

Diario de Lisbôa

COIMBRA

Centro de Actualização de Pessoal Docente

Na reunião da Camara Municipal, o presidente, sr. eng.° Araujo Vieira, disse que o sr. ministro da Educação Nacional autorizou a construção, em Coimbra, de um pavilhão destinado a Centro de Actualização de Pessoal Docente, que funcionará adstrito á Universidade; e foi deliberado conceder á iniciativa toda a colaboração e agradecer ao ministro o despacho dado nesse sentido.

Equipamento de material para os Hospitais da Universidade

Os Hospitais da Universidade abriram concurso, até 9 de Setembro, ás 17 horas, para o fornecimento de material destinado aos Serviços de Urologia (Instalação de uma unidade de diálise e acessórios) e Radiologia (equipamento destinado ao Centro e Angiografia e acessórios diversos).

Enfermagem

Na Escola de Enfermagem Rainha Santa Isabel, estão abertas, até o dia 30, as matrículas no curso de enfermagem geral. Habilitações mínimas: primeiro ciclo liceal ou equivalente, com exame de admissão e Curso Auxiliar de Enfermagem, com habilitações mínimas da 4.ª classe, também com exames de admissão.

Festas tradicionais

Era uma festa de grandes tradições nesta cidade, a da Nossa Senhora da Nazaré da Ribeira. Da igreja da Graça saía o *círio*, conduzido por um cavaleiro e rodeado de uma escolta de cavaleiros, seguindo, depois, diversas famílias em tipóias. No cortejo iam, ainda, «zés-pereiras» e uma filarmónica.

Neste mesmo dia, muitas famílias seguiam, logo de manhã, para a beira do Mondego e acampavam nas suas margens, desde Vila Franca até o Choupal, ali armando tenda, cozinhando, etc., até á noite. Os rapazes deitavam «papagaios», e cada um procurava que o seu subisse mais alto.

Com o andar dos tempos, o *círio* deixou de sair da igreja da Graça para sair da de Nossa Senhora da Conceição da Ponte, em Santa Clara, deixando, também, de ser conduzido por um cavaleiro para ir simplesmente num automóvel. Mas, na Ribeira de Frades, para onde se dirigia e dirije o *círio*, as festas continuam a ser rijas.

O *círia* lá foi, embora não dessemos por isso e, no rio, foram poucas as famílias que apareceram para cumprir a tradição.

Espectáculos para hoje

CINEMAS

Tivoli — Ás 21 e 30: «Armadilha, Istambul» (12 anos).
Esplanada dos B. Voluntários — Ás 21 e 45: «Sete homens de ouro» (12 anos).

Farmácias de serviço

Paiva — Praça do Comércia, (Tel. 23231).
Silva Marques — Rua da Sofia (Tel. 23067).
Sitália — Largo da Sé Velha (Tel. 23234).
Dias Ferreira — Rua do Brasil (Tel. 26046).

PEQUENO MAGAZINE

HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 15 de Agosto de 1938 publicava:

«LONDRES, 15 — O correspondente diplomático do «Manchester Guardian» diz que seguiram, disfarçados, para a Checo-Eslováquia elementos das S.A., «sem duvida com o objectivo — afirma — de promoverem uma acção directa contra as autoridades checas, em caso de conflito aberto e mesmo para prepararem esse conflito».

«Assinala que se formou uma Legião Alemã dos Sudetas, que é um organismo idêntico á ex-Legião Austríaca, compondo-a sudetas que, por motivos diversos, ficaram na Alemanha. Compõe-se esta Legião de 8 regimentos denominados «Stardanten», sob o comando de um emigrado. Os homens têm um fardamento especial.»

CURIOSIDADES

● Estatísticas demográficas

Dentro de oito anos, haverá nos Estados Unidos da América do Norte 19 300 000 de indivíduos entre os 20 e os 24 anos, o que representa um aumento de 27 por cento em relação a 1967; e ainda 17 450 000, entre os 25 e os 29, ou seja, um aumento de 50 por cento relativamente aos nossos dias; e, finalmente, 13 965 000 terão entre os 30 e os 34 anos, mais 27 por cento do que no ano passado.

Mais de cinquenta milhões de norte-americanos que tornarão os Estados Unidos num país jovem — nas estatísticas demográficas.

● Radiografias interpretadas por computadores

No Congresso Roentgenológico Alemão, há pouco reunido, como dissemos, em Hamburgo, com a presença de muitos médicos estrangeiros, causou sensação uma comunicação sobre a interpretação de radiografias por meio de computadores. Enquanto o médico, ao examinar uma radiografia, depende das suas capacidades visuais e da experiência adquirida, um computador fará o mesmo trabalho com precisão e objectividade inexcediveis.

No referido congresso foi revelado que em diversas clínicas da Suécia já se utilizam computadores na análise de radiografias, mas ainda na fase experimental. Calcula-se que, dentro de dez anos, a técnica de interpretação de radiografias por meio de computadores deve atingir a perfeição.

Aluguer sem condutor

CARROS NOVOS — PREÇOS ACESSÍVEIS

/ / /

Avenida Padre Manuel da Nóbrega, 10-B

Telefones: 72 76 54 - 72 49 75

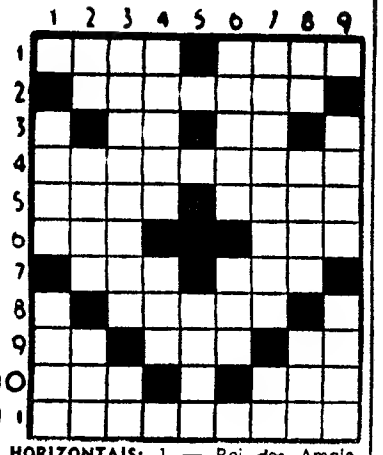
LISBOA

«Desculpa-me Zézinho, mas desde que saímos juntos, fiquei enjoada de ti.»

PALAVRAS CRUZADAS

(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 4910



HORIZONTAIS: 1 — Rei dos Amalecitas vencido por Saul e cortado em pedaços por ordem de Samuel. Aversão. 2 — Indicar. 3 — Artigo definido. Campeão Caminhar 4 — Acabara. 5 — Cidade da Grécia. Grande afeição 6 — Agora. Povoação do concelho de Condeixa. 7 — Pedra de altar. Partido. 8 — Árvore da Cochinchina. 9 — Nome antigo da nota musical dó. Negativa. Ruim. 10 — Possur. Norma. 11 — Guarneceriam de arames.

VERTICAIS: 1 — Rei da Baviera que atacado de loucura foi enclausurado no castelo de Fustenried. Guerra. 2 — Gálio (s. q.). Vagueia. Possuir 3 — Afastara. Cânhamo de Manila. 4 — Doença que ataca a língua das aves Rio de França. 5 — Oferecerá 6 — Acerta. Remo para trás. 7 — Salamandra (Prov.). Vi 8 — Crómio (s. q.) Suplica. Mediana. 9 — Um dos Estados do Brasil. Irmão de Abel.

Resolveu completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo, o PROVÉRBIO nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 4909

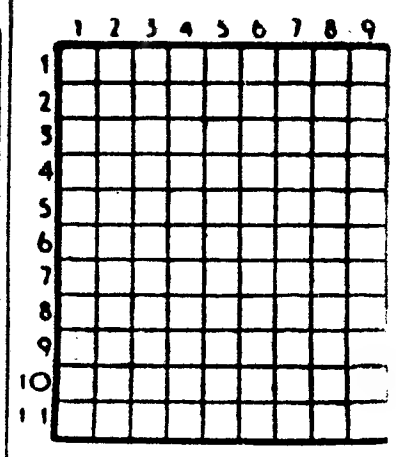
HORIZONTAIS: 1 — Elar Muro. 2 — Arenato. 3 — Au. Na. O 4 — Ad. Mad Ps. 5 — Reparamos. 6 — Rui Ela. 7 — As. Cal Ad. 8 — HOMEM. 9 — Sei. Ien 10 — QUER. Gaia. 11 — SS. Ovo. Ou.

VERTICAIS: 1 — E. Marror. Qs. 2 — Lá. DEUS. Sus. 3 — Ara. Pi. Heé. 4 — Reuma. Coiro. 5 — Arpam. 6 — MANDA. Leigo. 7 — Uta. Me. Meã 8 — Ró. Pola. Nio. 9 — Ossada Au

PROVÉRBIO: **O homem quer e Deus manda.**

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 8754



HORIZONTAIS: 1 — Cidade de Espanha. 2 — Rio da Russia. Sair frequentemente á rua. 3 — Monarca. Prendo. 4 — Quinhentos e um em romano. Espaço de trinta dias Campeão 5 — Cidade de França. 6 — Cidade da Ucrânia, nas margens do Row Pelos de centos animais. 7 — Penugem. Dança popular. 8 — Foz retumbar. 9 — Batráquio. Suspiros. Aqui. 10 — Espaço ilimitado onde giram os astros. Abreviatura de página. 11 — Classe de tropa. Quadro.

VERTICAIS: 1 — Privada do sentido do ouvido. Espécie de jogo de rapazes. 2 — Lavrei. Berilo (s. q.). Prefixo que designa ar. 3 — Pequeno poema narrativo ou lírico. Bebedeira. Artigo indefinido. 4 — O mais. Brejeira. 5 — Ente. Víscera dupla. 6 — Viração. Assobios. 7 — Despida. Vá para fora. Pata. 8 — Pesquisa. Senhor. Óxido de cálcio. 9 — Freguesia do concelho de Guimarães. Inunda.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8753

HORIZONTAIS: 1 — Ovar. Cama. 2 — Maré. Alar. 3 — Setubal. 4 — Morro. 5 — Ut. Roi. Af. 6 — Erin. Toca. 7 — Amarara 8 — Amar. Sala 9 — Man. Imo. 10 — Ir. Pés. At. 11 — Rato. Saro.

VERTICAIS: 1 — Om. Sue. Amir. 2 — Vãs. Tramara. 3 — Arem. Iman. 4 — Retornar. Pó. 5 — Uro. Te. 6 — Cabritas. SS. 7 — Alão. Orai. 8 — Mal. Acalmar. 9 — Ar. Dia. Aoto.

É UMA QUESTÃO DE EQUILÍBRIO...

As características dadas pelos 42 Whiskies diferentes das melhores regiões productoras de Escócia, lotados em perfeito equilíbrio segundo uma fórmula centenária, justificam a qualidade inalterável do

Ballantine

● MAIS SOBERBO DOS WHISKIES

IMPORTADO DIRECTAMENTE DA ORIGEM

AGENTES:

J. A. DA COSTA PINA, LDA.
Rua do Alecrim, 73 LISBOA

COSTA PINA & VILAVERDE, LIMITADA
Rua do Bonjardim, 420 PORTO

S. R.

Ministério da Economia

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos de art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela UNIÃO ELÉCTRICA PORTUGUESA para o estabelecimento, na freguesia e concelho do Barreiro, de uma modificação sem alteração de comprimento da linha aérea a 60 kV Barreiro-UFA consistindo na substituição e deslocação dos apoios n.ºs 9 e 10.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 9 de Agosto de 1968.

O ENGENHEIRO CHEFE
Guilherme Martins

S. R.

Ministério da Economia

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos de art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela UNIÃO ELÉCTRICA PORTUGUESA para o estabelecimento, na freguesia e concelho de Almada, de uma modificação do troço aéreo da linha mista a 15 kV Mutela-S. Luís com diminuição de 5 metros no comprimento, consistindo na substituição e deslocação do apoio n.º 1.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 12 de Agosto de 1968.

O ENGENHEIRO CHEFE
Guilherme Martins

COMBOIOS DO CAIS DO SODRÉ AOS DOMINGOS

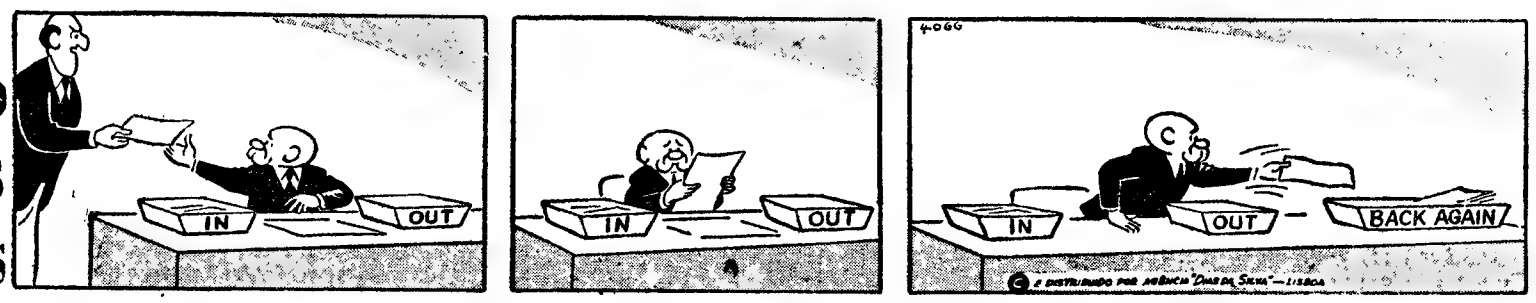
Viaja menos apertado a partir das 11 horas.

Evite a bilheteira comprando o seu bilhete durante a semana ou em séries de 20 viagens.

VULCAIN

RELÓGIO SUIÇO DE PRESTÍGIO MUNDIAL

DO TIO CARLOS AVENTURAS



180 CONTOS RENDEM-LHE 1.125$00 MENSAIS — JURO DE 8 %

J. PIMENTA

ANDARES

APARTAMENTOS MOBILADOS

UMA ORGANIZAÇÃO ANTIGA
E CONCEITUADA MAS MODERNA

J. PIMENTA, S. A. R. L.

Um magnífico conjunto situado perto do mercado e estação de Paço d'Arcos com vista excepcional de mar de todas as janelas terá acabamentos especiais com materiais de longa duração, inclusive caixilharia em alumínio

ANDARES DE 3 A 10 DIVISÕES
J. PIMENTA, S A R. L e J PIMENTA, LDA.

Possuem propriedades para venda desde 120 contos na Reboleira — Amadora Centro da Amadora frente á estação do C F Portas de Benfica, Parede, Alapraia e brevemente em Cascais e Lisboa

NAO CONFUNDA UMA ORGANIZAÇAO DE BEM SERVIR COM SIMILARES
INFORMAÇOES

Lisboa — R. Conde Redondo, 53, 4.º, Esq.º — Tel. 4 78 43 e 4 58 43
Queluz — R. D Maria I, 30 — Tels 95 20 21 e 95 20 22
Amadora — Reboleira — Tel 93 36 70

AZULEJOS

AZÚLEJOS NACIONAIS E ESTRANGEIROS DESDE $60

BANHEIRAS DE FUNDIÇÃO E CHAPA ESMALTADA
PREÇOS SEM CONCORRENCIA
A BOA QUALIDADE A BAIXO PREÇO

A MAIOR GAMA DE MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO, ESPECIALMENTE REVESTIMENTOS, TINTAS, DROGAS FERRAGENS E FERRAMENTAS

J. PIMENTA, LDA

RUA D MARIA I 30
QUELUZ

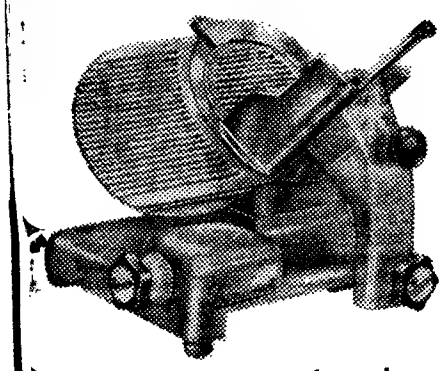
Praça Padre Eduardo Ferreira de Amaral, 3-A — AMADORA
(Junto ao Jardim Parque)

IRONWEED

Cortadoras eléctricas de plano inclinado
com total aproveitamento de carnes

5 Modelos à sua escolha!

Lâminas de 220-250 275-300-350 mm de diâmetro



- Higiénicas
- Robustas
- Eficientes
- Rápidas
- Económicas
- Práticas

Se está comprador de uma cortadora, veja, examine, compare e... sòmente depois resolva!

Grandes facilidades de pagamento
Demonstrações sem compromisso

Distribuidores Exclusivos:

Soc. de Rep. **SIDA-SUECA,** *limitada*

Rua de S. Nicolau, 15-17 LISBOA

S. R.

Ministério da Economia
SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA
Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos
ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos de art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela UNIÃO ELÉCTRICA PORTUGUESA para o estabelecimento, na freguesia e concelho de Vendas Novas, de uma modificação, sem alteração de comprimento, da linha aérea a 30 kV para Vendas Novas, consistindo na implantação de um apoio n.º 62-A a meio do vão 62-63 e da substituição dos apoios n.ºs 93 e 94.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 9 de Agosto de 1968.

O ENGENHEIRO CHEFE
Guilherme Martins

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

Sociedade Anónima
de Responsabilidade Limitada
Sede: Calçada do Duque, 20 — Lisboa

ADMINISTRAÇÃO

SORTEIO DE OBRIGAÇÕES

Previnem-se os portadores de obrigações das emissões a seguir indicadas de que em 9 de Setembro próximo futuro, pelas 1 horas, se procederá, na sede desta Companhia, em sessão pública, ao sorteio dos títulos a amortizar em 1 de Outubro de 1968, a saber:

400 — obrigações de 4 1/2 %, emissão de 1889, das linhas de Mirandela e Viseu;
9930 — obrigações de 4 1/2 %, emissão de 1965/66, C. P.

Lisboa, 13 de Agosto de 1968

O Conselho de Administração

CARTÃO DIPLOMATA

O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre ou cunho de aço de absoluta necessidade em praxes protocolares para pessoas de distinta condição social bem como de bom gosto

ANÍBAL GRAVADOR

A casa que melhor trabalha
Rua Nova do Almada, 64 — LISBOA

O MAIS EFICAZ IMPERMEABILIZADOR DE CIMENTO, BETÃO E MARMORITE

Empregado pelos Serviços do Ministério das Obras Públicas, Defesa Nacional, Aviação, Marinha, etc.; C. M. L. e outras; Comp.ª C. P., Águas e Electricidade, Telefones, Sacor, Shell, Mobil, B. P., C. U. F., U. F. Azoto, Siderurgia, Laboratórios Eng.º Civil, Fundação Gulbenkian, etc.; Fábricas, Moagens, Bancos, Hotéis, Hospitais, etc.

AS MELHORES REFERENCIAS DOS MELHORES CONSTRUTORES

FACULTAMOS FOTOCÓPIAS

Eficiência total nos trabalhos mais difíceis
Aditivos para cimento e tintas de alta protecção «EVODE»
«EVOTRUFE» — Betuminoso impermeabilizante a base de asfalto, de fácil aplicação, para coberturas, terraços, empenas, etc.
FLASHBAND — Fita irradiante de alumínio adesiva para juntas, vedação e impermeabilização

DISTRIBUIDORES GERAIS:

TITO PEREIRA DE SOUSA

Rua de S. Nicolau, 41, 3.º — LISBOA-2 — Telefs. 361805 - 322118

VENTOINHAS

ELÉCTRICAS DE VÁRIOS MODELOS

- RÁDIO TRANSISTORES
- GRAVADORES DE SOM
- GIRA-DISCOS
- ELECTRO-DOMÉSTICOS

Toshiba
QUALITY SINCE 1875

MADE IN JAPAN

DISTRIBUIDORES NOS DISTRITOS DE:
LISBOA, SANTARÉM, LEIRIA, CASTELO BRANCO, GUARDA, VISEU, PORTALEGRE, ÉVORA, BEJA e FARO

SCVL — SOC. CENTRAL DE VENDAS, LDA
R. Fanqueiros, 258/262-3.º
Telef. 366187/8/9 — LISBOA

IREL — SOC. IMP. DE ARTIGOS DE ELECTRICIDADE, LDA.
R. S. Mamede (ao Caldas), 30-G
Telef. 865449 - 866614 — LISBOA

À VENDA NAS CASAS DA ESPECIALIDADE

O «DIÁRIO DE LISBOA» VENDE-SE NO PORTO

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

DESPORTO

C. U. F., Sporting e União de Tomar: Trabalhar é a palavra de ordem

Para o Desportivo da C.U.F., Sporting e União de Tomar a tarefa de preparar os futebolistas para o próximo «Nacional» absorve as maiores atenções. No Estádio «Alfredo da Silva», Costa Pereira vive a sua primeira experiência como treinador absoluto de uma colectividade. Em Alvalade, Fernando Caiado pode considerar-se um técnico bem servido pelas novas aquisições: além de Pedras, Chico e Celestino, o responsável pelo futebol sportinguista já conta com Ernesto. Por seu lado, o União de Tomar ingressa em plano inédito: a chamada ao Campeonato Nacional da 1.ª Divisão implica sacrifícios e alberga esperanças.

NATAÇÃO

Algés e G. D. Lourenço Marques em evidência, no torneio do C.S. Pedrouços

Integrado nas comemorações do seu 49.º aniversário, o Clube Sportivo de Pedrouços, fez realizar, ontem á noite, um óptimo torneio de natação, onde não faltaram bons despiques, animação e um publico razoável.

Durante as 16 provas do torneio, foi evidente a supremacia dos nadadores do Sport Algés e Dafundo, muito bem acompanhados pelos ultramarinos, do Grupo Desportivo de Lourenço Marques. Os primeiros, conseguiram 11 vitórias, e os segundos 5.

Se atendermos a que os nadadores ultramarinos, só entraram oficialmente em 8 provas, podemos avaliar, realmente, as suas largas possibilidades.

Damos, a seguir, os dois primeiros classificados de cada competição:

PROVAS MASCULINAS

100 metros livres juvenis — 1.º, Francisco Bessone Alves (Algés), 1 m 4,2 s; 2.º, Joaquim Mendes Bilro (Lusitano Ginásio Clube), 1 m 7,8 s.

100 metros costas, juniores e seniores — 1.º, Carlos Monteiro da Silva (Algés), 1 m 15,1 s; 2.º, Carlos Manuel da Costa (Algés), 1 m 20 s.

100 metros bruços, juvenis — 1.º, Rogério Gonçalves Figueiredo (Algés), 1 m 29,2 s; 2.º, Fernando Agudo Conceição (C. Nacional de Natação), 1 m 31,3 s.

100 metros bruços, juniores e seniores — 1.º, Vítor Cerqueira (G. D. Lourenço Marques), 1 m 19,5 s; 2.º, Lino Cruz (Algés), 1 m 23,6 s.

100 metros livres, juniores e seniores — 1.º, Fernando Jorge (Algés), 1 m 3,4 s; 2.º, Julio Ribeiro (L. Marques), 1 m 4 s.

50 metros livres, infantis — 1.º, Luís Black da Silva (Algés), 34,3 s; 2.º, António Pina Coelho (Benfica), 35,1 s.

100 metros mariposa, juniores e seniores — 1.º, João Repas Gonçalves (Algés), 1 m 8,2 s; 2.º, Vítor Cerqueira (L. Marques), 1 m 14,4 s.

5 m 56 s.

4X100 metros, estilos (inscrição livre) — 1.º Sport Algés e Dafundo (Carlos Silva, Lino Cruz, Repas Gonçalves e Fernando Jorge), 5 m 9,2 s; 2.º, Juventude Sport Clube.

4X50 metros livres (inscrição livre — 1.º, Sport Algés e Dafundo (Fernando Jorge, Repas Gonçalves, João Stocker e António Maciel), 1 m 59,8 s; 2.º, Lusitano Ginásio Clube, 2 m 13,9 s.

PROVAS FEMININAS

100 metros bruços, juvenis — 1.ª, Ana Cristina Patacas (Algés), 1 m 32,2 s; 2.ª, Anabela Gouveia (L. Marques), 1 m 37,2 s.

100 metros livres, juniores e seniores — 1.ª, Dulce Gouveia (L. Marques), 1 m 8,5 s; 2.ª, Ana Gaspar Monteiro (Algés), 1 m 9,4 s.

100 metros costas, juniores e seniores — 1.ª, Dulce Gouveia (L. Marques), 1 m 19,2 s; 2.ª, Maria do Céu Castelo Branco (Algés), 1 m 20,6 s.

100 metros livres, juvenis — 1.ª, Clotilde Botelho, 1 m 15,5 s; 2.ª, Anabela Gouveia, 1 m 17,5 s (ambas de L. Marques).

100 metros bruços, juniores e seniores — 1.ª, Susana de Abreu (L. Marques), 1 m 29 s; 2.ª, Graça Maria Mendes Maia (Algés), 1 m 29,8 s.

50 metros livres, infantis — 1.ª, Cristina Reis Patrocínio, 45,9 s; 2.ª, Maria Paula Tomás, 47,5 s (ambas do Algés).

4X100 metros estilos, seniores — 1.º, Sport Algés e Dafundo (Helena Gomes, Ana Monteiro, Maria do Céu C. Branco e Bernardete de Castro), 6 m 10,2 s; 2.º Belenenses, 8 m 7,9 s.

De notar, que nesta prova, participou também, embora não oficialmente, uma equipa do Desportivo de Lourenço Marques, que conseguiu o melhor tempo da competição: 5 m 37,2 s.

Participaram neste torneio, nadadores do Sport Algés e Dafundo, Grupo Desportivo de Lourenço Marques, Lusitano Ginásio Clube, Clmentos Tejo, Juventude Sport Clube, Clube Nacional de Natação, Belenenses, Benfica e do clube em festa.

Foi juiz árbitro, o sr. Rui de Castro.

JOGOS JUVENIS DO BARREIRO

Rapazes Escalão C), em basquetebol: Galitos-Leais A e Drinker's-Leais B, vitórias dos segundos por falta de comparência dos adversários; 1.º de Maio-Seixal, 8-41; Serpa Pinto-Europa, 21-26; Estoril-Real, 27-3 e Manuel de Melo-Casalense, 8-59.

Hoje, efectua-se no campo do Luso, ás 21 horas, a final de minibasquete para rapazes (escalão B.).

MORREU MARCEL THIL GLÓRIA DO BOXE FRANCÊS

CANNES (França), 15 — (A. N. I.) — O pugilista Marcel Thil, que em 1932 conquistou o título mundial dos «médios» a «Groilla» Jones, faleceu ontem, com 64 anos, na sua vivenda de Cannes.

No ano passado, em dois acidentes de automóvel, sofreu lesões que agravaram uma longa doença.

Marcel Thil começou a sua carreira de pugilista em 1925 e ao fim de 34 combates conquistou, em 1928, o título francês de «médios». No ano seguinte era campeão da Europa e em 1937, ao abandonar o pugilismo, tinha disputado 96 combates, ganhando 82 deles, 34 dos quais por K.O.

BENFICA: «leader» destacado do regional de hóquei

Na penultima jornada do campeonato regional de hóquei em patins, verificada ontem, registaram-se alguns resultados de sensação, nomeadamente a vitória do Sporting em Oeiras, a derrota do Paço de Arcos perante a Juventude Salesiana e, ainda, a elevada marcação registada no embate Campo de Ourique-Sintra.

Eis os resultados dos seis jogos efectuados:

Benfica-Azeitonense	13-0
Campo de Ourique-Sintra ...	9-6
C. U. F.-Cascais	3-2
Oeiras-Sporting	2-4
Juv. Salesiana-Paço de Arcos	2-1
Liga de Algés-Parede	1-7

A pontuação dos clubes concorrentes ficou assim ordenada: Benfica, 30 pontos; Paço de Arcos, 25; C. U. F. e Parede, 24; Oeiras, e Hóquei de Sintra, 22; Sporting e Cascais, 21; Campo de Ourique e Juventude Salesiana, 19; Liga de Algés, 15; Azeitonense, 12 pontos.

Amanhã, conclui-se a primeira volta da competição com o seguinte calendário de jogos: Paço de Arcos-Campo de Ourique; Parede-Cascais e Juventude Salesiana-C. U. F.

Vida difícil para o Oriental com 800 contos de dívidas

No Clube Oriental de Lisboa efectuou-se, ontem, com grande afluência de sócios, a assembleia geral ordinária do clube. Objectivo: análise do relatório e contas e eleição dos novos corpos gerentes da colectividade.

Presidiu aos trabalhos o sr. Jaime Barroso Lopes, secretariado pelos srs. Isaac Veríssimo e Henrique Cruz.

O presidente da direcção do C. O. L. leu o relatório e contas que, postos á votação, foram aprovados por unanimidade. No relatório, além dos habituais agradecimentos ás entidades oficiais e á Imprensa, houve, também, referências aos sócios que auxiliaram a direcção durante o exercício e aos seccionistas em actividade.

Finda a leitura das contas, verificou-se que, presentemente, o C. O. L. tem um débito de 800 contos, o que torna a situação do clube muito difícil.

Antes de as contas e o relatório terem sido postos á votação, o presidente da assembleia geral lamentou que a falta de opoio dos sócios (isto é, a insegurança da quotização) tenha prejudicado a acção da direcção cessante e venha a afugentar as vindouras.

Foi, depois, feito o escrutínio, tendo sido eleitos para os diversos cargos os seguintes elementos:

Direcção: ten-coron. Alexandrino Pinheiro, major Bruno Pereira de Castro, Miguel Augusto Fonseca, Carlos Simões Duarte, Mário Gomes, Raul Rodrigues Lopes Garcia, Afonso Rodrigues Veríssimo, Carlos Pereira Fernandes, Eugénio Antunes Silva, Armando Rodrigues Lopes, Arménio Duarte Carvalho Alves, Isaac Rodrigues Veríssimo, Manuel Vicente Barran, Henrique da Cruz e Américo Rodrigues Ferreira.

Conselho fiscal: Florindo Francisco Alegria, António de Sousa Cabrita, Fernando Henrique da Silva, Manuel Monteiro de Almeida e Afonso Bento Campino.

Vítor Manuel Nascimento Martins.

Assembleia geral: dr. Mário da Anunciação Gomes, António Nobre e António Ferreira Rocha.

Delegados á Federação de Recreio: Aurélio Matos Figueiredo e

EXCURSÕES DA C. P.

No dia 25 de Agosto

Comunica-nos a C. P. de que se realiza no próximo dia 25, em colaboração com a Empresa Geral de Transportes, duas excursões:

— Uma de Lisboa a Coimbra, Luso, Águeda, Serém, Pousada de Santo António, Vouzela, Termas de São Pedro do Sul, Viseu, e Buçaco, ao preço de 275$00 por passageiro, incluindo a viagem em comboio automotor FIAT de 1.ª classe, circuito em autocarro e almoço.

— Outra de Lisboa a Coimbra, Poço Negro, Lousã, Senhora da Piedade, Serra da Lousã e Conimbriga, ao preço de 240$00 por passageiro, incluindo a viagem em comboio automotor FIAT de 1.ª classe, circuito em autocarro e almoço.

Para estas excursões admitem-se passageiros só para o percurso de caminho-de-ferro, de Lisboa a Coimbra, e volta, ao preço de 115$00 por passageiro.

Bilhetes á venda nas estações de Lisboa (Santa Apolónia) e Lisboa (Rossio), nas Agências de Viagens autorizadas ou na Empresa Geral de Transportes (Rua do Arsenal, n.º 124) e nos Despachos Centrais do Caminho-de-Ferro, de Lisboa.

S. R.

Ministério da Economia
SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA
Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos
ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos de art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela UNIÃO ELÉCTRICA PORTUGUESA para o estabelecimento, na freguesia de Palhais, concelho de Barreiro, de uma linha aérea a 30 kV, com 342 m, do apoio n.º 36 da linha Coina-Barreiro ao posto de transformação da Sociedade Industrial do Bonfim, em Palhais.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 10 de Agosto de 1968.

O ENGENHEIRO CHEFE
Guilherme Martins

S. R.

Ministério da Economia
SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA
Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos
ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos de art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela UNIÃO ELÉCTRICA PORTUGUESA para o estabelecimento, nas freguesias do Lavradio e da Baixa da Banheira, concelhos de Barreiro e da Moita, de uma linha aérea a 6 kV, com 20 m de comprimento, do apoio n.º 16 da linha Barreiro-Corticeira Ibéria ao posto de transformação da Sociedade de Panificação do Sul do Tejo.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 10 de Agosto de 1968.

O ENGENHEIRO CHEFE
Guilherme Martins

ANDARES NA CAPARICA

Se está interessado aproveite a época comprando um andar dos poucos que restam do primeiro bloco do

ENG.º MANUEL MUNHÁ

à Rua Aresta Branca.

Construção, materiais, acabamentos e localização inigualáveis

NÃO DEIXE DE VER

FALTAVAM DOIS METROS PARA 135 QUILÓMETROS...

• Sousa Vieira, da Ambar, ultrapassado sobre a meta, depois de 4 horas a pedalar isolado

É verdade: se o Sousa Vieira, da Ambar, um ciclista mais ou menos ignorado, andou quase 135 quilómetros isolado, à frente, foi, em grande parte, porque o pelotão lho consentiu.

Mas fez pena. Fez pena ver todo o esforço do rapaz, mais de quatro horas a pedalar sòzinho, terminar em derrota nos dois últimos metros da corrida. A dez quilómetros da Guarda ainda o Sousa Vieira trazia qualquer coisa como oito minutos de avanço. Mas a pedalada já não era tão firme, começavam a pesar, decisivamente, os duzentos quilómetros já percorridos, dos quais mais de cem entregue a si próprio.

Por MÁRIO ZAMBUJAL

Enviado-especial do «Diário de Lisboa»

E depois, aquela subida grande, grande, a caminho da Guarda. Os minutos de avanço eram pepitas de ouro a escorrerem-lhe por entre os dedos, mas ele teimando, teimando ainda, todo ânsia, todo esforço, a perspectiva da vitória a dar-lhe forças que já não tinha. Foi ainda o primeiro a dobrar a ultima curva, dentro da Guarda, o primeiro a ver já perto o risco da meta. E parecia, por fim, que o Sousa Vieira, da Ambar, iria mesmo ganhar. O que seria ao mesmo tempo, prémio para a sua audácia e tenacidade e castigo para um pelotão de «vedetas» sem disposição para a luta.

Mas os do pelotão haviam acelerado, poderosamente, à aproximação da Guarda. E eis que aí estava, a passar também a última curva, breves segundos depois do Sousa Vieira, Mendes e Miranda, uma vez mais um do Benfica e outro do Sporting, fizeram a escalada com extrema rapidez, a rapidez suficiente para ultrapassarem o corredor da Ambar quando lhe faltava uns dois metros para terminar a etapa. Sousa Vieira abalara do pelotão aos 76 km de corrida. Tomando os números como exactos, o moço teria de andar 135 quilómetros à frente para ganhar na Guarda. Não chegou. Foram cento e trinta e quatro quilómetros e cento e noventa e oito metros...

Palavra: foi quase uma crueldade.

*

A desistência de João Roque, a fuga de Sousa Vieira e a 5.ª vitória benfiquista, desta vez por Fernando Mendes, foram os factos salientes de uma etapa que, apesar da sua extensão, não provocou alterações nos primeiros lugares.

Alterações ao nível, por exemplo, as observadas nas tiradas anteriores, mais curtas e por melhores caminhos.

Nenhum dos mais fortes se mostrou interessado em fazer mais do que chegar á Guarda, sem atrasos, relativamente aos maiores adversários.

O Sporting fez o possível por controlar a corrida, não consentindo «invasões» e só Sousa Vieira, da Ambar, não contou nestes cuidados. Mas os benfiquistas e os portuenses também não fizeram nada para contrariar as precauções sportinguistas. Estavam talvez todos a pensar nas Penhas da Saúde...

Assim, o que houve de movimentação decorreu, quase sempre, atrás das costas do pelotão. Isto é: á parte o caso do corredor da Ambar, os homens em foco foram os que se atrasaram. E houve muitos, porque também houve muitos furos e muitas avarias. No entanto, o grosso da coluna não passava daquede ramerrão, em que quase todos tiveram a possibilidade de recuperar.

Só perto da Guarda, quando, finalmente, entrou num ritmo verdadeiramente competitivo, é que se cavaram distâncias — aliás de pouca monta, no que se refere aos mais cotados.

Entretanto, as três contagens para o Prémio da Montanha sugeriram que a luta, neste campo, pode travar-se, principalmente, entre dois sportinguistas (Páscoa e Miranda) e um benfiquista (Mendes). Nenhum deles pontuara na contagem já efectuada na quarta etapa, mas fizeram grossa colheita ontem, passando a ocupar os três primeiros lugares desta classificação, com primazia para Sérgio Páscoa e Fernando Mendes, ambos com 14 pontos.

Tudo isto foi o que de relativamente importante aconteceu, numa etapa cuja definição está na média horária: 31,839. Uma coisa que já não se usa.

JOÃO ROQUE DESISTIU

Atleta estóico e pundonoroso, de um brio e de uma coragem a toda a prova, João Roque disse esta tarde adeus á «Volta-68». Acaba-se, para o brilhante ciclista do Sporting Clube de Portugal, o sonho de voltar a inscrever o nome nesta edição de uma prova em que já triunfou. O sofrimento, a dor física, vergaram decisivamente o «leão» de Casalinhos de Alfaiate, ali para os lados de Torres Vedras, o lugar que torna a dotar o ciclismo com um praticante de eleição: Joaquim Agostinho.

João Roque resistiu até ao extremo do que era humano suportar. Esta tarde, na dura caminhada para a Guarda, Roque foi obrigado a desistir. Se ele não o fizesse, o clínico que acompanha a caravana velocipédica diitaria veredicto semelhante. Para Roque, fica a esperança de um regresso triunfante.

MÉDIAS HORARIAS

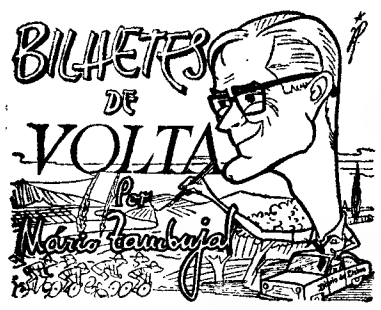
Etapas	*Prevista*	*Realizada*
1.ª	(a)	46,551
2.ª	(b)	41,300
3.ª	40,000	41,002
4.ª	37,000	38,649
5.ª	36,000	35,306
6.ª	(a)	44,628
7.ª	35,000	31,839

FERNANDO MENDES, autor da 5.ª vitória do Benfica até à 7.ª etapa

UM DIA LUCRATIVO

Além da multa aplicada a João Roque, a que noutro lugar nos referimos, o juri da Volta aplicou nada menos de 38 outras multas.

Como, por outro, não foram atribuídos os prémios referentes á etapa, por a média ter sido inferior a 32 (foi de 31,839), temos que o dia se tornou inesperadamente lucrativo para... a organização.

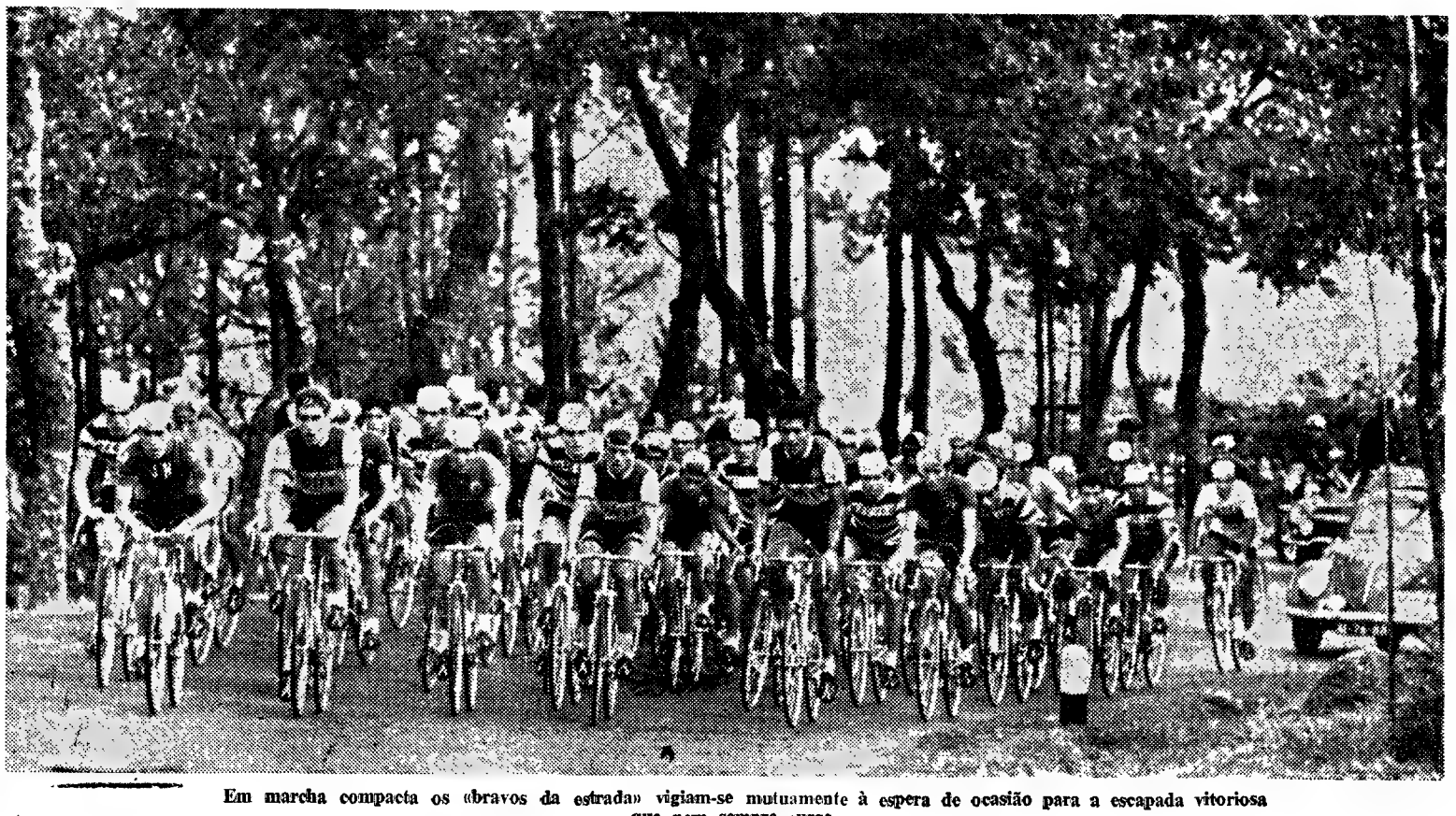


ALÔ! «POSIÇÃO-VOLTA»

Sua Excelência, o Telefone, tem estado nas maiores arrelias, nas mais enervantes preocupações, nos mais perturbadores momentos da minha vida profissional. Sou capaz de ter envelhecido uns anos nas muitas horas passadas á espera de ligações, de pré-avisos com horas certas que saem de todo erradas, do concerto de circuitos inoportunamente avariados. Talvez mais, tudo isto, nas ligações entre o país e o estrangeiro, mas também por cá, nas «terríveis interurbanas», em que um pobre de Cristo espera, ás vezes, o tempo que dava para ir lá ao destino das chamadas.

Por tudo isto, eu vim para a «Volta» com medo. Confesso: com muito medo. Historiar um acontecimento num jornal que se faz enquanto tudo decorre, e que tem, no mínimo, três edições diárias, exige informação própria, imediata, sem delongas. Uma demora de ligação pode ser o malogro de todos os planos, a ruína de todos os cálculos.

Receios infundados todos os meus. Vim encontrar um serviço telefónico que, pelo menos até agora e na parte que me toca, tenho de considerar modelar. Algures, na «Posição-Volta», uma equipa de eficientes e atenciosas funcionárias leva-me num instante á redacção do jornal. Já não tenho medo dos telefonemas da «Volta». Reconciliei-me, mesmo, com o telefone. E daqui saúdo, com respeito e reconhecimento, a eficiência e o espírito de colaboração da magnífica equipa «Posição-Volta».



Em marcha compacta os «bravos da estrada» vigiam-se mutuamente à espera de ocasião para a escapada vitoriosa que nem sempre surge

A Volta a Portugal em bicicleta

A MARCHA DA PROVA

O que foi percorrido...

	Km
1.ª, Pista das Antas	9
2.ª, Porto-Vila do Conde ...	31
3.ª Cir de Vila do Conde	60
4.ª, V do Conde-Guimarães	146
5.ª, Guimarães-Porto	138
6.ª, Pista das Antas	9
7.ª, Amarante-Guarda	211
Total	604

...e o que falta percorrer

	Km
8.ª, Guarda-Viseu	147
9.ª, Viseu-Anadia	98
10.ª, Pista de Sangalhos	2
11.ª, Curia-Tomar	152
12.ª, Tomar-Lisboa	195
13.ª, Pista de Alvalade	9
14.ª, Lisboa-F. do Alentejo ...	183
15.ª F do Alentejo-Louié ...	218
16.ª, Louié-Tavira	50
17.ª, Pista de Tavira	8
18.ª, Tavira-Beja	153
19.ª, Beja-Portalegre	187
20.ª, Portalegre-Cartaxo	170
21.ª, Cartaxo-Lisboa	149
Total	1721

AS PRÓXIMAS ETAPAS

Amanhã: Viseu-Anadia e Pista de Sangalhos

A jornada de amanhã é mais uma que inclui duas jornadas, que pouco diminuirão o total da quilometragem, ainda por cumprir:

Os corredores sairão de Viseu ás 10 horas, em direcção á Anadia, onde cortarão a meta ás 12 e 43... se guardarem a média prevista de 36 quilómetros horários.

Na sua caminhada passarão por Tondela (10 e 38), Campo de Besteiros (10 e 51), Caramulo (11 e 11) e Águeda (12 e 13).

A etapa tem uma meta volante em Tondela (aos 23 quilómetros) e uma contagem para o prémio da montanha (2.ª categoria) no Caramulo.

★

Da 10.ª tirada vai ser teatro a pista de Sangalhos, onde os corredores terão de disputar uma corrida de perseguição individual de dois estradistas. As partidas serão dadas por ordem inversa da classificação geral e o numero de voltas (3 ou 5) será determinado pelo juri.

UMA ATENÇÃO DO HOTEL TURISMO DA GUARDA

Quando os elementos aos órgãos de Informação, que ficaram instalados no Hotel de Turismo da Guarda chegaram aos quartos que lhes estavam reservados, fizeram uma graça suprema. A gerência do hotel tivera a atenção de uma oferta, simples, sem dúvida, mas significativa: um bonito cesto com excelente fruta da região.

Soube bem. Não só a fruta, mas, também, o gesto.

JOÃO ROQUE:

—A DERROTA MAIS AMARGA E A IRONIA DE UMA MULTA

O Roque chorou. Será feio, será sempre feio um homem chorar? Até o mais forte, o mais endurecido na luta, o mais habituado aos êxitos e também experimentado nos desenganos, pode ter de expressar em lágrimas todo um desgosto, uma desilusão, um ruir de sonhos e projectos. Até um João Roque. João Roque que ontem chorou convulsivamente, como talvez não chorasse desde garoto, quando começava a pedalar em cima da bicicleta, lá em Casalinhos de Alfaiate. Roque chorou ontem, quando vergado pelas dores, teve de dizer adeus á «Volta», em que ele era figura cimeira. E ninguém, nem mesmo o mais tenaz adversário, terá deixado de sentir respeito pelas lágrimas do homem forte que ficava vencido no caminho. As lágrimas do Roque. Toda uma manifestação de desgosto, de brio e de inconformismo.

Porque dizem que é feio um homem chorar?...

■

A noite, o comunicado do juri informava que tinha deliberado, entre outras coisas:

«Multar em 100$00 o corredor n.º 21, João Roque, do Sporting, por infracção ao art.º 62.º».

Procurámos o artigo em causa, para conhecer o pecado dum famoso corredor, manifestamente em dia de pouca sorte. E soubemos:

«Art.º 62.º — O corredor que desista em qualquer etapa é obrigado a retirar imediatamente o numero dorsal e só poderá seguir, no resto do percurso da etapa, no «Carro Vassoura» ou na ambulancia quando tenha sofrido acidente.»

Na sua amargura, nas suas lágrimas, o Roque terá esquecido essa coisa fundamental de tirar o numero? Ou terá confundido doença com acidente acolhendo-se a carro proibido? Claro que há o Regulamento, aquela coisa do «dura lex» e outros argumentos frios e irredutíveis, em latim ou não. Mas a multa, pelo motivo que foi e pelo momento em que foi, tem «um não sei quê» de desagradável, na ultima vez em que o nome de um dos mais categorizados corredores portugueses figurou num dos comunicados da 31.ª Volta a Portugal em Bicicleta. Não há nada a fazer, João Roque. Há, apenas, 100$00 a pagar.

CLASSIFICAÇÕES

DA 7.ª ETAPA

INDIVIDUAL

	H. M. S.
1.º F. Mendes (Bf.)	6 37 37
2.º L. Miranda (Sp.)	m. t.
3.º J. S. Vieira (Ambar)	6 37 40
4.º Mário Silva (Porto) ..	6 37 42
5.º E. Dionísio (Sp.) ...	6 38 16
6.º J. Andrade (Sg.)	6 38 18
7.º M. De Block (Fl.) ...	
8.º C. Oliveira (Porto) ..	
9.º Américo Silva (Bf.)	
10.º M. Correia (Sp.)	
11.º J. Agostinho (Sp). ...	
12.º José Vieira (Sp.)	
13.º A. Teixeira (Tav.) ...	
14.º J. Leão (Porto)	
15.º A. Cardoso (Bf.)	
16.º A. Graça (Tav.)	
17.º V. Tenazinha (Sp.) ..	
18.º F. Valada (Bf.)	
19.º J. Azevedo (Porto) ..	
20.º Vitor Rocha (Sp.) ...	
21.º J. Fonseca (Sg.)	
22.º Pedro Moreira (Bf.)	
23.º Manuel Luís (Bf.) ...	
24.º F. Bernardino (Sp.)	
25.º M Castro (Ambar) ..	
26.º R. Domingos (Tav.)	
27.º Sérgio Páscoa (Sp.) ..	
28.º A. Acúrsio (Bf.)	
29.º Mário Sá (Ambar) ...	
30.º Van Clooster (Fl.) ...	m. t.
31.º V. Cardoso (Bf.)	6 38 50
32.º R. Fournière (Fl.) ...	6 39 00
33.º D. Vitorino (Bf.) ...	m. t.
34.º A. Carvalho (Porto)	6 39 32
35.º J. Coelho (Ambar) ...	m. t.
36.º J. Pacheco (Porto) ..	6 39 45
37.º N. Duarte (Sg.)	6 40 05
38.º J. Leite (Porto)	
39.º Lino Santos (Sg.) ...	m. t.
40.º M. Santos (Tav.)	6 40 58
41.º C. Gomes (Porto) ...	6 41 01
42.º C. Oliveira (Sg.)	m. t.
43.º J. Barreto (Sg.)	6 41 29
44.º J. M. Nunes (Tav.) ..	6 41 35
45.º M. Simões (Bf.)	6 42 12
46.º F. Martins (Tav.) ...	
47.º J. Hemeryckx (Fl.)	
48.º V. Dromme (Fl.) ...	
49.º De Marteleire (Fl.) ..	
50.º G. Smissaert (Fl.) ...	m. t.
51.º G. Azevedo (Porto) ..	6 43 04
52.º M Sousa (Porto) ...	6 44 14
53.º N. Timóteo (Sp.) ...	6 44 28
54.º Wilson Sá (Bf.)	6 49 15
55.º A. Pereira (Sg.)	6 49 35
56.º P. Mahien (Fl.)	6 50 45
57.º A. Alves (Ambar) ...	6 53 34
58.º C. Cristina (Tav.) ...	6 54 05
59.º H. Oliveira (Sg.)	6 54 32
60.º Albino Mariz (Sg.) ...	7 10 17
61.º José Vale (Ambar) ..	m. t.

POR EQUIPAS

1.º Sporting	19 51 11
2.º Benfica	19 54 13
3.º Ambar	19 54 16
4.º Porto	19 54 18
5.º Tavira	19 51 54
6.º Flândria	19 55 36
7.º Sangalhos	19 56 41

GERAIS

à partida para Viseu

INDIVIDUAL

	H. M. S.
1.º J. Agostinho (Sp.)	16 52 57
2.º Américo Silva (Bf.)	16 52 58
3.º Franc. Valada (Bf.)	16 53 00
4.º Vítor Rocha (Sp.)	16 53 02
5.º Leon. Miranda (Sp.)	16 53 05
6.º Joaquim Leão (FCP)	16 53 27
7.º Mário Silva (Porto)	16 53 43
8.º José Vieira (Sp.) ...	16 53 46
9.º V. Tenazinha (Sp.)	
10.º Sérgio Páscoa (Sp.)	
11.º Manuel Correia (Sp.)	m. t.
12.º Augus. Cardoso (Bf.)	16 53 47
13.º Antón. Acúrsio (Bf.)	m. t.
14.º Fern. Mendes (Bf.)	16 54 01
15.º Pedro Moreira (Bf.)	16 51 07
16.º Emil. Dionísio (Sp.)	16 51 13
17.º Manuel Luís (Bf.)	16 54 15
18.º F. Bernardino (Sp.)	16 54 39
19.º C. Oliveira (FCP)	16 51 42
20.º José Azevedo (FCP)	m. t.
21.º Vald. Cardoso (Bf.)	16 51 47
22.º Dom. Vitorino (Bf.)	16 54 57
23.º Van Clooster (Fl.)	16 55 23
21.º A. Carvalho (FCP)	16 55 33
25.º R. Fournière (Fl.)	16 56 05
26.º José Pacheco (FCP)	16 56 09
27.º Mário Sá (Ambar)	16 56 17
28.º M. De Block (Fl.) ...	16 56 27
29.º J. Andrade (Sang.)	16 56 35
30.º J. Fonseca (Sang.)	16 56 16
31.º Antón. Graça (Tav.)	16 57 30
32.º A. Teixeira (Tav.) ..	
33.º R. Domingos (Tav.)	m. t.
31.º C. Gomes (FCP) ...	16 57 52
35.º Man. Castro (Amb.)	16 58 02
36.º G. Azevedo (FCP) ...	16 58 13
37.º Joaq. Coelho (Amb.)	16 59 14
38.º N. Duarte (Sang.) ...	16 59 24
39.º C. Oliveira (Sang.)	16 59 29
40.º Van Drome (Fl.) ...	16 59 47
11.º M. Santos (Tav.) ...	17 00 12
42.º J. M. Nunes (Tav.)	17 00 42
43.º M. Sousa (FCP) ...	17 00 51
44.º J. Hemerckx (Fl.) ...	17 01 51
45.º Joaq. Leite (FCP)	17 02 09
46.º Manuel Simões (Bf.)	17 03 32
47.º S. Vieira (Ambar)	17 04 28
48.º F. Martins (Tav.) ...	17 05 48
49.º G. Smissaert (Fl.) ...	m. t.
50.º Norb. Timóteo (Sp.)	17 06 17
51.º De Marteleire (Fl.)	17 06 23
52.º Wilson Sá (Bf.)	17 06 37
53.º J. Barreto (Sang.)	17 07 00
54.º A. Pereira (Sang.) ...	17 08 47
55.º Paul Mahieu (Fl.)	17 09 54
56.º Cust. Cristina (Tav.)	17 13 17
57.º A. Alves (Ambar) ...	17 13 18
58.º H. Oliveira (Sang.)	17 13 30
59.º L. Santos (Sang.) ...	17 16 32

Nota: Nestas classificações já estão incluídas as penalizações.

POR EQUIPAS

	H. M. S.
1.ª Sporting	50 37 59
2.ª Benfica	50 38 21
3.ª F. C. Porto	50 39 45
4.ª Flândria	50 46 51
5.ª Sangalhos	50 50 54
6.ª Ambar	50 51 41
7.ª Tavira	50 52 23

AS BAIXAS DA PROVA

Os que não alinharam à partida

Na 1.ª etapa: 29, Carlos Santos (Sp.); 58, Manuel Petiz (F. C. P.); 97, Jacinto Pontes (Ambar).

Os que desistiram

Na 3.ª etapa: 50, Álvaro Andrade (Sang.).

Na 7.ª etapa: 21, João Roque, Sporting.

Os que foram eliminados

Na 5.ª etapa: 62, Manuel Ribeiro (F. C. P.).

Na 7.ª etapa: 48, Albino Mariz (Sang.); 95, José Vale (Ambar).

Avarias DA VOLTA 68

A grande gincana

Os homens que conduzem as viaturas que constituem a caravana da «Volta», são, de uma maneira geral, excelentes «volantes». Têm de o ser. Trata-se de uma autêntica gincana que requer pericia, resistência física e uma boa dose de conhecimentos acerca da forma de melhor acompanhar uma corrida de bicicletas. Por vezes há que fazer cálculos quase milimétricos, para passar ou dar passagem, e o que importa é que há um códigozinho que todos respeitam, uma consideração generalizada que, de uma maneira geral, todos manifestam pelos interesses ou desejos dos outros. «Deixa-me passar, que eu quero ir lá á frente.» «Passa que eu quero ver o que está a acontecer lá para trás» — e vai-se andando, numa gincana permanente, em que as bermas da estrada são amplamente aproveitadas.

É claro que não faltam os toques, as tangentes que acabam por ser secantes, os riscos na pintura e a chapa amolgada. Vários carros têm já as suas cicatrizes, e, por sinal, foi ontem a vez do do «Diário de Lisboa» — daqui informamos, desde já a ex.ma administração.

São sempre ,aliás, coisas de somenos, que se resolvem com uma conversa ao postigo:

— Tens seguro?

— Tenho.

— Vamos embora...

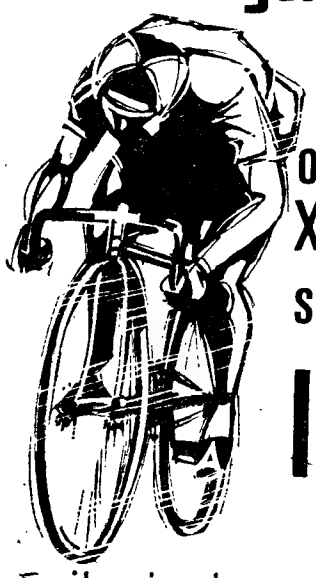
E a gincana continua.

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os COMBOIOS ELECTRICOS

mais força! mais vigor!

laranjina "C"



os ciclistas da XXXI Volta a Portugal são abastecidos pela

laranjina "C"

é vitaminada porque contém realmente VITAMINA C

sorarie

EXTERNATO SÁ DE MIRANDA

ENSINO PRIMARIO — CICLO PREPARATORIO

CURSO LICEAL NOCTURNO

RUA ALEXANDRE BRAGA, 17 (A AL. REIS)

Telef.: Secret. 45310 — Direcção 537532

À VENDA EM TODO O PAIS

EM LISBOA:

LISAGUA DISTRIBUI

Pedidos — Telefs. 553336 - 553809

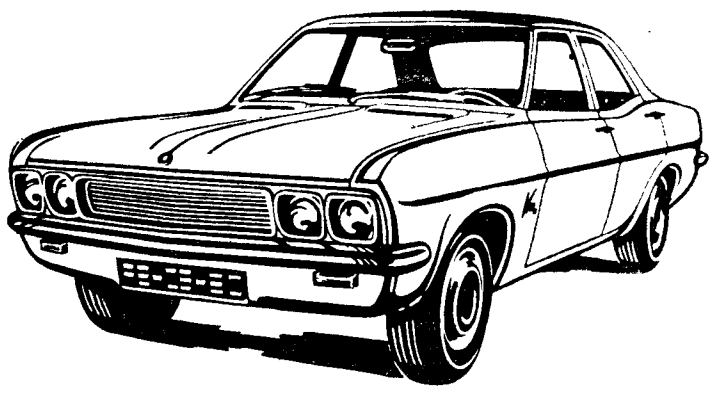
Vauxhall

DE SUCESSO EM SUCESSO...

1968

Victor 102

Modelos: 1600 e 2000



MODELO 1600 CC — ESC. 86.753$20
MODELO 2000 CC — ESC. 96.810$80

(TAXAS INCLUÍDAS)

— ASSISTÊNCIA TÉCNICA POR PESSOAL ESPECIALIZADO

— OFICINAS PRÓPRIAS DEVIDAMENTE APETRECHADAS

AUTO-INDUSTRIAL GM

LISBOA • AV. DUQUE DE LOULÉ, 93 • TEL. 56 25 51 — COIMBRA • LEIRIA
ESTORIL • AV. DE NICE • TEL. 26 38 96 — CALDAS DA RAINHA

S. R.

Ministério da Economia

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos de art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela UNIÃO ELÉCTRICA PORTUGUESA para o estabelecimento, na freguesia de Lavradio, concelho de Barreiro, de uma modificação da linha aérea a 60 kV Coina-Barreiro, sem alteração de comprimento, consistindo na substituição e dselocação dos apoios n.ºs 43 e 44.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 10 de Agosto de 1968.

O ENGENHEIRO CHEFE
Guilherme Martins

HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA

Concurso de provas práticas para motoristas

Nos Hospitais Civis de Lisboa, Serviço de Pessoal do Hospital de S. José, aceitam-se inscrições até ao dia 24 de Agosto corrente, para o concurso de provas práticas para a admissão de motorista.

Os candidatos deverão obedecer ás seguintes condições:

a) Idade mínima de 21 anos e máxima de 29 anos de idade;
b) Habilitações literárias — 2.º grau de instrução primária;
c) Idoneidade moral atestada pela Junta de Freguesia, Regedor ou Pároco;
d) Possuirem carta de condução de ligeiros e pesados.

S. R.

Ministério da Economia

SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se publico que, nos termos e para os efeitos de art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela UNIÃO ELÉCTRICA PORTUGUESA para o estabelecimento, na freguesia de S. Sebastião, concelho de Setúbal, de uma modificação do troço compreendido entre os apoios n.ºs 3 e 7, da linha aérea a 30 kV para a Cerâmica A Scalabitana, sem alteração de comprimento, consistindo na substituição e deslocação dos apoios n.ºs 4, 5 e 6.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 12 de Agosto de 1968.

O ENGENHEIRO CHEFE
Guilherme Martins

«CONHEÇA A CURIA»

A C. P. proporciona-lhe, durante os meses de Julho a Outubro, um bom domingo passado na Curia, com o seu bilhete turístico emitido em Lisboa ao preço de:

Esc. ..... 305$00

Neste preço está compreendido transporte em caminho-de-ferro em comboio rápido, almoço na Curia, entrada no Parque e «lanche» para a viagem de regresso.

Peça folheto descritivo e adquira o seu bilhete nas estações de Lisboa (Rossio) ou de Lisboa (Santa Apolónia), nos Despachos Centrais do Caminho-de-Ferro e nas Agências de Viagens autorizadas.

BOLETIM DO DIA

DADOS E INFORMAÇÕES DE CONSULTA QUOTIDIANA

AMANHÃ — Às 19 e 30, Abertura e Telejornal; 19 e 50, Relatório da Ciência e da Técnica: 20 e 20, Barreira de sombra; 20 e 35, Cartaz TV; 20 e 50, Viagens na nossa terra — Viana do Castelo; 21 e 20, Filme infantil; 21 e 30, Telejornal; 21 e 55, Segredos do mar; 22 e 25, Série de espionagem «Missão Impossível»; 23 e 20, Concerto; 23 e 45, Volta a Portugal em bicicleta; 0 e 5, Telejornal; 0 e 10, Meditação; e 0 e 15, Fecho

TUDOR PILHAS BLINDADAS ESTANQUES

Programa da Rádio

EMISSORA — **1.º Programa** — 451 m — 665 kc/s — Às 16: Noticiário; 16 e 5: Luz no horizonte; 16 e 30: Que quer ouvir? 17: Programa da tarde — Canções do nosso tempo; 17 e 25: A Orq de...; 17 e 35: «Do Choupal até á Lapa»; 18: Reportagem da 8.ª etapa da Volta a Portugal em Bicicleta — Sucessos franceses; 18 e 15: Programa da mulher, por Maria Emília Cancela de Abreu e Judite Navarro; 18 e 35: Musica e Sonho; 19 e 10: Rádio Universidade; 19 e 50: A Orq. Lyrio Panicali; 20: Diário sonoro; 20 e 20 — Diário da Volta — Solistas ligeiros; 20 e 40: Apresentação do folhetim «A Fidalga de Balsemão», de Rodrigues da Cunha, em adaptação de Pedro Pinheiro; 21: Jornal de actualidades; 21 e 30: O saxofonista Fausto Papetti; 21 e 40: Canções de Portugal; 22 e 30: Noite de Teatro: «As mãos e a sombra», de Eurico Lisboa; 24 e 18: Orquestras ligeiras; 1: Fecho.

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s — Às 16 e 30: Musica para cordas, percussão e celesta (Bela Bartok; 17: Ópera «Goyescas» (Granados); 18: Musica do Século XX — Obras de Albert Roussel; 19: Horizonte semanário de Letras e Artes; 19 e 30: Folclore português — Cantos e danças de Trás-os-Montes; 19 e 45: Musica de Piano — Rondó em sol maior opus n.º 2 (Beethoven); 20: Diário Sonoro; 20 e 30: Concerto pelo Coro de Santa Cecília sob a dir. de Mário Pelegrini e regido na Igreja de São Roque em Lisboa; 20 e 47: O Aprendiz de Feiticeiro (Dukas) — Orq. do Concertgebouw de Amsterdão, por Jean Fournet; 21: Dixtuor em ré maior op. 14 para instrumentos de sopro (Georges Enescu) — Conjunto Instrumental dir. Constantin Silvestri; 21 e 30: Panoramas da História, pelo dr. João Ameal; 21 e 50: Recital pelo cantor Francisco Loureiro Diniz; 22 e 10: Capricho op. 2 (Gottfried von Einem) — Orq. Sinf da Rias de Berlim, dir. Ferenc Fricsay; 22 e 20: Poemas sinfónicos; 23: A Voz do Ocidente; 1 e 15: Fecho.

3.º Programa (Cultura em MF 2) — 23 — Musica de piano; 23 e 30: Musica francesa — um programa fornecido pela Radiodifusão Televisão Francesa; 0 h: O flautista Hans Martin Linde — Cantata BWV 210 (João Sebastião Bach); 1: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 034 kc/s — Às 16: Programa C D C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 15: Canções ao acaso; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19 e 45: No Mundo aconteceu; 19 e 30: Rádio-Jornal; 20 e 15: Conjuntos vocais; 20 e 30: Jornal dos espectáculos; 20 e 45: Tempo de ritmo; 21 e 3: Diapasão; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 8: Grande roda; 0 e 2: «P. B. X»; 2: Contacto; 3 e 2: A noite é nossa; 6 e 2: Diário rural; 7 e 3: Talismã

Modulação de frequência — 97,4 mc/s — Às 16 e 4: Clube das Donas de Casa; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 4: Em órbita; 20 e 52: Boa noite em FM; 22 e 2: Programa á Gô-Gô; 0 e 2: Alta fidelidade Philips; 1 e 3. Banda Sonora; 2: FM-67; 4: Fecho

Emissor de Miramar — 383,6 m — 782 kc/s — Às 16: Programa C. D C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matinée teatral; 19 e 3: Miscelanea; 19 e 17. Ela; 19 e 30: Robbialac; 19 e 45: Crónica Feminina; 20 e 5: Rádio Placard; 20 e 20: Norte dia a dia; 21 e 2: Orquestra; 21 e 15: Só Rádio; 21 e 30: Leitura; 22 e 2: Banda de som; 22 e 30: Clube da Juventude.

RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 m — 1286 kc/s — Às 16: Radiorama; 18: Vozes da Europa; 18 e 30: Terço, bênção e missa vespertina da Basílica dos Mártires; 19 e 50: Página 1; 20 e 55: Meditando; 21: Variedades; 21 e 30: Pausa; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Musica de sempre; 23: A 23.ª Hora; 2: Fecho.

Estação do Porto — 256,6 m — 169 kc/s — Às 16: Radiorama; 18: Uma orquestra; 18 e 30: Terço, bênção e missa vespertina, da Basílica dos Mártires, em Lisboa; 19 e 55: Página um; 20 e 55: Meditando; 21: Mosaico; 21 e 30: Chamadas musicais; 22: A musica é boa companhia; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda Média — 188 m — 1594 kc/s — 94,4 mc/s — **Rádio Peninsular:** das 7 ás 8 e das 12 ás 14 e 30; **Rádio Voz de Lisboa:** das 10 ás 12 e das 19 e 30 ás 22; **Clube Radiofónico de Portugal:** das 8 ás 10 e das 22 ás 2; **Rádio Graça:** das 14 e 30 ás 19 e 30.

Farmácias de serviço

Em Lisboa — Turno J

AJUDA — Mendes Gomes, Bairro da Ajuda, 222 (638256) ✲ **Lapada, Lda.**, Calç. da Lapada, 83-A (63412)
ALCANTARA — **Ester Nogueira**, R. de Alcântara, 5-A (637563)
ALMIRANTE REIS — **Antolin, Lda.**, Av. Almirante Reis, 88-B-C (44173) ✲ **Magalhães**, Av. Almirante Reis, 4-D a 4-F (49479)
ALVALADE — **Líbia**, Av. da Igreja, 4-B-C (76811) ✲ **Marbel**, Av. de Roma, 13-A (776235) ✲ **Banha Duarte**, R. Moura Girão 3-B (71062)
AMOREIRAS — **Amoreiras**, Praça das Águas Livres, 8-D (68555)
AREEIRO — **Lusitana**, Av. de Roma, 8-A (725443) ✲ **Chinde**, R. Agostinho Lourenço 6-B (71033)
AVENIDAS NOVAS — **Providência**, R. D. Filipa de Vilhena, 9-C (770324) ✲ **Só da Bandeira**, R. Marquês Sá da Bandeira, 36-42 (49661-54672) ✲ **Oliveira Viegas**, R. Viriato, 29-A (48966-55360).
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — **Zita**, Pr. das Casas Novas, lote 66 (30172).
BAIXA — **Formosinho**, Pr. dos Restauradores, 8 (30927) ✲ **Normal**, R. do Prata, 220 (32342-325553)
BENFICA — **Benfilux**, Est. de Benfica, 444-A (78606) ✲ **Alegria**, Est. de Benfica, 80-A-B (78051) ✲ **Progresso**, Est. A-da-Maia, 64-C (702226) ✲ **Macedo**, Est. do Poço do Chão, 69-C (703697).
CAMPO DE OURIQUE — **Linaldo** — R. Ferreira Borges, 30 (660955) ✲ **Findas** — R. D. Mario Pia, 514 (687949)
CAMPOLIDE — **Ronil**, R. Rodrigo da Fonseca, 53 (683438; ✲ **Zenel**, R. A, 82, Bairro da Liberdade (65840) ✲ **Nova**, R. de Campolide, 297-C (687475).
CAMPO DE SANTANA — **Peninsular**, Campo dos Mártires da Pátria, 117-118 (553308).
ESTEFANIA — **Délia**, R. Açores, 52 (52388).
ESTRELA E LAPA — **Naves, Suc.**, R. da Bela Vista, á Lapa, 31 (66125).
GRAÇA — **Higiénica**, R. Heliodoro Salgado, 20-A (844361).
LUMIAR — **Patulela, Herdeiros**, R. do Lumiar, 122-124 (790332) ✲ **Douro**, Al. das Linhas de Torres, 93-A-B (79113).
OLIVAIS — **Higiene**, R. Cidade Vila Cabral, lote 43 (Olivais Sul) (310026).
PALHAVÃ — **Canto**, Est. das Laranjeiras, 202-B (730841).
PEDROUÇOS — **Higilux**, R. de Pedrouços, 50-52 (61280)
PENHA DE FRANÇA — **Dalton**, Av. Mouzinho de Albuquerque, 1-A (843571) ✲ **Europa**, Av. General Roçadas, 27-A-B (843880)
PICHELEIRA — **Mariuz**, Calç. da Pichelaria, 40-B-C (720703-728395).
PRÍNCIPE REAL — **Gonçalves, Lda.**, R. da Rosa, 76-178 (362687).
REGO — **Berne**, Av. de Berna, 44-A (773568)
SANTO AMARO — **Botânica**, R. do Junqueira, 38-40 (63932)
S. BENTO — **Micael**, R. de S. Bento, 380-382 (562162) ✲ **Açoreana**, Largo do Conde Barão, 2 (661330).
ST.ª MARTA — **Morais Sarmento**, R. Santa Marta, 15-A-B (46490).
DE ST.ª APOLÓNIA AO BEATO — **Madre de Deus**, R. da Margem, 15-B (382470) ✲ **Cruz de Malta**, L. do Chafariz de Dentro, 36 (866126) ✲ **Zema**, R. General Justiniano Padrel (á Calçada dos Barbadinhos), 21 (832580).
SE — **Santa Luzia**, Rua da Saudade 4-B (86983)
MOSCAVIDE — **Banha**, Av. Moscavide, 22 (251858).

Linha de Cascais

ALGÉS — **Combatentes** — Av. Comb. G. Guerra, 166 (Tel. 213953)
CAXIAS — **Nova** — Rua Bernardim Ribeiro, 4-A (Telefone 242839)
PAÇO DE ARCOS — **Trindade Brás** — R. Costa Pinto, 86 (Tel 2432034).
OEIRAS — **Godinho** — R. Cândido dos Reis, 98 — (Tel 2430090)
PAREDE — **Grincho** — Av. da República, 87-A (Tel 2471204)
ESTORIL — **Ostende** — R. de Espinho, 1 — (Tel. 260391) ✲ **S. João** — Est. Nacional, 18 — (Tel 261186).
CASCAIS — **Marginal** — Av. Marginal (Tel. 280078); **A. Costa** — R. Freitas Reis, 24-C (Tel 280274)

Linha de Sintra

AMADORA — **Melo** — P. D. João I, Lote 146—Bairro Janeiro (Tel. 938551); **Central** — Av. Cardoso Lopes, 25 (Tel. 932210); **Igreja** — P. da Igreja, Lote 2 (Tel. 937740); **Jardim** — Av. Conde de Oeiras, Loja X-1 — Reboleira (Tel. 938424).
DAMAIA — **Confiança** — Est. Militar (Tel 970023)
QUELUZ — **Gil** — Av. Miguel Bombarda, 28 — (Tel. 950117) ✲ **Simões Lopes** — Av. Elias Garcia, 51 — (Tel. 950 23).
CACÉM — **Central** — R. Elias Garcia, 55 — (Tel 2940034).
MEM MARTINS — **Química** — Est. Mem Martins 285 — (Tel. 290012).
S. PEDRO DE SINTRA — **Valentim** — — (Tel 980456)
SINTRA — **Misericórdia** — L. Dr. Gregório de Almeida, 2 (Tel 980391).
COLARES — **Colares** — Abreia — (Tel. 299088).

Outra banda

ALCOCHETE — **Gameiro** — L. António dos Santos Jorge, 5 — (Tel 234 00)
ALHOS VEDROS — **Gusmão** — R. Cândido dos Reis, 30 — (Tel 224020)
ALMADA — **Magalhães** — R. Capitão Leitão, 10 (Tel 270242)
BAIXA DA BANHEIRA — **Aliança** — Est. Nacional, 174 — (Tel 224302)
BARREIRO — **Central** — Av. Alfredo da Silva, 48 (Tel 2273207)
COVA DA PIEDADE — **Castro Rodrigues** — P. 5 de Outubro, 62 (Tel 270121)
MOITA — **Silva Rocha** — P. da República 6 — (Tel 239029)
MONTIJO Giroldes — R. Almirante Reis, 45 — (Tel 230008)
SESIMBRA — **Lopes** — R. Cândido dos Reis, 67 — (Tel 229028)
SETUBAL — **Higiene** — R. Pre. Agostinho da Cruz (Tel. 22408), **Portugal** — R. Camilo Castelo Branco (Tel 232 1).
SEIXAL — **Godinho** — L. da Igreja, 51 (Tel 221 8580)

CENTRO ENFERMAGEM DE URGÊNCIA SANTA MARTA
INJECÇÕES TRATAMENTOS E VELAS. OXIGÉNIO SOROS E CAMAS ARTICULADAS
Rua Conde Redondo, 56, 2.
Telef 43738

CARTAZ DOS CINEMAS

ESTREIA DE HOJE

AVIS — «Os Filhos do Leopardo»

TIVOLI
Telef 50595
Às 3 da tarde e 9.30 da noite
(M. 12 anos)
55 SEMANA
Continuação do exclusivo deste cinema
MÚSICA NO CORAÇÃO
com Julie Andrews e Christopher Plummer

SÃO JORGE
Tel. 54153 54154
Hoje às 21.30
Num breve encontro com o cinema francês reaparece
VIVER PARA VIVER
(M. 17 anos)

Às 15.15-18.15 — ÚLTIMAS EXIBIÇÕES:
UM HOMEM E UMA MULHER

EDEN
Tel. 32 07 68
Às 15.15, 18.30 e 21.45 (Adultos)
Eastmancolor
CINCO DESTEMIDOS PARA SINGAPURA
c/ Sean Flynn e Marika Green

MUNDIAL
Às 15.15, 18.15 e 21.30
(Adultos)
O VALETE DE OIROS
Metrocolor
c/ George Hamilton, Marie Laforet e Joseph Cotton
AR CONDICIONADO — Temperatura 20º.

ODEON
Tel. 32 62 83
Às 15.15 e 18.15 e às 21.30
UMA REPOSIÇÃO digna dos maiores louvores do público
com o saudoso mestre ALVES DA CUNHA numa arrebatadora criação em
DUAS CAUSAS
com Mariana Vilar e Artur Semedo
A odisseia de uma orfã que não quer denunciar o homem que a seduziu
(M. 12 anos)

CINEMA IDEAL
Tel. 32 41 94
Às 21 horas
(M. 17 anos)
OS 7 HOMENS DE OURO ATACAM DE NOVO
OS 4 AGENTES SECRETOS

EUROPA
Tel. 66 10 16
Às 15.15 e 21.30
(Adultos)
QUANDO A MULHER ODEIA
com Bárbara Stelle, Anthony Stephen e Ursula Davis

RESTELO
Tel. 61 03 75
As 21,30
(Adultos)
7 HOMENS E UMA MULHER
com Jean Marais, Sidney Chaplin e Marili Tolo

CASINO ESTORIL
TELEFONE: 26 07 29
Às 21.30
(M. 12 anos)
O HOMEM QUE VEIO DO FUTURO
(PLANET OF THE APES)
Panavision — Cor de Luxe
com Charlton Heston, Roddy McDowall, Kim Hunter, James Whitmore e James Daly.

CINE-TEATRO LIDO
Tel. 93 75 93
AMADORA
Às 21.30
(M. 17 anos)
ANNA MAGNANI e ANTHONY QUINN
num filme extraordinário cheio de emoção e dramatismo!
SELVAGEM É O VENTO

IMPERIAL
Tel. 4 59 33
Às 15 e às 21 h.
(Adultos)
PERIGO DE MORTE EM BEIRUTE
O AGENTE SECRETO 006 1/2

TERRASSE
Tel. 32 09 17
As 15 e ás 21 h.
(M. 17 anos)
4 DOLARES DE VINGANÇA
BIKINIS... E MUSCULOS

ELDO
Tel. 4 85 60
As 14.45 e 21 h.
(Adultos)
O ÚLTIMO COMBOIO DO KATANGA
MODELOS DE PARIS

AVIS
Tel. 47163
HOJE, às 21.45
ESTREIA
A mais incrível história que o cinema apresentou!
(M. 12 anos)
OS FILHOS DO LEOPARDO
com: Franco Franchi e Ciccio Ingrassia
— EASTMANCOLOR —

MONUMENTAL
Tel. 55 51 31
Às 15.15 e 21.30
(M. 12 anos)
com Doris Day-David Niven
POR FAVOR NÃO COMAM OS MALMEQUERES

ROMA
Tel. 727778
Às 15.30 e 21.30
(Adultos)
Steve McQueen-Candice Bergen na extraordinária produção de ROBERT WISE
YANG-TSÉ EM CHAMAS
TELA DE 70 mm — COLOR

CONDES
Tel. 32 25 23 • 32 67 10
As 15.15, 18.15 • 21.30 (Adultos)
2.ª SEMANA
EASTMANCOLOR
Franco Nero em
DJANGO
Um nome misterioso para um homem implacável!
No programa: o documentário colorido «O funeral de Kennedy»
(Ar condicionado)

ALVALADE
Tel. 76 30 80
As 15.45 e 21.45 h.
TECHNICOLOR
(M. 6 anos)
A mais apaixonante aventura em parte filmada em Lisboa
UM MILHÃO DE DÓLARES NUMA COLEIRA
com Guy Stockwell e Graig Hill

ESTÚDIO 444
Tel. 77 90 95
Às 15.30, 18.30 • 21.45
2.ª SEMANA
(Adultos)
O inesquecível filme de Vittorio de Sica
DUAS MULHERES
com Sophia Loren, Renato Salvatori e Eleonora Brown

Festa de beneficência organizada pela Fundação D. Nuno Álvares Pereira

Nor jardins do Convento dos Capuchos, perto da Costa da Caparica, realiza-se amanhã, promovida pela Fundação D. Nuno Álvares Pereira, uma castiça festa destinada a angariar fundos para aquela instituição de benemerência.

Colaboram os fadistas Teresa Silva Carvalho, Carlos do Carmo, Carlos Guedes Amorim e João Rosa, o conjunto angolano de Lily Tchimba e o grupo de cantares e danças regionais de Goa.

Os bilhetes que restam encontram-se á venda na agência de turismo do S. N. I., nos Restauradores, e na Junta de Turismo da Costa do Sol, no Estoril, sendo quaisquer informações fornecidas pelo telefone 2400173.

Festas e Romarias

Em Monforte

Começam amanhã, prolongando-se até sábado, as festas em honra de Nossa Senhora do Parto que se realizam em Monforte e cujo produto líquido reverte a favor da Misericórdia local.

Colaboram nestas festas a Banda Municipal de Monforte, os conjuntos «Vagabundos do Ritmo», «Figueira e Padeira» e «Os Snobes».

Haverá duas touradas e os arraiais do costume, em todas as noites, com fogo de artifício.

O cortejo de oferendas em benefício do Hospital da Misericórdia, realiza-se depois de amanhã, ás 10 horas.

MÉRITO CORPORATIVO

O ministro das Corporações concedeu a medalha de cobre de mérito corporativo e do trabalho ao sr. Alberto Augusto Tavares, profissional de cinema. Esta distinção foi-lhe concedida atendendo «ás qualidades morais e de trabalho, lealdade e espírito de disciplina demonstrados ao longo da sua carreira profissional».

Este é o Gin

...para ter a certeza diga:

'Gordon's para mim'

AGENTES:
J. A. DA COSTA PINA, LDA.
Rua do Alecrim, 73 LISBOA
COSTA PINA & VILAVERDE, LIMITADA
Rua do Bonjardim, 420 PORTO

OUTROS ESPECTÁCULOS

TEATROS

VARIEDADES — Às 21 e 45: «A flor do cacto» (17 anos).
VILLARET — Às 21 e ás 23: «Oh que delícia de coise» (17 anos).
MONUMENTAL — Às 20 e 45 e ás 23: «Lisboa é sempre mulher» (17 anos).
VASCO SANTANA — Às 21 e 45: «A louca de Challot» (17 anos).
GIL VICENTE — Às 21 e 45: «A maluquinha de Arrolos» (17 anos).

CINEMAS

PARIS — Às 21: «Um estranho em casa» (17 anos).
JARDIM — Às 21: «Missão em Teerão» (12 anos).
ARCO IRIS — Às 21: «O. S. S. 117 em plena acção» (12 anos).
IMPERIAL — Às 21: «Perigo de morte em Beirute» (17 anos).
CINEARTE — Às 21: «A vingança dos Vikings» (12 anos)
ROYAL — Às 21: «Hondo, o destemido» (12 anos).
OLIMPIA — Às 21: «Os sete gladiadores» (12 anos).
TERRAÇO DE LISBOA — Às 21 e 15: «O regresso de Ringo» (17 anos).
CINEMA UNIVERSCAL — Às 21: «Ursus o Gladiador (12 anos).
CAMPOLIDE — Às 21: «3 raparigas em Paris» (12 anos).
CINEMA ENCARNAÇÃO — «Três espelhos» (17 anos).
CINE-MOSCAVIDE — Às 21: «O Perseguido» (12 anos).
CINE-CASTANHEIRA — Às 21 e 30: «O direito de nascer» (17 anos).
BOMBEIROS VOL. LOURES — Às 21 e 30: «Bate primeiro Freddy» (12 anos).
CINE-ORIENTE — Às 21: «Serviço Secreto X77» (12 anos).
SPORT LISBOA E BENFICA — Às 21 e 30: «Sansão, o Terrível» (12 anos).

● Linha de Cascais

ALGÉS — STADIUM — Às 21 e 30: «O rebelde aventureiro» (12 anos).
CARCAVELOS — VITÓRIA-CINE — Às 21 e 30: «A batalha das Ardenas» (12 anos).
OEIRAS — OEIRAS-CINE — Às 21 e 15: «Dançando o Sirtaky» (12 anos).
PAREDE — ROYAL-CINE — Às 21: «O Leão de Tebas» e «O sinal secreto de D'Artagnan» (12 anos); PARQUE OCEANO — Às 21 e 45: «O amor desceu em pára-quedas» (12 anos).
ESTORIL — CASINO — Às 17 e às 21 e 30: «O homem que veio do futuro» (12 anos); CINE-ESPLANADA — Às 21 e 30: «Sete vezes mulher» (17 anos).
CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «Os grandes aventureiros».

● Outra banda

ALMADA — INCRÍVEL — Às 21 e 15: «Por favor não me morda o pescoço» (17 anos); ACADEMIA — Às 21 e 15: «O mordomo do Far-West» (12 anos).
TRAFARIA — PAVILHÃO JARDIM — Às 21 e 15: «Não sou digno de ti» e «A flecha sangrenta» (12 anos).
COVA DA PIEDADE — UNIÃO ARTÍSTICA — Às 21 e 15: «Sobe e desce» (12 anos).

● Linha de Sintra

PONTINHA — CINE-UNIÃO — Às 21 e 15: «Genchis Khan o conquistador» (12 anos).
DAMAIA — D. JOÃO V — Às 21 e 30: «O perfume do dinheiro» (17 anos).
VENDA NOVA — CINE-PORTUGAL — Às 21 e 15: «O pioneiro» (12 anos).
AMADORA — REGREIOS DESPORTIVOS — Às 21 e 15: «Granada, adeus» (12 anos).
QUELUZ — QUELUZ-CINE — Às 21 e 15: «Águas negras de Santa Sé» e «OSS 117 em Bangkok» (12 anos).
MEM MARTINS — CINE-CHABY — Às 21 e 30: «Esta mulher matou» (17 anos).
SINTRA — CARLOS MANUEL — Às 21 e 30: «O príncipe guerreiro» (12 anos).
ERICEIRA — CASINO — Às 21 e 15: «Adivinha quem vem jantar» (12 anos).

HOJE — FERIADO NACIONAL — HOJE

A FEIRA POPULAR de LISBOA

A FAVOR DA COLÓNIA BALNEAR INFANTIL DE «O SÉCULO»
ABRE ÀS 15 HORAS
AS CRIANÇAS E AS PESSOAS DE TODAS AS IDADES PREFEREM OS INÚMEROS DIVERTIMENTOS QUE SE ENCONTRAM À SUA DISPOSIÇÃO NO MELHOR DIVERTIMENTO DA CAPITAL

1.º PRÉMIO — 1 PANELA DE PRESSÃO
2.º » — 1 RÁDIO TRANSISTOR
3.º » — 1 TERMO

ESTES SÃO OS ÚTEIS E INTERESSANTES PRÉMIOS PARA A ETAPA: CURIA-TOMAR, DO PASSATEMPO

A VOLTA VISTA DA FEIRA

QUE ESTÁ A DECORRER COM ENORME ENTUSIASMO COM O PATROCÍNIO DE
JOÃO CAMILLO ALVES, LDA.

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

bom apetite

Restaurante CASTANHEIRA
DECLARADO DE UTILIDADE TURÍSTICA
Est. da Torre - Lumiar - tel. 79 01 68
ENCERRADO ATÉ AO PRÓXIMO DIA 21 POR MOTIVO DE FÉRIAS DOS SEUS EMPREGADOS.

NA SEXTA-FEIRA
O SEU ALMOÇO É NA
Parreirinha do Rato
Especialidades do dia:
CABEÇAS DE PESCADA À PARREIRINHA
PATO À PORTUGUESA
Todos os dias pratos variados
Largo do Rato, 11 — Tel. 68 59 08
PARQUE PARA AUTOMÓVEIS

RESTAURANTE XANGAI
Av. Duque de Loulé, 20-B / T. 57378
(frente á Embaixada Americana)
AMANHÃ EXPERIMENTE
GALINHA C/ ANANÁS
E FICARÁ CLIENTE

RESTAURANTE SANCHO
Trav. da Glória, 14 — Telef. 369780
ALIMENTOS DE 1.ª QUALIDADE
NO MELHOR AMBIENTE
SALA PARA 40 e 80 PESSOAS
● AR CONDICIONADO ●

Tamborim
Restaurante — Snack-Bar - Cervejaria
Especialidades diárias
AÇORDA DE LAGOSTA e COZINHA GOESA
Rua Gomes Freire, 14
Ao Campo Santana) — Telef. 46247

Sociedade «ESTORIL»
VENDA DE SÉRIES DE 20 BILHETES SEM DATA
Todos os dias e em todas as estações
VENDA DE BILHETES PARA OS DOMINGOS
Aos sábados na estação do Cais do Sodré das 15 ás 22 horas.

A VOLTA A PORTUGAL EM BICICLETA

(Continuação da 1.ª página)

Saude. Desta feita, após a longa e ingreme subida que só com muita dificuldade os ciclistas — e nem todos — conseguem vencer, a corrida continuará. Por mais 97 quilómetros. E logo após as Penhas da Saude, uma dezena de quilómetros depois, os corredores encontram a escalada para a Torre, também com contagem de 1.ª categoria para o Prémio da Montanha, se bem que menos dura que a anterior.

Há duas opiniões, a respeito de tudo isto: consideram uns que a etapa foi prejudicada, em relação a uma chegada com diferenças de tempos entre cada ciclista, e isto porque passa a haver possibilidades de se verificar o reagrupamento depois das Penhas; pensam outros que tudo se tornou mais difícil, e que se já era a custo que os ciclistas atingiam o cimo da montanha, pior será com quase 100 quilómetros a mais.

Saber-se-á hoje, ao fim da tarde, como termina esta apaixonante tirada da Volta a Portugal em bicicleta, da qual o «Diário de Lisboa» dará pormenorizado relato na sua terceira edição.

Feira de Agosto nas Caldas da Rainha

CALDAS DA RAINHA, 15—Abriu hoje nesta cidade a Feira de Agosto, uma das mais importantes que se realizam nesta região.

Como vem sendo hábito, é na mata do Hospital Rainha D. Leonor que a mesma se encontra instalada tendo registado, este ano, uma das maiores presenças de feirantes.

A feira de gado nela englobada, è de tradições na região, regista sempre volumosas transacções.

A afamada Feira de Agosto é assim certame de retumbancia em toda a região caldense com as suas numerosas atracções (os mais variados artigos e produtos á venda, divertimentos, barracas de comes e bebes, onde não faltam excelentes vinhos e petiscos de fazer crescer água na boca).

Os visitantes afluem em grande numero, vindos não só da região como de pontos mais afastados. E são numerosos igualmente os turistas dos mais variados países que encontrando-se agora em Portugal, aparecem igualmente na feira atraídos pelo seu interesse e típica animação.

Esta tarde, a tourada, com excelente cartel, é numero de sensação no calendário da grande Feira de Agosto.

FUNDAÇÃO DA CASA DE BRAGANÇA

VILA VIÇOSA, 15 — Por iniciativa do conselho de administração da Fundação da Casa de Bragança foi hoje rezadá, ao meio-dia, na capela do palácio ducal, missa solene em honra de Nossa Senhora. Presidiu ao acto liturgico o arcebispo de Évora e pronunciou a homilia monsenhor dr. Avelino Gonçalves.

Concerto público na praia do Furadouro

OVAR, 14 — Depois de amanhã, às 22 horas, a Sociedade Musical Boa União — Banda dos Bombeiros Voluntários de Ovar (Música Nova) dará um concerto público na praia do Furadouro, dedicado especialmente aos seus associados e aos veraneantes, executando um variado programa de música clássica e ligeira, numa excelente colaboração com a propaganda turística.

CICLO PREPARATÓRIO DO ENSINO SECUNDÁRIO

Criadas 118 novas escolas e regulamentado o regime de regência

Uma portaria assinada pelos ministros da Educação Nacional e das Finanças acaba de criar 118 escolas preparatórias do ensino secundário e transforma em escolas preparatórias 13 escolas técnicas elementares.

Além da criação de escolas em localidades onde já existia ensino publico, são agora beneficiadas mais as seguintes: Albergaria-a-Velha, Alijó, Anadia, Arcos de Valdevez, Arouca, Arraiolos, Caldas de Vizela, Castanheira de Pêra, Ermesinde, Felgueiras, Góis, Mafra, Maia, Miranda do Douro, Mogadouro, Monção, Montalegre, Paredes, Pinhel, Ponte da Barca, Ponte de Sor, Rio Maior, Seia, Vagos, Vale de Cambra, Valongo, Vieira do Minho, Vila do Conde, Vila da Feira, Vila Nova de Ourém, Vila Viçosa e Vila Verde.

À medida que nestas localidades se verifiquem as condições de instalação indispensáveis, essas escolas entrarão em funcionamento.

De entre elas, considera-se desde já possível o funcionamento no próximo ano lectivo em Alijó, Amadia, Ermesinde, Felgueiras, Góis, Mafra, Miranda do Douro, Montalegre, Paredes, Pinhel Ponte da Barca, Ponte de Sor, Seia e sua secção em Loriga, Vagos, Vale de Cambra, Valongo, Vila do Conde, Vila Nova de Ourém, Vila Verde, Vila Viçosa, onde graças á acção de entidades locais se conseguiram edifícios, alguns deles construídos propositadamente, num esforço digno de louvor. A entrada em funcionamento de outras escolas no próximo ano lectivo será anunciada oportunamente.

As Escolas Preparatórias resultantes da transformação de Escolas Técnicas Elementares são as seguintes: escolas preparatórias D. António da Costa (com secção feminina) — Almada; Prof. Pereira Coutinho (com secção feminina) — Cascais; Álvaro Velho (com secção feminina) — Barreiro; Eugénio dos Santos (masculina) — Lisboa; Francisco Arruda (masculina) — Lisboa; Pedro de Santarém (masculina) — Lisboa; Nuno Gonçalves (masculina) — Lisboa; Manuel da Maia (masculina) — Lisboa; Marquesa de Alorna (feminina) — Lisboa; Paula Vicente (feminina) — Lisboa; Luís António Verney (com secção feminina) — Lisboa; Ramalho Ortigão (masculina) — Porto; Gomes Teixeira (masculina) — Porto.

Enquanto não for possível obter instalações adequadas, muitas outras escolas funcionarão em estabelecimentos de ensino publico já existentes.

A portaria que as cria estabelece ainda os quadros de pessoal docente, administrativo e menor e determina que o estágio funcione, em princípio, nas seguintes Escolas: *a*) Em Lisboa: escolas preparatórias Francisco Arruda, Nuno Gonçalves e Luís António Verney. *b*) No Porto: escolas preparatórias Ramalho Ortigão e Gomes Teixeira.

Foram criadas escolas preparatórias nas seguintes localidades: Abrantes, Águeda, Albergaria-a-Velha, Alcanena, Alcobaça, Alijó, Amadora, Amarante, Anadia, Angra do Heroismo, Arcos de Vildevez, Arouca, Arraiolos, Aveiro, Barcelos, Beja, Braga, Bragança, Caldas da Rainha, Caldas de Vizela, Canas de Senhorim, Cantanhede, Castanheira de Pera, Castelo Branco, Chaves, Coimbra, Covilhã, Elvas, Entroncamento, Ermesinde, Espinho, Estarreja, Estremoz, Évora, Fafe, Faro, Felgueiras, Fiães, Figueira da Foz, Funchal, Fundão, Góis, Gondomar, Gouveia, Grândola, Guarda, Guimarães, Horta, Ilhavo, Lagos, Lamego, Leiria, Loulé, Loures, Lousã, Mafra, Maia, Marinha Grande, Matosinhos, Miranda do Douro, Mirandela e Mogadouro.

Outras escolas criadas pela portaria conjunta: Monção, Montalegre, Montemor-o-Novo, Montijo, Moura, Oeiras, Olhão, Oliveira de Azeméis, Ovar, Paredes, Penafiel, Peniche, Pinhel, Peso da Régua, Pombal, Ponta Delgada, Ponte da Barca, Ponte de Lima, Ponte de Sor, Portalegre, Portimão, Póvoa de Varzim, Reguengos de Monsaraz, Rio Maior, Santarém, Santo Tirso, Seia, Seixal, Serpa, Setubal, Silves, Sintra S. João da Madeira, Tavira, Tramagal, Tomar, Torre de Moncorvo, Torres Novas, Torres Vedras, Vages, Vale de Cambra, Valongo, Viana do Alentejo, Viana do Castelo, Vieira do Minho, Vila do Conde, Vila da Feira, Vila Franca de Xira, Vila Nova de Famalicão, Vila Nova de Gaia, Vila Nova de Ourém, Vila Real, Vila Real de Santo António, Vila Viçosa, Vila Verde e Viseu.

Por seu turno, o gabinete do ministo da Educação Nacional enviou para o «Diário do Governo» um decreto-lei contendo diversas disposições relativas ao ciclo complementar do ensino primário (5.ª e 6.ª classe).

Este ciclo, instituído pelo Decreto-Lei n.º 45 810, de 9 de Julho de 1964, e regulado, também, pelo Decreto-Lei n.º 47 211, de 23 de Setembro de 1966, tem estado em funcionamento experimental, e entra, gora, numa fase definitiva, com o começo da vigência da obrigatoriedade escolar posterior á 4.ª classe.

A obrigatoriedade escolar posterior á 4.ª classe principia, assim, a aplicar-se em 1968-1969 para os alunos que tenham feito as quatro primeiras classes a partir de 1964-1965, e pode cumprir-se, ou através da 5.ª e 6.ª classe, ou através do ciclo preparatório do ensino secundário, também recentemente instituído, quer na forma de ciclo preparatório directo (nas escolas), quer na forma de ciclo preparatório TV.

Quanto á 5.ª e 6.ª classe, existe a experiência que resulta de elas, como se disse, terem já estado em funcionamento facultativo e experimental.

A experiência assim adquirida levou a introduzir algumas alterações, não numerosas, mas significativas, no regime que tem estado a vigorar.

Assim, o diploma agora enviado para a folha oficial regula em termos diferentes dos anteriores o provimento dos professores do ciclo complementar. Estabelece que podem requerer provimento nos lugares postos a concurso: 1) Os professores aprovados no exame final do curso complementar do magistério primário (curso cuja entrada em funcionamento dependerá de regulamentação contida no Estatuto do Magistério Primário em preparação; 2) Os professores com o 3.º ciclo liceal aprovados nos cursos de especialização que têm estado a realizar-se; 3) Os professores sem o 3.º ciclo liceal aprovados nos referidos cursos; 4) Os professores com o 3.º ciclo liceal mas sem frequência desses cursos; 5) Os restantes professores primários.

A graduação dos concorrentes far-se-á segundo a ordem destes grupos; dentro de cada grupo, segundo a ordem da valorização profissional; em caso de igualdade de valorização profissional, segundo a ordem estabelecida no art.º 11.º do Decreto n.º 19 531, de 30 de Março de 1931

O diploma ainda contém outras providências. Entre estas salienta-se a relativa á acumulação de regências. Nos casos em que á carência de pessoal docente o justifique, pode o ministro da Educação Nacional autorizar: a) Um professor incumbido da regência num lugar do ciclo elementar (quatro primeiras classes) a reger noutro lugar do mesmo ciclo; b) Um professor incumbido da regência num lugar do ciclo complementar a reger noutro lugar do cicló elementar. A acumulação de regências far-se-á em regime de desdobramento, no mesmo estabelecimento de ensino ou em estabelecimentos que não distarem entre si mais de dez quilómetros.

de VEZ em quando

O problema está em discussão nos E. U. A., segundo vimos no ultimo boletim do A. C. P. Há quem pretenda estabelecer em 130 km/h o limite de velocidade nas estradas americanas, mas há também quem discorde, afirmando que apenas 5 % dos acidentes se verificam com automóveis a rodar a velocidade superior áquela. Bom, o problema é deles. Cá para nós, a solução, segundo nos querem fazer acreditar, está á vista: ninguém passa dos 90 km/h. Resultado: o casal francês nosso amigo que queria ir ao Porto desistiu de o fazer quando lhe dissemos precisarem de seis horas para a viagem, pouco menos do que eles gastaram a ligar Paris a Hendaya, o que é quase o triplo da distancia. Concluindo: somos de opinião que se repitam as campanhas de limitação de velocidade, mas com a promessa de a cada uma delas se seguir outra campanha, promovida com o objectivo de fomentar a construção e alargamento das estradas.

V. D.

Um morto e dez feridos num desastre de viação ocorrido entre Pombal e Leiria

POMBAL, 15 — Um morto e dez feridos em estado grave é, para já, o triste balanço de um violento acidente de viação ocorrido esta manhã, na estrada nacional n.º 1 entre esta vila e Leiria.

A identidade do morto é a seguinte: Manuel da Silva Ribeiro, residente em Arvore, Vila do Conde. Portador de um certificado internacional de condução, passado pelos Estados Unidos, conduzia um automóvel, de aluguer sem condutor, com a matrícula ID 50-37 e com ele seguiam mais cinco pessoas.

Foi ao ultrapassar um outro veículo ligeiro que o automóvel por ele conduzido foi embater, violentamente, com o auto-ligeiro misto FC- 27-09, conduzido pelo seu proprietário sr. António Fragoso Filipe, residente em Vimeiro, Alcobaça, e que circulava em sentido contrário. No total, há dez feridos em estado grave, sendo cinco de cada um dos veículos.

Para os Hospitais da Universidade de Coimbra seguiram o cadáver do condutor do primeiro veículo e dois dos feridos, um dos quais se encontra em estado desesperado, temendo-se que não sobreviva além de hoje.

O ASCENSOR DA GLÓRIA

A partir da próxima segunda-feira, estarão paralisados os ascensores da Calçada da Glória, durante cinco dias, tempo necessário para se proceder a diversas reparações.

CORUCHE

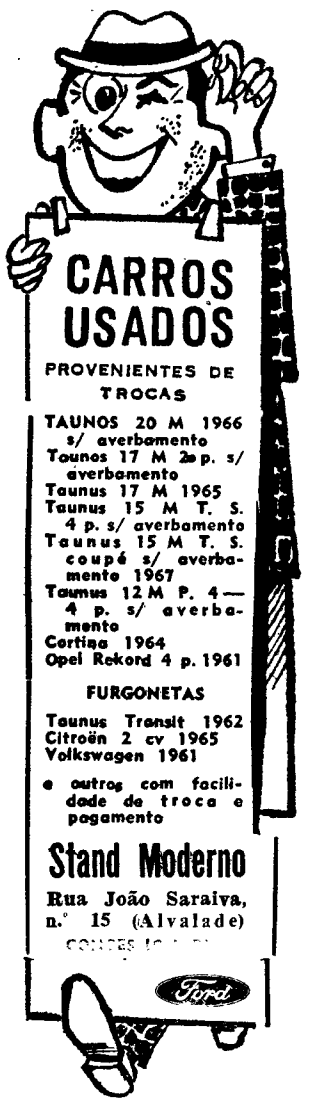
M/ 6 ANOS

2 — COLOSSAIS CORRIDAS DE TOIROS
NAS FESTAS EM HONRA DE NOSSA SENHORA DO CASTELO

SABADO 17 — às 17.30
CARTEL DE REQUINTE
Luís Miguel da Veiga
Fernando Andrade Salgueiro
José Júlio
Mário Coelho
FORCADOS AMADORES DO RIBATEJO, DE JULIANO LOUREIRO
4 toiros do Dr. António Silva e 4 do Dr. Brito Pais

DOMINGO 18 — às 17.30
CARTEL DE LUXO
Ribeiro Telles
Mestre Batista
Luís Segura
José Simões
FORCADOS AMADORES DE ALCOCHETE, DE ANTÓNIO PENETRA
4 Toiros do Dr. António Silva e 4 de João Núncio

CURSO DE CORRESPONDENTES
PREPARAÇÃO PARA SECRETÁRIAS
Condições especiais para alunas com a secção de letras do 5.º ano ou Curso Geral de Comércio
ESCOLA LUSITANA DE COMÉRCIO
AVENIDA ALMIRANTE REIS N.º 2-2.º
TELEF. 41696



CARROS USADOS
PROVENIENTES DE TROCAS
TAUNUS 20 M 1966 s/ averbamento
Taunus 17 M 2.ª p. s/ averbamento
Taunus 17 M 1965
Taunus 15 M T. S. 4 p. s/ averbamento
Taunus 15 M T. S. coupé s/ averbamento 1967
Taunus 12 M P. 4 — 4 p. s/ averbamento
Cortina 1964
Opel Rekord 4 p. 1961
FURGONETAS
Taunus Transit 1962
Citroën 2 cv 1965
Volkswagen 1961
e outros com facilidade de troca e pagamento
Stand Moderno
Rua João Saraiva, n.º 15 (Alvalade)

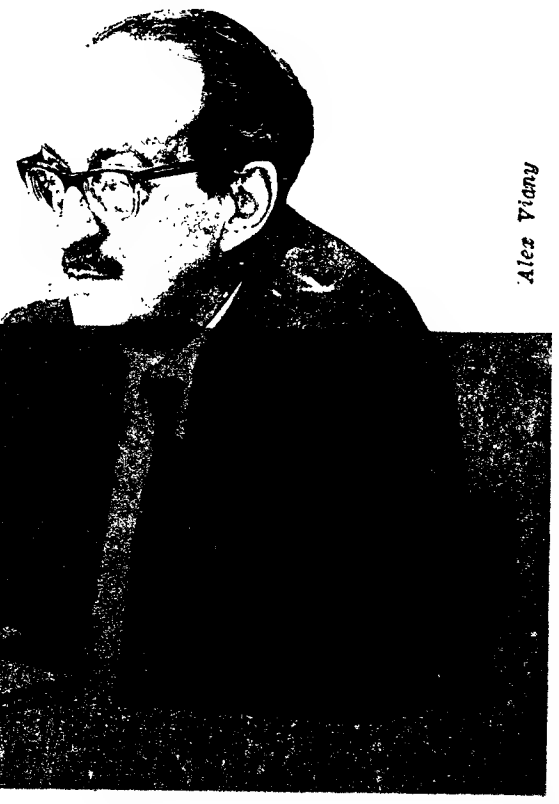
SUPLEMENTO
Diario de Lisbôa
LITERÁRIO

Alex Viany
Alexandre Pinheiro Torres
Gonçalo Ribeiro Telles
João Palma-Ferreira
José Vaz Pereira
Urbano Tavares Rodrigues

N.º 524/15 DE AGOSTO DE 1968

Perfil do cinema brasileiro

por Alex Viany



Alex Viany

O presente artigo — importante contribuição para o conhecimento entre nós da situação cinematográfica no Brasil — foi-nos cedido pelo prestigioso crítico, ensaista e realizador Alex Viany, fundador da revista «Filme» (órgão de importância capital para a arrancada do novo cinema brasileiro) e autor duma excelente «Introdução ao Cinema Brasileiro» editada pelo Instituto Nacional do Livro. Viany, considerado muito justamente como porta-voz da nova cinematografia do seu país, tem o curso de realizador e argumentista do «People's Educational Center» (E. U. A.) e realizou os filmes «Agulha no Palheiro» (1952/53), «Rua sem Sol» (1953/54), «Die Windrose», episódio brasileiro (1955) e «Sol sobre a Lama» (1962/63). O facto de ter sido convidado para membro do júri do último Festival de Berlim comprova o seu prestígio internacional.

QUASE quarenta prémios internacionais em cerca de cinco anos; programas retrospectivos em Berlim, Génova, Moscovo e Nova Iorque; mostras de documentários em Leipzig e Viña del Mar artigos e debates em algumas das mais influentes revistas de cinema do mundo; uma crescente frequência de nomes como os de Ruy Guerra, Leon Hirszman, Glauber Rocha, Nelson Pereira dos Santos e Paulo César Saraceni nos respeitosos escritos de críticos importantes — eis umas tantas das vitórias já conquistadas pelo jovem e combativo Cinema Novo do Brasil.

Dentro da desorganização endémica e da aparente inconsequência que têm caracterizado a história do cinema brasileiro, os primeiros vagidos desse movimento de renovação começaram a ser entreouvidos no início da década de 1950, quando um grupo de cineastas jovens desfechou uma ofensiva em duas frentes: numa, contra o cosmopolitismo oco das produções mais pretensiosas, que procuravam tardiamente importar os padrões de uma Hollywood em decadência; noutra, contra o populismo falso das desleixadas comédias musicais a que se deu o nome de *chanchadas*.

A iniciativa desse grupo de inovadores encontrou um eco imediato e entusiástico numa nova geração que dava os primeiros passos na crítica e nos clubes de cinema. Todo um plano de acção foi traçado nos dois congressos nacionais do cinema brasileiro que se realizaram no Rio de Janeiro e em São Paulo em 1952 e 1953.

Em 1952, o neo-realismo italiano foi a inspiração máxima do filme de estreia do crítico Alex Viany, *Agulha no Palheiro*, no qual Nelson Pereira dos Santos serviu como assistente de direcção. E neo-realistas foram os dois primeiros filmes do próprio Nelson Pereira dos Santos: *Rio, 40 Graus* (1955) e *Rio, Zona Norte* (1957), bem como sua produção de *O Grande Momento* (1958), de Roberto Santos. Contudo, essas tentativas inseriam-se, também, entre as raras buscas de um cinema brasileiro legitimamente popular, retomando um veio que, desde o advento do cinema falado, já produzira *Favela de Meus Amores*, de Humberto Mauro (1935); *João Ninguém*, de Mesquitinha (1937), e *Moleque Tião*, de José Carlos Burle e Alinor Azevedo (1943); por outro lado, tanto *Agulha no Palheiro* como *Rio, 40 Graus* procuraram utilizar conscientemente certos elementos populares da *chanchada*.

Entre 1958 e 1962, houve uma série de experimentações em curtametragem e 16 milímetros; ao mesmo tempo, o movimento ganhava ímpeto entre uns poucos críticos respeitáveis do Rio, de São Paulo e de Salvador, começando realmente a ser visto como um movimento, se bem que ainda inorgânico. Seu nome apareceu pela primeira vez por volta de 1959-1960, e o próprio movimento nascente era então tão fluido e indefinido como o da *nouvelle vague* francesa. Mas cada novo cineasta trazia para ele não só seu talento pessoal, sua personalidade própria, não só suas influências estrangeiras particulares — tão variadas como Buñuel, Eisenstein, Ford, Godard, Kurosawa, Resnais, Rossellini, Visconti —, mas, principalmente, um intenso amor pelo cinema e uma determinação ainda mais firme de encontrar uma linguagem cinematográfica verdadeiramente capaz de reflectir os tremendos problemas sociais e humanos do país. Tais afinidades terminaram por dar uma forma, uma unidade, um sentido fraternal ao movimento. Em 1960, Alinor Azevedo, decano dos escritores brasileiros de cinema, ajudou Roberto Farias, formado na *chanchada*, em seu primeiro esforço sério, *Cidade Ameaçada;* em 1961, Nelson Pereira dos Santos ofereceu-se para montar o filme de estreia de Glauber Rocha, *Barravento*;

(Continua na página seguinte)

William Burroughs

por João Palma-Ferreira

WILLIAM BURROUGHS é um dos maiores escritores do mundo. WILLIAM BURROUGHS é o maior escritor do mundo, afiançar-me-á Norman Mailler, garantirá Robert Lowell, corrobora E. S. Seldon, afirma com tristeza e inveja Jack Kerouac, assevera peremptòriamente Herbert Gold, complica um pouco Mary McCarthy. Ginsberg, Lawrence Ferlinghetti, Claude Pélieu, todos acabarão por dizer o mesmo: WILLIAM BURROUGHS é o maior escritor do mundo. Poucos sabem porquê, ou apenas sentem que Burroughs bateu o judaísmo tradicionalista de Malamud, de Saul Bellow, de Jerome Salinger, de Gore Vidal e de todos os judaizantes da geração. Burroughs bateu o *nouveau roman*, bateu o grupo *Tel Quel*. Burroughs bateu o próprio espectralismo de Ginsberg e de Leary. Burroughs estendeu a mão à Alemanha e bateu o *grupo 47*. Bateu a «Nova Itália». Preocupou Cabrera Infante, Rulfo, Vargas Llosa, Fuentes. Veio ao encontro das intempestivas opiniões de Retamar, que se insurgiu contra algo que estava errado no processo da literatura mas que ele próprio não conseguiu detectar. Burroughs é um monstro. Burroughs é um santo. Burroughs foge ao tempo. Foge ao espaço. Foge aos críticos literários. Onde está Burroughs? No bairro indígena, em Tânger? Em Istambul? Em Cuernavaca? Fuma ópio, agora, ou tenta a cura por apomorfina? Tritura chá negro com que enche a fornalha do cachimbo? Está-se, apenas, nas tintas e viaja em *Nova Express*, ou percorre os laboratórios prisionais de *Annexia?* Burroughs é, de facto (e sempre *de facto*) a Nova Literatura. Mas quem é Burroughs, este fantasma, este milagre de ressurreição da arte, que me olha, ali, no retrato quase funéreo, no oplário, com chapéu alto, de seda, ou aqui, com olhos-bolas-vermelhas? *Baedecker* and *Who's Who* dedicam-lhe quatro linhas. Nascido em ... estudou em ... publicou ... tudo livros sobre o poder do narcótico e os seus efeitos sobre o homem. Sùbitamente (...) *eu acordei da Doença quando já tinha quarenta e cinco anos, tranquilo e são, e em razoáveis condições de saúde se abstrairmos o fígado enfraquecido e o aspecto de carne emprestada que é comum a todos os que sobrevivem à Doença ... Muitos sobreviventes não recordam o delírio em pormenor. Aparentemente, eu tomei muitas notas sobre a Doença e o delírio. Não consigo recordar com precisão de quando escrevi as notas que agora vou publicar sob o título de The Naked Lunch. O título foi sugerido por Jack Kerouac. Não compreendi o que o título significava até uma recente descoberta. O título significa exactamente o que as palavras dizem:* NAKED Lunch — *aquele minuto de gelo quando todos vêem o que está nos dentes do garfo*. Depois disso, nenhum *Baedecker* se refere a William Burroughs. Mas o mundo estremece depois da publicação de *The Naked Lunch*, de *Nova Express*, de *Dead Fingers Talk*. Burroughs começa a ter discípulos (talvez Pélieu e Bob Kaufman, talvez o próprio renascido-Kerouac). Do mesmo modo que a dipsomania intoxica os adeptos de Malcolm Lowry e lhes permite viver *nesta Terra* como se não vivessem em parte alguma, a toxicomania permitirá aos adeptos de Burroughs evadirem-se do Verbo, do Tempo, do Espaço e criarem os seus grandes-mundos-novos-satíricos, narcotizando a própria e ridícula realidade. Dir-nos-á Olivier de Magny que

(Continua na 6.ª página)

Nelson Pereira dos Santos

Perfil do cinema brasileiro

(Continuação da página anterior)

em 1966, Carlos Diegues deu a António Calmon, de 19 anos de idade, vencedor de um concurso de amadores, sua primeira oportunidade como profissional, ao mesmo tempo que chamava Gustavo Dahl, recém-saído de seu primeiro documentário de curta metragem *Em Busca do Ouro*, para montar *A Grande Cidade*.

Mas, naturalmente, já que inclui tantas personalidades agressivas e contrastantes — que querem captar e denunciar das mais variadas maneiras as questões candentes com que se defronta o homem brasileiro —, o Cinema Novo jamais poderia ser visto como um movimento sereno, académico. Em 1961, Glauber Rocha, que, aos 23 anos, era então um dos mais furiosos críticos da nova geração, olhava com espanto para o passado recente, após os primeiros exercícios práticos em dois filmes curtos e quase secretos, enquanto aguardava o lançamento de seu *Barravento*. «Mas, o que queríamos?», perguntava ele. «Quando Miguel Borges fez um manifesto, disse que nós queríamos *cinema-cinema*». Na Resenha do Cinema Latino-Americano, em Santa Margherita Ligure, Gustavo Dahl gritou revolucionàriamente: «Nós não queremos saber de cinema. Queremos ouvir a voz do homem». E outro jovem cineasta, Paulo César Saraceni, já premiado internacionalmente com seu documentário *Arraial do Cabo* (1960), generosamente abria o movimento aos mais velhos ao declarar que o Cinema Novo não era «uma questão de idade, mas sim de verdade».

OS PIONEIROS

Muitos cineastas e aventureiros vêm tentando descobrir suas próprias verdades desde os longínquos dias das primeiras filmagens brasileiras, que os historiadores tanto podem atribuir a Vittorio di Maio, em 1897, como a Alfonso Segreto, em 1898. Seja como for, esses dois italianos contribuíram decisivamente para a implantação e a difusão do cinema no Brasil.

Em 1908 o português António Leal associava-se a Francisco Marzullo para produzir *Os Estranguladores*, filme de metragem muito além da normal da época, baseado num caso policial que havia abalado pouco antes a vida pacata do Rio de Janeiro. Esse filão policial — aproveitando quase em termos reportagem os crimes que mais emocionavam a opinião publica do país — atravessaria todas as fases do cinema brasileiro, até florescer modernamente em *Porto das Caixas*, de Paulo César Saraceni (1961), e *O Assalto ao Trem Pagador*, de Roberto Farias (1962).

Entre 1908 e 1912, houve um grande surto de produção, principalmnte no Rio de Janeiro, patrocinado por alguns exibidores que se lançaram á feitura de filmes para exibição em seus próprios cinemas. Além de Pascoal (Pasquale) Segreto, para quem trabalhava o mano Alfonso, destacaram-se especialmente William Auler (brasileiro), Giuseppe Labanca (italiano) e Francisco Serrador (espanhol). Muitos desses filmes eram cantados e falados atrás da tela pelos actores que antes haviam posado para as câmaras de Alberto Botelho, Júlio Ferrez, António Leal e outros fotógrafos pioneiros. A mais famosa das produções cantantes foi sem dúvida *Paz e Amor*, que Botelho fotografou e dirigiu para Auler em 1910, tendo como roteiro uma história que José do Patrocínio Filho escreveu sob encomenda, satirizando a vida carioca e a situação política da época.

Não obstante as dificuldades trazidas pelo aumento da metragem dos filmes e pelo crescente «contrôle» do mercado cinematográfico por parte das distribuidoras estrangeiras, a partir da I Guerra Mundial, batalhadores de todas as espécies e origens nunca deixaram de lutar pela sobrevivência do cinema brasileiro. E, considerando-se os obstáculos que tiveram de enfrentar, deveras notáveis foram os esforços de Luís de Barros, Paulo Benedetti, Alberto e Paulino Botelho, Vittorio Capellaro, Pedro Comello, Francisco de Almeida Fleming, António Leal, Humberto Mauro, José Medina, Gentil Roiz, Ari Severo, Jota Soares, João Stamato e tantos mais no período que vai da I Guerra Mundial ao advento do cinema sonoro. Ressalte-se que, em toda essa fase — e até bem recentemente —, a história do cinema brasileiro não teve um desenvolvimento racional e ininterrupto, sendo antes constituída de surtos regionais pràticamente estanques (Campinas, Cataguases, Recife, etc.) e manifestações individuais sem seguimento.

O grande talento criador surgido nesses tempos heróicos foi o de Humberto Mauro, principal responsável pelo chamado *Ciclo de Cataguases*. Depois da ingénua experiência de *Valadião o Cratera* (1925), feita com uma câmara Pathé-Baby, Mauro passou a realizações sempre mais ousadas: *Na Primavera da Vida* (1826), *Tesouro Perdido* (1927), *Brasa Dormida* (1928) e *Sangue Mineiro* (1929). «À míngua de recursos e conforto», escreveria ele mais tarde, «meu entusiasmo havia adoptado, desde logo, o imperativo nacional: quem não tem cão, caça com gato. Sem actores, montagens, maquilagem, etc., toda a família representava, e filmava-se o homem da cidade e do campo em seus mistérios habituais. A natureza era surpreendida e dava-se tratos á bola para suprir com expedientes os meios mecânicos: confeccionei relampagos e tempestades usando a luz solar, um pano preto e um regador». Mais do que isso, porém — com seu talento de cineasta e seu temperamento de brasileiro —, Humberto Mauro confeccionou uma obra para sempre válida, que viria a servir de exemplo e inspiração, anos depois, à rapaziada do Cinema Novo.

É de admirar que Mauro e seus companheiros houvessem produzido tanto, quarenta anos atrás, numa cidade do interior de Minas Gerais. Como ele próprio reconheceria em 1954, o *Ciclo de Cataguases* estava de saída condenado como empreendimento industrial e comercial. «O filme nacional, sob todos os pretextos, encontrava uma resistência compacta e invencível entre os distribuidores, amarrados que estavam ao monopólio estrangeiro, que avassalava com seus produtos o mercado brasileiro, de ponta a ponta. Obtivemos o lançamento de *Brasa Dormida* pela Universal, e o de *Sangue Mineiro* através da Urânia, mas rebaixando-nos á condição de pedintes. A falta de lucros compensadores, a sociedade dissolveu-se.»

Procurando reagir contra esse estado de coisas, Ademar Gonzaga — que, na revista *Cinearte*, fundada em 1926, defendia ardorosamente o cinema brasileiro — tentou concentrar no Rio de Janeiro os vários elementos de talento surgidos nos ciclos regionais, tais como Francisco de Almeida Fleming (de Pouso Alegre, Minas Gerais), Otávio Gábus Mendes (de São Paulo) e Gentil Roiz (de Recife, Pernambuco), além do próprio Mauro. Com Paulo Benedetti, Gonzaga já havia produzido um filme importante, *Barro Humano* (1929). Fundando a produtora Cinédia, entregou seu primeiro filme, *Lábios sem Beijos* (1930), a Humberto Mauro, e o segundo, *Mulher* (1932), a Otávio Gábus Mendes. Em seguida, proporcionaria a Mauro a oportunidade de realizar o que talvez seja sua obra-prima, *Ganga Bruta* (1933) uma estupefaciente antologia de arte cinematográfica, de clara inspiração freudiana.

Não se sabe se Ademar Gonzaga poderia ter feito mais se fosse um bom comerciante, ao invés de um apaixonado diletante. Tentou, sem dúvida, ao contrário do que aconteceria vinte anos depois, durante a ambiciosa aventura da Vera Cruz, manter uma distribuidora e um laboratório próprios. Mas, a manutenção de uma produtora e uma distribuidora, por um particular, sem qualquer ajuda governamental, demonstrou ser impossível na prática. Não existindo então legislação protecionista e muito menos fiscalização de rendas (receitas), a produção da Cinédia não podia encontrar uma rentabilidade capaz de dar à iniciativa um aspecto de permanência industrial. Seja como for, a Cinédia conseguiu subsistir, nessa primeira fase, até 1951, tendo grande papel na formação de técnicos e artistas, e pràticamente garantindo, durante a década ingrata de 1930, a continuidade da produção cinematográfica brasileira.

A CHANCHADA

Em toda a década de 1930, essa produção não alcançou sequer um total de oitenta filmes de longa metragem. Na década seguinte, quase chegaria à centena, graças principalmente à Atlântida, que muito prometeu com sua produção de estreia, *Moleque Tião*, de José Carlos Burle e Alinor Azevedo (1943), mas que logo se acomodou ao ramerrão da *chanchada*.

Apesar de seus notórios defeitos, a *chanchada* serviu para provar que o filme brasileiro podia ser um bom negócio; e, pondo na tela os trejeitos e o linguajar da *gentinha* do Rio de Janeiro, acabou de vez com a lenda, criada por uns tantos filmes pretensamente sérios, de que o brasileiro não sabia comportar-se defronte da câmara e de que a língua portuguesa não se prestava aos diálogos cinematográficos. Entre 1944 e 1954, em mais de uma dúzia de *chanchadas* da Atlântida, os comediantes Oscarito e Grande Otelo, encarnando sempre malandros destabocados mas simpáticos, e sempre falando a gíria do momento, estabeleceram um clima de intimidade com as plateias populares, tornando-se, por isso, nos primeiros nomes de bilheteira do cinema brasileiro.

«A Morte Comanda o Cangaço» — exemplo do filme folclórico

Na década de 1930, dominada pela Cinédia, a produção brasileira de filmes de longa metragem, incluindo documentários, não chegou, como vimos, a alcançar um total de oitenta; na década de 1940, sob o signo da Atlântida, andou por perto da centena; e, na década de 1950, que começou com a Vera Cruz para em seguida ver o apogeu da *chanchada* e o nascimento do Cinema Novo, subiu para quase 300.

Nessas três décadas, o cinema brasileiro resolveu muitos dos problemas de sua crónica insuficiência, aprendendo a falar e a narrar, apreendendo as mais modernas técnicas e teorias e aproximando-se mesmo, por fim, de uma definição como cinema nacional.

Contudo, restaram insolúveis muitos problemas industriais, comerciais, profissionais, técnicos e culturais que a experiência da Vera Cruz serviu para levantar, embaralhar e, em certos casos, até agravar.

Consequência directa e precipitada do grande surto industrial de São Paulo, a Vera Cruz, pensando em termos de uma Hollywood que já então se esboroava, quis corrigir, de tacada, todos os erros da atribulada história do cinema brasileiro, mas em verdade reincidindo nos erros de Hollywood em escala subdesenvolvida: construiu enormes e antiquados estúdios, de manutenção difícil e caríssima; entregou a distribuição de seus filmes a empresas estrangeiras; contratou em exclusivo muitos actores, escritores, técnicos e directores, pagando-lhes polpudos salários mesmo quando passavam meses a fio sem trabalhar; entregou a direcção e planificação de muitos de seus filmes a estrangeiros recém-chegados, que nada sabiam do Brasil e, em certos casos, pouquíssimo sabiam de cinema; desconheceu as condições e as possibilidades do mercado in-

SUPLEMENTO
Diario de Lisbôa
LITERÁRIO

LETRAS PORTUGUESAS

Sobre a «Memória de um Pintor Desconhecido», por Alexandre Pinheiro Torres.

Viagem ou geografia do sentimento, por Urbano Tavares Rodrigues.

LETRAS ESTRANGEIRAS

William Burroughs, por João Palma-Ferreira.

CRÍTICA

Eduardo Lourenço e o neo-realismo, por Eduardo Prado Coelho.

CINEMA

Perfil do cinema brasileiro, por Alex Viany.

CINEMA E SOCIOLOGIA

Ainda hoje, na planície, por José Vaz Pereira.

ARQUITECTURA E URBANISMO

O valor da paisagem, por Gonçalo Ribeiro Telles.

ENTREVISTA

Jornalismo: o murro das palavras (entrevista com Baptista-Bastos), por M. A.

terno, na ânsia de fazer «cinema brasileiro para o mundo». Ressalte-se, porém, do lado positivo, que houve com a Vera Cruz uma sensível melhoria no nível técnico e artístico geral dos filmes brasileiros, através da contribuição pessoal de profissionais competentes como Henry (Chick) Fowle, Oswald Hafenrichter e outros.

As produções Vera Cruz de maior sucesso de bilheteira foram justamente as mais brasileiras: *O Canganceiro*, de Vitor Lima Barreto, e *Sinhá Moça*, de Tom Payne e Osvaldo Sampaio: entretanto, tiveram ambas seus lançamento em 1953, quando o desgaste económico-financeiro da companhia só poderia mesmo ser solucionado por meio de investimentos ainda maiores e uma completa reviravolta administrativa.

Ganhando um prémio de «filme de aventuras» em Cannes, *O Cangaceiro* foi uma das primeiras produções brasileiras que realmente obtiveram projecção internacional. Não obstante a timidez e a falsidade com que Lima Barreto enfrentou seu tema — tratado quase à estrangeira, mais como um pitoresco melodrama de banditismo do que por sua validade social ou simplesmente humana —, o filme serviu para revelar um cineasta de talento, e, mais do que isso, todo um rico filão, que viria a desembocar num nível e num tom incomparàvelmente mais responsáveis, em *Deus e o Diabo na Terra do Sol*, de Glauber Rocha (1964).

Cessando suas actividades, a Vera Cruz lançou ao desânimo o cinema brasileiro, julgando muitos que tão cedo não teria o país outra oportunidade de industrializar sua produção de filmes ou de levar à tela os assuntos mais sérios. Diga-se, entretanto, que tais assuntos *sérios* — antes, durante e depois da Vera Cruz — raramente tiveram algo a ver com a realidade brasileira ou com a capacidade de absorção das grandes plateias. Daí, portanto, a prevalência da *chanchada* nos anos que se seguiram à precipitada tentativa industrial paulista: 9 em 1955, 12 em 1956, 20 por ano em 1959, 1958 e 1959.

O mito do estúdio hollywoodesco e a alienação do filme cosmopolita não morreriam com a derrocada da Vera Cruz. Por esse caminho seguiriam três críticos paulistas: Rubem Biáfora em *Ravina* (1959), Flávio Tambellini em *O Beijo* (1965), Walter Hugo Khouri em toda uma série de filmes, de *Estranho Encontro* (1958) *As Amorosas* (1968), depois de um primeiro exercício mais modesto de produção independente (*Gigante de Pedra*; 1954).

O filme que marcaria a década de 1950 — mais do que *O Cangaceiro* e toda actividade da Vera Cruz — seria porém o filme anti-Vera Cruz por excelência: *Rio, 40 Graus* (1955). Seu director, o paulista Nelson Pereira dos Santos, tinha apenas 27 anos quando do seu lançamento. E a idade dos directores estreantes iria decrescendo cada vez mais no movimento que *Rio, 40 Graus* suscitaria: o Cinema Novo.

Jornalismo: O murro das palavras

Entrevista com Baptista-Bastos

O jornalismo profissional entre nós ainda bem recentemente era visto com certo desprezo e até galhofa pelos componentes do nosso pequenino, mas inchado, sector intelectual. Reduzido ao anonimato e ás funções menores do jornal, o profissional do jornalismo era «pena alugada», «reles repórter» ou «escrevinhador analfabeto». As honras ficavam para os autores de «artigos», para os «voluntários», para os «intelectuais» com nome e retrato nas primeiras páginas.

A pouco e pouco, porém, a exigência do leitor e as necessidades das empresas jornalísticas estimularam a evolução, embora lenta, do jornalismo profissional. Hoje, um jornal é, fundamentalmente, o que for a sua redacção. Da tábua rasa do mercenarismo jornalístico foram-se destacando figuras e valores.

A literatura, a crítica ou a poesia podem, actualmente, coincidir, conviver e alternar com o jornalismo, saídos da mesma pena.

Baptista Bastos é um desses jornalistas profissionais. A rotina da profissão apurou nele o espírito de combate com as palavras, com a expressão, com as ideias, com a vida. Bastos é o autor de «O Cinema na Polémica do Tempo» e de «O Filme e o Realismo» — este a ser reeditado brevemente por uma importante editora. Publicou, também, dois romances: «O Secreto Adeus», que, num inquérito aos escritores portugueses efectuado pelo «Diário Popular» foi classificado como um dos três melhores romances de 1963 e «O Passo da Serpente».

Mas o ensaista e romancista Baptista Bastos não esquece nunca — ás vezes lembra-o demasiado! — que é jornalista profissional. Nem desdenha a reportagem. Para ele esta não é uma actividade «menor». Pelo contrário. E a tal ponto que o seu próprio livro, intitulado «As Palavras dos Outros», será precisamente a reunião de vinte e seis reportagens. Reportagens de assuntos exclusivamente portugueses.

● A face secreta das coisas

Era, portanto, natural que a nossa conversa incidisse, principalmente, sobre «As Palavras dos Outros» e sobre a profissão de jornalista.

— Será muito boa esta profissão? Creio que sim, quando, *realmente*, exercida com honra e alegria — mesmo em Portugal. No jornalismo há, ou não, jornalistas; como na literatura há, ou não, romancistas, novelistas, poetas: não basta a reportagem, o importante é o jornalismo; não basta o romance, a novela, a poesia, o importante é a literatura — e, na substância do jornalismo e da literatura, o importante *é a vida*. Num mau repórter, num mau literato, reside sempre um mau jogador da vida, um homem incompleto, inacabado, com o seu quê de canalha menor. Um bom jornalista, um bom literato, se forem suficientemente sérios, se utilizarem as palavras com o orgulho (a alegria) de quem as domina e as ama, se tiverem sorte no uso que delas fazem, ensinam os outros a *existir mais*, a procurar a glória na derrota, a saber que é preciso saber desejar as coisas — para as merecer. Não sei se este meu livro de reportagens vai ensinar as pessoas a existir mais, do que outros livros que escrevi, que publiquei, do que outros livros que escrevi, que tenho em casa, que não sei se publicarei. Sei que todas as reportagens do livro foram escritas com alegria e honra. E sempre na busca da face secreta das coisas.

● «Eles pedem passagem»

Lançado na meditação e justificação da sua atitude de profissional do jornalismo, Baptista Bastos recorda:

— Aqui há anos, fui encarregado de redigir a notícia do descarrilamento do «rápido» do Algarve: entre os destroços de uma carruagem, estava um homem com as pernas mutiladas, entalado em ferros e madeira. O homem viu-me e percebeu que eu era jornalista. Pediu-me *Tire do meu bolso a minha carteira do sindicato: tenho lá um retrato. Ponha o meu nome e o meu retrato no jornal. Primeiro tire do meu bolso a minha carteira do sindicato e, depois, ajude-me a sair daqui.* Comecei a reportagem por essas palavras do homem que ia ficar sem pernas, que levara uma vida inteira no anonimato e que não queria perder, de forma alguma, aquela oportunidade de subir á letra do jornal, com retrato a meia coluna. Uma situação absurda, não é? Mas creio que o que permanecia por detrás desse desespero da morte no silêncio era suficientemente típica (colectiva) para despertar a minha procura da verdade — e fazer com que os leitores não saíssem da prosa sem tomar partido, sem elegerem, eles também, a sua verdade e a sua moral. Essa reportagem ensinou-me um par de coisas sobre a natureza daqueles que levam uma vida inteira a pedir passagem.

Intervalo para nova meditação.

E depois: — É isso. Este meu livro também poderia intitular-se «Eles Pedem Passagem» — passagem para as colunas do jornal, passagem para que sejam conhecidos, passagem para que deitem para eles um olhar amigo e generoso. Estranha gente é essa, autêntica com nomes autênticos e falas autênticas, que povoa as páginas deste meu livro — e que quando sobe ás colunas do jornal é que lhe aconteceu qualquer coisa de terrível...

● Os murros de mestre Acúrsio

Baptista Bastos empertiga-se ligeiramente, talvez para esconder a sensibilidade á flor da pele, ou as duvidas, frustrações e hesitações de todos nós.

— Onde aprendi o «tom» e o «estilo» do jornalismo que faço, da prosa diária que redijo? Com um repórter fora de série chamado Acúrsio Pereira, na redacção de «O Século». Ele dizia-me, muitas vezes, que uma notícia é como um grito, como um protesto, e que estilo de jornal é aquele que vive do murro das palavras. O murro das palavras, para mestre Acúrsio, consistia (e consiste) em despojarmos a prosa de advérbios e de adjectivos, em colocarmos a prosa ao nível do movimento perpétuo: Substantivos e verbos. Prosa é feminino — dizia Acúrsio —; coisa intratável, terna, que temos de tratar com ternura — como se trata uma mulher. Foi uma aprendizagem inesquecível, trabalhar com Acúrsio Pereira... Ás vezes, depois de terminar uma reportagem, começo a pensar: que dirá o Velho, se isto lhe chegar ás mãos? — Creio, hoje, que o treino de Acúrsio na escrita diária provinha do comércio permanente que fazia com Camilo e com Garrett, e que o tal murro das palavras não era outra coisa senão a necessidade que ele sentia (e que queria transmitir aos seus repórteres, aos homens que ia moldando e formando) em agredir a hipocrisia, a mentira, a venalidade. E isso, vezes sem conta, só se consegue, realmente, com um bom par de palavras...

● Uma boa fábula aproveitada

Baptista Bastos gosta de escrever. «Sou um profissional da escrita e não quero ser outra coisa» — costuma dizer. Mas também gosta de falar. Mesmo dele próprio.

— Que estou a escrever, agora? Remanejo um original, «Cão Velho Entre Flores», que é diário, memória, ficção (no sentido antigo da palavra), jornalismo e, também, um pouco de cinema.

Remanejo-o, reescrevo-o com um certo remorso e um certo prazer. Falo, de novo, de pessoas vivas, com nomes e tudo, de situações inacreditáveis que tenho visto, pelas quais tenho passado. É um original onde toda a gente bebe muito, ama abundantemente; gente com muito pouco dinheiro, franca até quase á obscenidade, vaidosa, orgulhosa e valente. Há muitas mulheres nesse original, claro... e alguns traquinas de extracção doméstica. Também uns socos pelo meio, com os nomes das pessoas que os deram e que os levaram. O título foi-me dado por uma história que me contou o meu avô, segundo a qual os cães suburbanos, quando pressentem a morte, vão para o campo, a fim de morrerem entre as flores. É capaz de ser mentira esta história que me foi contada pelo meu avô, mas é uma boa fábula e aproveito-a...

Esta entrevista também é uma notícia: dois livros novos de Baptista Bastos. Um no prelo e outro na forja. — **M. de A.**

Uma antologia breve

Histórias Breves de Escritores Ribatejanos que a Prelo Editora acaba de lançar não é uma antologia de textos sobre o Ribatejo ou inspirados nessa província. Não inclui ùnicamente autores ribatejanos. Organiza-se, portanto, sob um conceito necessàriamente contemporizador que de algum modo compromete a unidade da obra.

Esta exigência de princípio perde, evidentemente, muito do seu significado se se atender às circunstâncias actuais do movimento editorial, cada vez mais reduzido da produção nacional. Sobretudo, se se tiver em linha de conta que uma iniciativa como esta representa por parte da Prelo Editora um pretexto para trazer ao contacto com o público alguns autores de real significado que já há alguns anos não editavam. Ângela Sarmento, por exemplo, cujo romance de estreia, *Árvore*, foi saudado com entusiasmo, reaparece aqui ao lado de Jacinto Martins e Júlio Graça, dois prosadores que igualmente se mantinham de há muito em silêncio. Outro mérito de assinalar nesta iniciativa é o de abranger autores a vários escalões de representatividade, incluindo uma obra de estreia — *O Sonho e a Realidade*, de Severiano Falcão.

Completam o volume, além do original de Alves Redol *Três Contos de Dentes* em que o humor pícaro dos episódios de *Olhos d'Água* surge mais uma vez com renovada frescura, textos de Mário Ventura, Álvaro Guerra, Jorge Reis, António Borga e Adelaide Félix.

Alves Redol

Viagem ou geografia do sentimento

por Urbano Tavares Rodrigues

QUAL SERÁ o segredo das narrações de Clara d'Ovar? A invulgar aliança de verdade e delicadeza (mas de uma delicadeza que nunca significa sentimentalismo ou falso pudor)? A arte de um diálogo que parece sempre espontâneo, fluido, e que concilia por vezes o humor aéreo, ou uma alegria levemente doirada e em suspensão, com as sombras da melancolia, não do patético? Ou a fundura de certas intuições, que são afinal o código. a chave, das páginas lisas, directas, que nos permitem falar «ab initio» de uma fascinante simplicidade, de um correr de água, de alguma coisa semelhante ao orvalho da manhã? E, todavia, este romance, que aspira, como toda a obra literária maiúscula, a uma «leitura» interior do ser e da vida, é, nalguns passos, bem ácido. Mas de uma acidez de fruta viva, ou de tecidos ulcerados, em vias de se refazerem. E desfecha afinal em força, numa força íntima, combustão de vontade, que ao fim e ao cabo se pode também traduzir por amor.

Clara d'Ovar

Sim, «Areias Movediças», «história» de uma mulher (o que não envolve nem a mais ligeira suspeita de transcrição de eventos biográficos) é, acima de tudo, a análise de uma viagem, de uma longa viagem que nasceu — porque não foi empreendida — na doce, violenta, melindrosa região do amor. E no país do amor só se entra com amor, com o amor do amor: eis um dos segredos possíveis da arte de Clara d'Ovar, outro dos quais será porventura o gosto da análise, ou a inteligência do coração, que reverte afinal à mesma origem.

No polo oposto da alucinação dirigida está o meio de apreensão do real de que se serve Clara d'Ovar: o registo dos momentos — e até o mais subtil registo do intervalo dos momentos — segundo os processos poéticos tradicionais, mas apelando para uma temporalidade nova, o que decerto não é estranho à experiência que a autora tem do cinema e à sua fascinação pela linguagem das imagens articuldas.

Por vezes, a narração de Clara d'Ovar é «talled» — analítica, predominantemente abstracta (apesar dos componentes concretos) —, como nesta passagem, aliás extremamente sensível, com qualquer coisa imprecisa de fluído e divinatório: «Nos dias de trabalho (até havia isso, afinal) o contacto era mais fácil, mas só na aparência. O Max a fingir que gostava de trabalhar, Eva num esforço supremo a fazer aquilo que lhe parecia que ele esperava, e os dois cada vez com mais desencontros, cada vez mais longe, e ela a sentir que um dia iriam perder-se para sempre. Mas ambas a aguentarem corajosamente o sentimento que nunca se desfez, mesmo muito mais tarde. Um sentimento. Uma coisa que não chega a nada no meio de duas vidas. Uma coisa que, ás vezes, seria melhor que não existisse. Mas existia, e era verdade. E ambos tinham a mania de salvar as verdades ainda que fosse com escadas onde a mentira se fazia degrau sem os deixar dar por isso. E, degrau a degrau, a montanha de mentiras a tomar proporções de irreparável e o sentimento a nadar, desesperadamente, à procura de um porto de abrigo».

Porém, outras vezes, Clara d'Ovar dá-nos o mundo e as suas criaturas em acção, na lúcida chama do diálogo e dos gestos.

Não é decerto por acaso que a figura feminina através da qual neste livro se filtra a experiência da vida e que procura «ler» a sua própria existência tem o nome de Eva. Mas Clara d'Ovar não se explica felizmente de mais.

Deixa à nossa colaboração, à nossa cumplicidade, a decifração das analogias e das homologias, e a interpretação dos silêncios, das lacunas. Todo o seu romance está repassado de valores, te propostas éticas, ora dentro ora fora do círculo já iluminado das relações humanas — e, em particular, das relações homem-mulher. Mas não há nele sublinhados muito visíveis. O que o torna, de resto, ainda mais atraente, por vezes mesmo fascinador, na sua aparente linearidade.

Urbanismo: O valor da paisagem

por Gonçalo Ribeiro Telles

Prosseguimos hoje, com o artigo «O valor da paisagem», da autoria do engenheiro agrónomo e arquitecto paisagista Gonçalo Ribeiro Telles, a publicação da série de trabalhos sobre Arquitectura e Urbanismo organizada pelo Sindicato Nacional dos Arquitectos, de colaboração com o «Diário de Lisboa».

● *Já publicados:*

«As cidades em que vivemos», pelo arquitecto Keil do Amaral («Suplemento DL» 25-7-68).

«A Evolução da Cidade», pelo arquitecto Carlos S. Duarte («Suplemento DL» 1-8-68).

«As Casas que se Constroem», pela arquitecta Luz Valente Pereira («Suplemento DL» 8-8-68).

1 — As paisagens humanizadas, consequência da acção do Homem sobre a Natureza e da reacção deste em face daquela acção, surgiram em substituição das paisagens naturais ou primitivas.

As paisagens humanizadas resultaram, da modificação ou destruição das paisagens primitivas e de alterações sucessivas de paisagens humanizadas que deixaram de servir os interesses da colectividade ou foram destruídas por uso inadequado.

Quando as sociedades primitivas viviam exclusivamente da caça e da pesca verificou-se a primeira acção importante do Homem sobre a Natureza. Muitas dessas sociedades primitivas procuraram, no entanto, através de determinadas leis de carácter religioso e social, preservar as espécies animais que eram base da sua alimentação.

Ainda hoje o fazem os pigmeus da Africa Central e os Indios amazónicos. Uns e outros determinam a quantidade e o tipo de animais a abater.

O caçador de colectividades mais evoluídas vem, depois, através duma arma devastadora — *o fogo* —, provocar os primeiros desiquilíbrios graves na paisagem. O caçador ateou fogos que devastaram «habitats», dando origem ao aparecimento de paisagens diferentes das naturais e destruindo os equilíbrios biológicos existentes.

Os índios americanos, constatando que os bisontes preferiam a clareira, destruiram pelo fogo grandes extensões de floresta. Surgiram então as extensas pradarias, que deslumbraram os descobridores europeus.

O pastor tem ainda, após o caçador, uma acção incomparàvelmente mais profunda sobre a paisagem. Utiliza o mesmo processo de devastação mas em maiores extensões e mais frequentemente. Para obter pastagens, provocou a derrocada de equilíbrios biológicos e de associatismos ecológicos, tendo gerado em enormes extensões, a erosão, o deserto, alterações de clima, etc. O continente africano deve ao fogo do pastor e do agricultor nómada o aspecto paisagístico actual. Apenas resistiu a essa acção a floresta equatorial e das zonas húmidas. Reifemberg afirma que o «nómada não é filho do deserto mas sim o seu pai».

A paisagem da bacia mediterranea tem origem na acção do homem que, tendo destruido a mata pelo fogo, a fim de obter campos de cultura, devastou uma zona onde os equilíbrios eram mais frágeis e a natureza possuia menor capacidade de regeneração. A Ática, por exemplo, foi completamente desarborizada no século V a. C....

A floresta mediterrânica sucedeu o máquis e, em muitas regiões, a degradação total. Foi este último facto que levou Chateaubriand a dizer: «Les fôrets precedent les peuples, les deserts les suivant».

Mas enquanto a população mundial se manteve em determinados limites — até há pouco tempo os habitantes do Globo não excediam 3 mil milhões de almas —, a impressionante força regeneradora da natureza e a acção construtiva e sábia do agricultor sedentário, que criou paisagens admiráveis (citemos os vinhedos em socalcos do Douro, os terraceamentos da Madeira), eram suficientes para garantir a permanência do fundo de fertilidade das terras e a conservação dos equilíbrios naturais.

A diminuição da mortalidade infantil, o prolongamento da vida nos países mais evoluídos, a luta vigorosa contra as doenças e, muito especialmente, a explosão demográfica que se verifica no mundo da subalimentação, vão, segundo as mais recentes previsões, fazer duplicar o número atrás citado. Dentro de 30 anos, 6 mil milhões de pessoas, habitarão o nosso planeta.

Trinta anos serão, neste aspecto, mais fecundos que todo o restante historial do homem.

A sobrevivência da humanidade nos tempos que correm exige medidas e acções duma profundidade enorme.

O uso sábio da Natureza será, no Mundo moderno, base indispensável do progresso duma sociedade que alia a uma espantosa técnica a possibilidade de desenvolver germes capazes de degradar a superfície da Terra, poluir os mares e tornar insuportável a atmosfera. O homem poderá vir a ser o principal inimigo da espécie humana. No dizer incisivo de Dorst: O «Homo sapiens» necessita de ser protegido contra o «Homo faber».

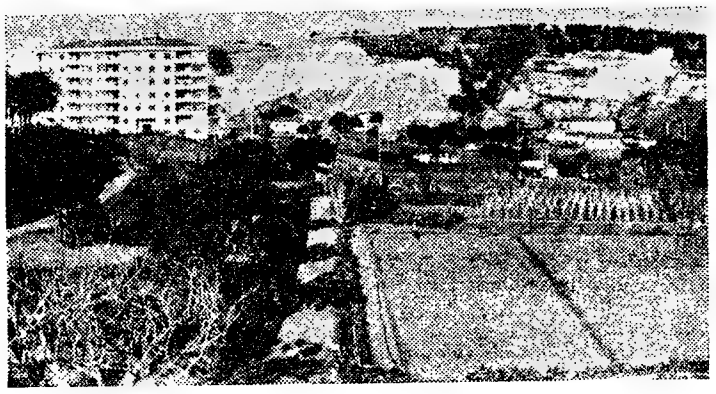
A humanidade, apesar das grandes devastações que desencadeou, compreendeu sempre que dependia da Natureza. As religiões primitivas o atestam. Se contrariava a Natureza era por ignorância das consequências ou por julgar que o Mundo, sendo muito grande, constituía capital inexplorado enorme.

Modernamente, uma errada divulgação da Ciência e da Técnica, fez crer às camadas mais evoluídas da Sociedade que o Homem teria em breve o domínio absoluto da Natureza. A agricultura poderia, então libertar-se do complexo biológico em que se desenrola a sua actividade. O mundo urbano constituiria um todo desintegrado da paisagem e da Natureza em que esta seria apenas recreio e enquadramento. Ergue-se, com a aceitação deste conceito, uma grave ameaça á própria humanidade. As consequências são ainda imprevisíveis, em toda a extensão da catástrofe, mas os efeitos, já dolorosos começam a fazer-se sentir por toda a parte.

O Homem nunca se poderá considerar vencedor da Natureza e liberto das suas leis. Essa atitude acarreta em si factores de autodestruição cujo desenvolvimento será muitas vezes incontrolável.

Dada a sua objectividade transcrevemos algumas das palavras com que o príncipe Bernardo dos Países Baixos prefaciou o esplêndido livro recentemente publicado, de Jean Dorst, intitulado «Avant la nature meur».

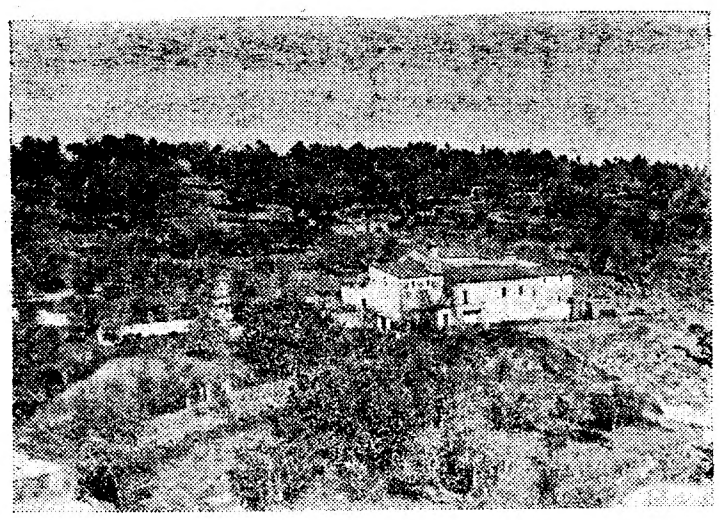
«Le monde modern subit un grave deséquilibre par suite de l'action de l'homme qui tend non seulement à éradiquer la vie sauvage, mais aussi à détruire l'harmonie du cadre où il est appelé à vivre. Les ressources renovelables sont com-



A expansão urbana, quando conduzida pela especulação, é um atentado contra o autêntico interesse duma comunidade. Os blocos invadem as melhores terras de cultura e criam-se espantosas situações para meter prédios

promisses, fait particulièrement grave au moment où les populations humaines augmentent avec une vitesse croissante et où les besoins sont chaque jour plus importants. Certaines de nos activités semblent porter en elles-mêmes les germes de destruction de notre espèce.

Beaucoup d'animaux et de vegetaux sauvages sont en voie de disparition ou de raréfaction avancés a travers le monde, et leur liste est chaque jour plus longue. Les ravages dus à une chasse inconsidérée et à une veritable vandalisme et sourtout à le destruction des habitats en sont responsables. Simultanément l'homme dégrade les terres par une mauvaise gestion des sols, répand des pesticides d'une manière incontroôlée et empoissonne la planète à l'aide des déchets de la civilization technique deversés d'une maniére abusive dans l'atmosphère et dans les eaux. Les ressources marines sont pillées par une surexproitation



Serra de Portalegre. Muitas paisagens necessitam de evoluir indo ao encontro de novas necessidades do Homem

manifeste sur une partie des océans.

L'homme doit se rendre compte du fait qu'il n'a ni le droit moral ni l'interêt materiel à mener une espèce animale ou vegetale à son extinction. Une vèritable rèconciliation de l'homme avec la nature est souhaitable de manière que l'humanité vive en accord avec les lois naturelles dont telle ne peu se libérer que jusqu'à un certain point».

2 — *O Homem necessita da Natureza e terá que colaborar com esta na criação de paisagens que sirvam os seus interesses e sejam fontes de cultura.*

Esta necessidade alargou o conceito de paisagem que deixou de ser exclusivamente contemplativo e visual ou apenas pictórico e literário, para ser, também, interpretativo do ambiente natural, vegetal e animal que nos rodeia, na medida em que essa interpretação, realizada, cada vez com maior conhecimento dos fenómenos biológicos, obriga a intervir conscientemente na paisagem.

A paisagem está sujeita, mesmo humanizada, a um complexo intercalado de fenómenos biológicos que conduzem a equilíbrios mais ou menos frágeis que não podem ser destruídos sem desencadear processos de degradação já comuns.

Por sua vez, a expansão urbana tende a ultrapassar, em muitas zonas do globo, a fase pontual e dispersa, que a caracterizava, inclusa na paisagem rural ou primitiva, para já adquirir aspectos de fase contínua. A paisagem rural, onde o fenómeno biológico é elemento essencial, será então por vezes, a fase dispersa, limitada a áreas definidas. Prevê-se que, no fim deste século, metade da população mundial viva em aglomerados urbanos.

Apesar do imenso progresso científico e técnico, muito ainda se desconhece do mundo físico e biológico que nos rodeia e a que pertencemos. Será um grave perigo a destruição das coisas e leis da Natureza o que, degradando paisagens, provocará a perda de valores insubstituíveis ou restauráveis apenas a longo prazo e à custa de muito esforço e dispêndio.

O homem é responsável pela paisagem e seu principal modelador mas, não se poderá modelar aquilo que não se ama e não se ama aquilo que não se conhece. Daqui a necessidade de divulgação do conhecimento das coisas da Natureza e da paisagem. Todos os homens têm uma quota-parte, mais ou menos importante, na criação das paisagens. Deste facto resulta a necessidade de a todos os escalões, se promover a despertar o interesse pela Natureza e pela paisagem, condição «sine qua non» do êxito e efectivação dos planeamentos indispensáveis para gizar o futuro e promover obra válida de cultura.

Os nossos programas de ensino são neste aspecto de uma confrangedora incompetência, omitindo por desconhecimento os mais elementares fundamentos da paisagem. Poucas são as pessoas do meio urbano com curso superior capazes de reconhecer meia dúzia de árvores espontâneas das diferentes formações de clima do País.

Todo o ensino das ciências naturais, quer primário quer secundário, é incapaz de estabelecer relação entre os conhecimentos livrescos e os factos ecológicos da paisagem.

3 — *Planear e projectar é no mundo moderno um dos imperativos mais indiscutíveis. É uma atitude aceite por todos, mas os interesses do lucro especulativo e da política de fachada, tendem sempre a contrariar e evitar as suas consequências.*

Planear é prever, provocar determinadas consequências escolher e conjugar problemas por vezes contraditórios ou sobrepostos. Trata-se de preparar o futuro do homem como tal, não se tratando de resolver interesses particulares, naquilo em que esses interesses não se integram no bem e progresso da sociedade.

Como vimos, o conceito clássico e limitado de paisagem, abrangia apenas a precepção, pelos sentidos do ambiente. Este conceito foi-se alargando, em face e conhecimentos experimentalmente adquiridos ou explicados pela ciência e das necessidades de progresso.

A industrialização criou problemas duma escala ainda não sentida pela humanidade. Apesar de todas as degradações realizadas o binómio Homem/ /Natureza conseguiu, duma maneira geral e durante muito tempo, manter na paisagem o sentido de equilíbrio e não afectar as leis naturais.

Na maioria das regiões agrícolas o fundo de fertilidade dos solos não era atingido e a expansão urbana limitava-se a áreas extensas e pontuais na imensidade do mundo rural.

A paisagem, nos dias de hoje, necessita de evoluir a fim de resolver os problemas criados pela sociedade industrial, possibilitar o progresso, preparando e alicerçando a indispensável estrutura física e biológica do mundo de amanhã.

A fim de promover a criação das novas paisagens e de restabelecer o indispensável diálogo entre o Homem e a Natureza surgiu a necessidade de exigir á velha arte dos jardins um campo de acção muito mais vasto e o desempenho dum papel importante no planeamento e construção do mundo moderno, quer promovendo a protecção e adaptação das paisagens existentes quer criando paisagens novas onde a reconversão o justificar.

Definem-se então a partir dos fins do século passado gradualmente os contornos da mais recente das Belas-Artes: a Arquitectura Paisagística. Ciência e Arte, apoiada nos complexos fenómenos naturais, nas técnicas e concepções da exploração do «campo» e no espírito da arte dos jardins, procura restabelecer ou criar novos equilíbrios e proporções na paisagem.

«Na paisagem humanizada», afirma o professor Caldeira Ca-

(Continua na 7.ª página)

Sobre a «Memória de um pintor desconhecido»

por Alexandre Pinheiro Torres

É n'*A Barca dos Sete Lemes* que Alves Redol põe o problema do realismo da sua própria obra. O que ele nos narra é uma *reinvenção* da *fonte* da narrativa, ou seja: o que lhe conta Alcides. Para sublinhar que se trata da reinvenção o autor estabelece o confronto entre duas versões: a da *fonte*, e a reinventada a partir dela: ambas dialogam ou lutam entre si, pertencendo a vitória final à que foge ao espelhismo do real, pela reelaboração e recriação dele. Transcrever seria fácil. A cópia corresponderia, talvez, o retrato mais adequado: o papel químico de uma *harmonia*.

Pode a expressão consistir neste tipo de adequação? *Em Memória de um pintor desconhecido* (1965), Mário Dionísio repõe o problema dramàticamente. Se lermos o poema 4 vemos que a sua resposta é: a adequação dá como resultado um retrato falso. E, mais tarde, no poema 21 «encomendaram-me um retrato» sendo-lhe exigida fidelidade absoluta na transcrição figurativa, porque o *resto* (observam-lhe) será dominio da *fantasia* (que o pintor deverá restringir ao mínimo convencional possível) o artista interroga-se: «de que fala esta gente?», pois a si próprio já declarara (poema 4): a *harmonia* não existe.

E aqui começa o *drama*. Se a arte não é a *transcrição*, em que consiste a *luta* da procura do substituto do espelhismo? Mário Dionísio reconstitui então a *Memória Interior* de um artista plástico, cujo problema não é, portanto, transcrever na sua pintura a aparência ingénua do mundo (entenda-se: a que é facultada pelos olhos do realismo *ingénuo*, que é o do quotidiano de toda a gente) mas as emoções (ingénuas? não ingénuas?) que esse mundo lhe desperta. Problema de tintas, de cores, de palavras; problema de um homem, de todos os homens.

A ligação deste «artista» com o mundo vai, assim, muito mais além que a superfície dele. E o que vai além da aparência já não é ingénuo. Certamente que a entrada no além-aparência, se faz aqui mais pela via do *sentimento* que pelo da *ideia*. Mas, quando tentamos interpretar a poesia de quem quer que seja, nem sempre nos preocupamos com as *ideias*. Há outros panos de que a poesia se tece.

Pela via da emoção: ela está, por exemplo, em toda a temperamental variação de significado que a actividade profissional do «pintor desconhecido» vai emprestando às cores que utiliza. Primeiro, como que nos estabelece uma lista de correspondências significativas: o ponto azul quadrado e seco, ao canto da tela é o Passado que uma espátula raspando tenta recuperar; depois é um tubo inteiro de amarelo arremessado com furia; a cor da cereja contra o verde seco (o «encontro» ou o «desencontro»); o branco (os anos cegos ou vazios); o vermelho (gritos de terror), etc., etc., como que se estabelecendo um código de símbolos por meio do qual se abrem novos horizontes à sinestesia.

Mas, a pouco e pouco, tal codificação se desmancha. O branco não será sempre branco. Em cada página desta *Memória* se verifica que a *experiência* carrega de novos sentidos as cores utilizadas. A sua gama significativa amplia-se. E já um novo sentido entra no conflito com o anterior. No poema 40 ler-se-á: «Cinzento sim / mas de pérola.»

Se Mário de Sá-Carneiro disse, mais ou menos, que *sentia em cor* (mas não que *tinha ideias em cor*), e leva a sinestesia a extremos nunca antes tentados na poesia portuguesa, Mário Dionísio transfere tal afirmação do plano do abstracto para a do concreto: diz-nos de que maneira o sentimento se traduziu, num determinado instante, pela cor, e, ao invés, porque série de associações a cor evoca um determinado sentimento. Tudo forma sentido quando o Poeta

Sá-Carneiro: partida para o abstracto

põe diante de nós a narrativa do drama interior do artista que procura o tal *substituto* para o espelhismo. E tanto mais que na *Memória de um Pintor Desconhecido* as cores são signos como as palavras e têm a mesma estatura delas. Porque Mário Dionísio identifica o «pintor desconhecido» com o «poeta desconhecido» e já não sabemos se a sinestesia é a tradução visual em cor de algo que se sente (o *sentir* com qualquer dos outros sentidos que dispara o mecanismo que vai da sensação à percepção) ou se é a interpretação emocional (apenas ao nível da sensação) de manchas coloridas a que o pintor vai interrogativamente atribuindo vários signficados sem muitas vezes diagnosticar: «sim, é este *objecto* que me provocou a sensação», porque a objectivação nem sempre lhe interessa, para lhe interessar mais a especulação sentimental sobre a natureza da origem dessa mesma sensação.

Mário Dionísio desagrega assim a necessidade do artista (plástico ou não) se reportar a objectos, ou situações identificáveis ou catalogáveis, o que pode ser documentado pelo poema 44, por exemplo. Ele nos diz: «Já sabia que havia a transparência / a luminosidade / a saudade do que não houve ou haveria / talvez ainda um dia ou não / só teòricamente / essa pura essência // Mas na pintura mesmo abstracta / tudo isto tem corpo e peso e fala».

Há uma *fala*, pois, do que não se exprime, ou do que *não* se pode exprimir. Há uma fala do silêncio. E do que *Memória de um Pintor Desconhecido* trata é do drama do homem que ao exprimir-se tem de se desviar do que mais òbviamente desejaria exprimir, talevz porque a *paleta* não chega a possuir a gama de imagem em espelho do real a recriação revoltada, apaziguacores capaz de contrapor à da, ou mesmo esteticista dele. E é precisamente no que tal impossibilidade *elimina* que reside o centro do drama: «o que mais se desvia / mais cruamente estala (ainda poema 44).

Que se trata de um drama de expressão, seja qual for o meio de que o artista se sirva (e não só estritamente o drama do *pintor* que no magnífico poema de Dionísio é um símbolo óbvio) ele no-lo confessa no poema 52 quando desabafa: «como se pode pintar? Com petróleo, aguarrás e lágrimas. Tanto faz».

E tal drama, é um destino, é a biografia, é a *memória* de um homem: «meu quadro meu retrato meu destino / eternamente desfocado» (poema 42). A intensidade desse drama sufoca-o. E compreendêmo-lo profundamente quando no poema 29, numa das frequentes explosões deste artista encarcerado no seu sótão, ele nos grita: «o que interessa é (...) desabafar o que em mim arde / de qualquer maneira».

Recriar, reinventar: formas de desabafar. E pode ser que o drama afinal se resuma à simples mas dramática passagem da sensação á percepção. Se esta, como se sabe, é a tomada de conhecimento do objecto que provocou a primeira, ou o pintor (ou o poeta) está impossibilitado de traduzir (mesmo reelaborando) esse conhecimento ou então a própria sensação lhe basta para, recorrendo à *memória*, especular sobre a sua origem também fatalmente dramática. Porque a experiência do passado (o tempo) o ensina sem ver. Já não precisamos de ver o automóvel para *sabermos* que um clarão que de noite se aproxima na estrada velozmente de nós é produzido (talvez) por um automóvel. A percepção dele pouco acrescenta (só nos detalhes) à memória das experiências que se podem especulativamente reconstituir só a partir do nível da sensação.

Se a arte não é espelhismo, pode interessar-nos mais a sensação. Para chegar à percepção *inventemos* (embora a partir da experiência ou da memória). Será esta uma in-

MÁRIO DIONÍSIO

terpretação básica aceitável para *Meméria de um Pintor Desconhecido:* um ponto de partida? Talvez. O poema, que não tenho dúvidas em considerar um dos mais belos e significativos que foram publicados na última década, é rico de mais para se *esgotar* neste esquema. Qualquer dia terei de voltar a ele, e convido o leitor a fazer o mesmo. Dentro da poesia portuguesa contemporânea não há assim muitos mais convites em relação aos quais se possa categòricamente dizer: «estes são muito mais aliciantes».

University of Cardiff
Março de 1968

«Seara nova»

No seu número de Agosto, a *Seara Nova* insere colaboração de Eduardo Guerra (*A economia Portuguesa em 1967— II*), António de Macedo (*Condições actuais da produção do filme português*), A. Borges Coelho (*Leibniz — Achegas para um retrato*) João Almorode (*As técnicas, os meios e os fins*), A. Costa Dias (*Sociologia do «universo subjectivo»*) e B. Hugo Fernandes (*René Dumont e o Terceiro Mundo*). Paralelamente, mantém as habituais secções «De Leste a Oeste» (com artigos de M. S. e Jorge Fernandes sobre o momento político francês, e de Nuno Vieira sobre os progressos nacionalistas na Alemanha), «Crítica de Livros», assinada por José Saramago, «Crítica de Filmes», por J. Vaz Pereira e M. Machado da Luz, «Crítica de Teatro», por U. T. Rodrigues, e «Factos e Documentos». No mesmo número publica ainda a *Seara Nova* os depoimentos de Carlos de Oliveira e Urbano Tavares Rodrigues sobre a actividade literária de José Gomes Ferreira, de que se vem comemorando o cinquentenário, e uma sugestiva *Crónica (apenas) literária*, de A. C. D.

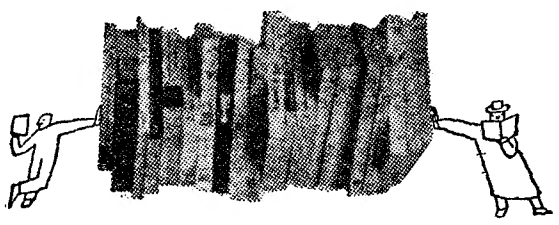
Movimento Luso-Brasileiro

Alçada Baptista

A intensificação do movimento cultural luso-brasileiro e certas expressões práticas que actualmente se estão dando aos acordos de intercâmbio têm indiscutivelmente reflexos de importância no movimento editorial português. Se é certo que não há ainda no Brasil uma editora que, paralelamente a Livros do Brasil de Lisboa, centralize a sua actividade na publicação de autores portugueses, a verdade também é que, nos anos mais recentes, a presença dos nossos editores no mercado de além-Atlântico se faz sentir com alguma influência e recebe ali o melhor acolhimento.

De há muito que Livros de Portugal, S. A., graças ao esforço de António Pedro Rodrigues, vem tenazmente realizando uma obra de prestígio do nosso livro na vida cultural brasileira. Também de há muito que a Difusão Europeia do Livro, associada à Livraria Bertrand, S. A. R. L., estabelece um circuito ao nível editorial entre os dois países. Agora, coube a Moraes Editores, de Lisboa, estabelecer uma firma associada no Rio Janeiro que, no mês passado, inaugurou as suas actividades.

Dos corpos directivos da nova empresa fazem parte, além do dr. Odylo Costa, Filho, como presidente do Conselho de Administração, e do dr. António Alçada Baptista, os professores Afonso Arinos de Melo Franco, Alceu Amoroso Lima, Cândido Mendes de Almeida, Alfredo Lamy Filho, governador José Sarney e arq. Henrique Midlin.



ESCAPARATE

Autores portugueses

Título — «Crónica da Casa Assassinada».
Autor — Lúcio Cardoso.
Editora — Editorial Ibis — Venda Nova.
Colecção — «Livro Amigo» — 3.
Número de páginas — 467.
Preço — 30$00.

Título — «Cristo — Vida do Homem de Hoje».
Autor — Paulo VI.
Tradutor — Marques Gastão.
Colecção — Vida e Cultura.
Número de páginas — 327.
Preço — 65$00.

Título — «A Francesa — Encontros (Dois Mini-Romances).
Autor — Nita Clímaco.
Editora — Edição da Autora — Paris.
Número de páginas — 201.
Preço — 30$00.

Título — «História Natural».
Autor — Manuel Mendes.
Editora — Sociedade de Expansão Cultural — Lisboa.
Número de páginas — 228.
Preço — 35$00.

Autores estrangeiros

Título — «Moisés Tchombé — De Elizabethville à Argélia».
Autor — Ian Colvin.
Tradutor — Maria Odete Bousson e Mário Ventura.
Editora — Editorial Início — Lisboa.
Colecção — «Testemunhos» — 5.
Número de páginas — 326.
Preço — 60$00.

Título — Ressurreição.
Autor — Leon Tolstoi.
Editora — Editorial Ibis — Venda Nova.
Colecção — «Livro Amigo» — 4.
Número de páginas — 470.
Preço — 30$00.

Título — «Os Canhões de Agosto» (1914).
Autor — Bárbara W. Tuchman.
Tradutor — Madeira Rodrigues e Carlos Ramires.
Editora — Editorial Ibis — Venda Nova.
Colecção — «Livro Amigo» — 8.
Número de páginas — 414.
Preço — 30$00.

Título — «O Julgamento de Nuremberga».
Autor — Joe J. Heydecker e Johannes Leeb.
Tradutor — Jaime Mas e Leite de Melo.
Editora — Editorial Ibis — Venda Nova.
Colecção — «Livro Amigo» — 1.
Número de páginas — 479.
Preço — 30$00.

Título — «A Guerra Civil Espanhola» (1936-39).
Autor — Hellmuth Gunther Dahms.
Tradutor — Daniel Brilhante de Brito.
Editora — Editorial Ibis — Venda Nova.
Colecção — «Livro Amigo» — 10.
Número de páginas — 234.
Preço — 25$00.

Título — «Histórias dos Mares do Sul».
Autor — Somerset Maugham.
Tradutor — Leonel Valandro.
Colecção — Autores de Sempre.
Número de páginas — 287.
Preço — Broch. 45$00 — Enc. 65$.

Título — Expiação Perigosa.
Autor — Mickey Spillane.
Tradutor — Fernanda Pinto Rodrigues.
Colecção — Vampiro.
Número de páginas — 247.
Preço — 15$00.

Título — «Shakespeare».
Autor — Vítor Hugo.
Tradutor — Alberto Ângelo dos Santos.
Editora — Estudos Psíquicos Editora — Lisboa.
Número de páginas — 380.
Preço — 60$00.

William Burroughs

já se falou do niilismo de Burroughs e dos seus discípulos. Praticam, «de facto», a sua revolta e decidem estar no mundo como se não estivessem em parte alguma, habitar aqui ou além, em recusa permanente deste mundo daqui, por meio da droga e dos estupefacientes, viver no local planetário do seu desregramento sensorial e mental.

Burroughs, na electrizante introdução de *The Naked Lunch* (diário-romance-narrativa-utopia-testemunho-sátira--sonho-escrita automática--panfleto-logro-patifaria moral-senilidade mental-imbecilidade literária-genialidade literária ... etc., etc.), identifica o narcótico com o grande Mal, no entanto, necessidade *absoluta* que nele não só fixou, para sempre, um gosto terrível, como também, omnipresente em toda a sua obra, em toda a sua vida, lhe permite atingir um *novo* (não se brinca com experiências e é muito perigoso ser-se *novo*, dirá, talvez, dirigindo-se aos petulantes de todas as *novas* literaturas: paga-se com a vida, e não é nada mau) sincretismo sensorial, uma autêntica e cerrada *telegrafia do imaginário* (por enquanto só para iniciados em San Francisco, Chicago, New Orleans, Cuernavaca, Tânger e Istambul) atingindo o *génio da desintegração*. É uma coisa que desde os gregos se procura, essa revolta visceral, esse *an-arkhê* que derivou, desde 1840, pelo menos, para outros caminhos mais palpáveis, traçados por Élisée Reclus, por Augustin Hamon, por Max Stirner, pelo *Vautrin* de Balzac, autênticos vagabundos da inteligência que se ficaram pelo protesto político-social e não descobriram (ou tê-lo-ia descoberto Sergey Gennadievich Nechayev no momento da agonia?) que a desintegração total está mesmo à mão de semear — basta sair do tempo, aconselha Burroughhs. Basta entrar no silêncio.

A toxicomania poderosa, soberana e senhora, tem, não obstante, o seu mundo real. Esse é pestífero, horrendo e nojento. É o mundo de *Bill* (fragmento *hauser and o'brien* em *The Naked Lunch*), o mundo dos *people* (calão dos toxinómanos de New Orleans), dos fornecedores, do crime mortal em defesa do sonho da droga. É o mundo do cão, do *marinheiro* corrupto para quem a droga é apenas a droga. É o mundo-resto-deste--mundo e sem silêncio, coisa--contra-coisa, claridade do dia e luz falsa da noite que horroriza Burroughs. Por outro lado é a própria irrealidade construída, a irrealidade que já ultrapassou e substituiu o próprio real, nascida num metabolismo às avessas que faz com que o nojento *Bill* invente, sonhe, construa um novo mundo onde o próprio horror da toxicomania é afinal e também uma nova invenção. Esta é a poderosa máquina da sátira ao serviço desse grande vagabundo da inteligência que é William S. Burroughs. A anarquia de William Burroughs é uma sociedade organizada e faiscante, vinda de outro planeta, é a *Droga* identificada com o próprio planeta *Nova* que submete, por meio dos seus agentes subtis, todo o sistema nervoso da Terra (*Nova Express*). É a suma-sublime doutrina da destruição sob a forma de sátira social e pessoal, operada pela emigração no tóxico, cada tipo de droga a fornecer um tipo novo de desagregação. Regressando aos gregos e deles, num grande salto, à provocação de Pierre--Joseph Proudhon, o que se

BEBA. BEBA. BEBA
CAFÉ PURO!
COMO PREPARAR UM BOM CAFÉ?
PARA cada chávena são necessárias 10 a 12 gramas de café recentemente torrado e moído na ocasião, ou uma colher de sobremesa bem cheia. A água não deve estar muito tempo a ferver, nem deve ser fervida mais de uma vez.
Preparando-se o café no saco deve ser feita a mistura à parte, lançando a água a ferver sobre o pó de café, misturando bem e coando seguidamente.
Preparando-se o café em máquina de balão de vidro, o café só deve ser deitado quando a água estiver a começar a subir, para que não haja perda de aroma.
A chávena deve ser escaldada para que o café não arrefeça com facilidade.
Um café requentado já não merece o nome de café.
Deve ser feita apenas a quantidade necessária para o momento.
SÓ CAFÉ PURO É REALMENTE CAFÉ!

URBANO TAVARES RODRIGUES
«um dos escritores portugueses que mais reptos lança aos leitores para que o compreendam», diz ÓSCAR LOPES, acaba de publicar
TEMPO DE CINZAS
ensaios ● notas de viagem ● páginas de diário ● novelas inacabadas ● entrevistas — um dos livros mais originais do autor de «Realismo, Arte de Vanguarda»
Col. «SUCESSOS LITERÁRIOS»
35$00
EDITORA ULISSEIA

pretende é, de facto, a desintegração absoluta e visceral. Burroughs, o homem que reverte a *anarquia para a anarquia, o niilismo para o niilismo* e os desagrega do «mesquinho» protesto social, consegue, de *facto*, e na *vida*, essa desintegração moral, racional, temporal e sensorial. O seu campo de actuação mais primário é o da *linguagem*, e a sua arma de ataque a *escrita*... Burroughs tortura a razão, de forma burlesca mas onde se sente a lição demoníaca de Masoch-Sade, de forma *social* vivendo um universo organizado com as *proibições* da realidade, como se fosse detentor de um *novo* metabolismo antitético do equilíbrio metabólico da normalidade.

Inventa, assim, uma nova teoria da narração — porque, no fundo, Burroughs é um escritor. Nos celeberrimos conselhos a Ginsberg, Burroughs vai manifestar-se como o mestre da desagregação fragmentária da tradição e dos métodos, técnicas e processos narrativas. A mais cerrada lógica de James Joyce, mesmo a ilógica de *Finnegan's Wake*, rebenta em cacos. VALE TUDO. VALE TUDO. VALE TUDO, dirá Burroughs ao autor de *O Uivo: Escuta. Corta e volta a montar o texto. Não te incomodes com as combinações. Lê em voz alta. A minha escolha não poderá ser outra: Escutar. Nem penses. Nem teorizes. Ensaia. ... Nada é Verdadeiro. Tudo é permitido.*

William S. Burroughs é o

De uma carta de William Burroughs escrita, em 1960, a Allen Ginsberg: (...) Escuta. O que eu tenho a dizer é para todos os homens, não interessa onde ... Porque tendes medo de entrar no Tempo? De que tendes medo para que vos refugieis no corpo?... Saiam de uma vez para sempre. Saiam do Tempo-verbo-de-sempre. Saiam do Corpo-verbo-teu-tu-de-sempre. Nenhum verbo é de confiar. Não há Verbo ... Se tu-eu anularmos as palavras todas as vossas palavras para sempre ... A escrita do espaço. A escrita do silêncio.

NOVO escritor. Desaparece, nos materiais de trabalho, o império da caneta e da máquina de escrever. Surge o magnetofone, o jornal velho, os fragmentos (o fragmentarismo começa a lograr efeitos surpreendentes, e excelentes, na obra de Guillermo Cabrera Infante), as páginas arrancadas (direi: quase ao acaso arrancadas) aos livros de outros autores. Nem as análises de Lévi-Strauss conseguiriam demarcar este brutal *Pensamento Selvagem*. VALE TUDO. Entramos na teoria do equívoco, na técnica do engano, no ambíguo, cerrado, violento ilogicismo de *Soft Machine*. Estamos no coração da mais anárquica e niilista irresponsabilidade. Mas a sátira, porém, renasce dos escombros desta devastação homérica. *Burroughs é provàvelmente* (ele o confessa — *The Naked Lunch) o maior satirista desde o Deão J. Swift e algumas das mais espantosas páginas de* The Naked Lunch *são concebidas como um panfleto contra as maiores obscenidades modernas, tais como a pena capital, segundo os modelos de de* A Modest Proposal.

Julgais que a literatura está moribunda? Pensais que chegou a época da leitura «séria», do documento-testemunho, da crónica do real, do livro de viagens, do compêndio ilustrativo, da informação rápida, da curta enciclopédia?

Julgais isso? William Burroughs tratar-vos-á da saúde. ANNEXIA, 1968 (?).

JOÃO PALMA-FERREIRA

O valor da paisagem

(Continuação da 5.ª página)

bral, num artigo publicado na revista «Brotéria» .«Paisagens como expressão de cultura» «há um novo equilíbrio a realizar, o equilíbrio das forças naturais ao serviço dos fins propostos pelo Homem. Ora a um novo equilíbrio correspondem novas proporções, nova escala-beleza, específica, que mais não é se não o «Splendor ordinis» da definição agostiniana. E esta ordem humana a cultura. A beleza será portanto um carácter intrínseco da paisagem de um critério seguro na apreciação da qualidade e utilidade da obra realizada.

A paisagem é uma obra de arte modelada por gerações guiadas pela experiência adquirida, pela intuição e pela razão.

O artista anónimo não só criou catedrais mas também paisagens em que a Natureza se desenvolve em concepções de equilíbrio e proporção que são uma explosão de Belo.

O campo de acção de Arquitectura Paisagística é, portanto, duma enorme vastidão porque atinge, como Ciência e Arte, todos os problemas que afectam e dizem respeito à criação de novas paisagens, à defesa doutras, à harmonia Homem/Natureza, aspectos sem os quais não é possível efectivar-se o progresso e alicerçar-se a Cultura e a Civilização.

São estes aspectos que analisaremos em segundo artigo.

GONÇALO RIBEIRO TELLES

Ainda hoje, na planície

(Continuação da 8.ª página)

tornavam-se uma coisa muito cara: os atiradores procuram acertar as pontarias para que, a cada bala utilizada correspondesse a rentabilidade dum bisonte morto. O céu começava a escurecer-se — ainda não se tinha tingido de vermelho.

Na fase seguinte, passa-se a caçar o bisonte de espingarda e a cavalo, a mortandade sobe em flecha, a retaguarda económica da resistência índia começa a ser sèriamente minada.

Última fase: o comboio avança para Oeste e com ele toda uma estrutura de comunicações: telégrafo, correio, etc. As grandes companhias ferroviárias contratam *gangs* de caçadores para uma «solução final» do problema do bisonte. Já não se dispara do cavalo sobre o bisonte, metralha-se a manada da comodidade e da segurança do comboio, milhares e milhares de carcaças apodrecem ao sol. Os índios, para quem o bisonte representava a própria vida e a razão da existência, recuavam, deixavam-se acossar, encurralar. O nomadismo dos peles-vermelhas que até se alimentava e se servia para múltiplos fins do gigante da planície perdia o vigor, a independência, a elasticidade e a muscularidade de povo livre. O Inverno, a fome, a subnutrição, a cupidez dos especuladores, o álcool (que, no dizer de Mark Twain, chegava sempre antes do missionário) dizimavam os ex-guerreiros com mais ferocidade do que as próprias campanhas militares.

Só o regresso do bisonte, em massa, os poderia salvar. O bisonte representava comida e habitação, roupa, cordas para os arcos, óleo, revestimento para as pirogas, couro curtido, flechas enrijadas, utensílios domésticos. Sem peles, os índios embrulhavam-se em cobertores, restos de material do exército. Mas os cobertores estavam, muitas vezes, contaminados e espalhavam todos os géneros de doenças. A pirâmide da vida das tribos, construída a partir do bisonte, derrocava irremediàvelmente. Para as matanças, organizavam-se comboios especiais como hoje se faz para as excursões. As companhias de peles patrocinavam esses safaris sangrentos, sem sombra de desporto. De 60 milhões de bisontes que existiam na época da Independência só restavam, em 1893, 1090. À sua conta, Buffalo Bill matara 4280, trabalhando para as companhias ferroviárias. Em sete meses, Billy Tilgham estabeleceu o «record» de 3300 bisontes abatidos. Vic Smith ficou célebre por ter morto 5000 desses mamíferos durante 1881 e 1882 e por fulminar, com o seu rifle 45, 107 bisontes durante uma hora e no mesmo local.

Peter Farb afirma que «comida, negócio, política (para quebrar o índio) e puro prazer de matar tiveram todos a sua parte» na hecatombe. «A última fronteira — essa vasta faixa de território livre no Dakota do Oeste, a Leste de Montana e ao norte de Wyoming era o lar dos Crows, dos Sioux, dos Pés-negros e das últimas e imensas manadas de bisontes — exercia uma fascinação sobre os homens aventureiros. ... Mas havia algo mais: a terra era livre e selvagem e o seu espaço infinito e os seus perigos atraíam fortemente os que haviam sido criados na turbulenta tradição da fronteira» — escrevem M. Brown e W. Felton em *Frontier Years*.

Mas o perfume do romantismo havia passado, desaparecido como a nação índia, cuja retaguarda económica fora implacàvelmente destruída. Passou ràpidamente de milhões de homens a alguns milhares: a sua folclorização seria o último ciclo da irreversível crueldade do processo histórico. O bisonte, a besta descomunal feita à proporção dum continente sem limites, acompanhava os seus amigos e adoradores nesse crepúsculo dos deuses do Planalto. Theodore Roosevelt, cavalgando por terras do Oeste encontrava as planícies cobertas, juncadas de esqueletos e ossadas do bicho formidável. E ainda hoje, na planície, os comboios transcontinentais, os automóveis que rolam nas auto-estradas, passam ao lado das ossadas de bisontes — uma espécie de ruínas da civilização que acompanhou a sua vida e a sua morte.

Para um álbum das glórias: Buffalo Bill ilustrado com índio

Eduardo Lourenço e o neo-realismo

(Continuação da 8.ª página)

mas a forma como ele se concretizou nos limites vários de uma geração. Daí que percorra toda a análise uma certa ambiguidade.

É certo que repugna ao neo-realismo ver-se na sua própria historicidade, mas temos de considerar dois aspectos: em primeiro lugar, a impureza que define a sua história literária o que nos impede de a contar, pelo menos com plena objectividade. Em segundo lugar, o facto de o neo-realismo ser hoje ainda, sob esta ou outra designação tão inadequada como ela, o horizonte predominante de toda a produção de interesse das gerações actuais.

Analisando a obra de Cochofel, a de Joaquim Namorado e a de Carlos de Oliveira é um determinado neo-realismo que está em causa Mas uma poesia, lá por estar mais próxima do momento inicial que a projectou, não lhe é por isso mais fiel. O neo-realismo está ainda, creio, nas obras de Egito Gonçalves, António Reis, Luís Veiga Leitão, ou do primeiro Ramos Rosa, ou está ainda na poesia de Gastão Cruz, de Teresa Horta, de Luísa Neto Jorge, de Fiama Hasse Pais Brandão, de Casimiro de Brito, ou de Armando da Silva Carvalho. E se é verdade que Eduardo Lourenço nunca o esquece, parece contudo suspeitar dela e nela ver uma certa forma de dissidência. Mas em função de que normas? E é isso, certamente, a questão essencial.

ASSINALE-SE desde já o plano do livro. Primeiro capítulo: «João José Cochofel e a poesia da Imanência». É curiosa a análise das inclusões e exclusões nas diversas variantes de certos livros. Mas é sobretudo de anotar a observação miúda e ponderada das qualidades tão discretas desta poesia: o seu voluntário pudor, o seu gosto pelo quotidiano, a sua afirmação prosaica, a sua ausência absoluta de religiosidade, o seu moralismo marginal, a imanência que a domina como ideal e a transcendência que se insinua no interior dessa imanência. Tudo isto me parece exemplar de penetração e de compreensão. Mas mais importante será ainda o tracejado com que o autor separa a sensibilidade presencista da sensibilidade neo-realista. Neste ponto, Eduardo Lourenço abandona a problemática das influências e das rejeições, que quase sempre se circunscreve ao nível particular e anedótico, e estabelece o confronto entre as duas gerações no plano dos seus respectivos discursos: o neo-realismo distingue-se da *Presença* ao nível dos textos, que são recíproca e simultâneamente leitura, crítica e ruptura entre si.

É ainda de apontar o paralelo entre uma poesia «resistencialista», tal como a francesa, com o seu muito fundo sentido nacionalista, e a ideologia neo-realista dos anos 40. Eduardo Lourenço sublinha aqui as ambiguidades e os equívocos resultantes dessa assimilação apressada. Surge assim uma certa mentalidade de «frente unida», aceitável no plano estratégico, mas com graves incidências para a teoria, e tanto mais grave quanto transposta para conjunturas que só muito longinquamente tinham alguns pontos de contacto.

Em relação a Joaquim Namorado, a análise de Eduardo Lourenço é ainda mais meritória, porque consegue aderir a uma poesia que lhe é visceralmente estranha. O motivo da atenção é certamente mais ideológico do que estético, mas, na verdade, a poesia de Joaquim Namorado aparece-nos valorizada em múltiplos aspectos. Temos aqui oportunidade de falar do «humanismo duro» e das suas imprevistas metamorfoses, na temática «tractorista», no tópico da navegação, no conformismo ético neo-realista, nas relações com o Catolicismo, na poesia como sublimação duma real impotência histórica e nas relações entre surrealismo e neo-realismo.

Passando para Carlos de Oliveira, notamos uma maior convergência de sensibilidades. Estamos aqui frente a um poeta excepcional, e Eduardo Lourenço não deixa de no-lo fazer sentir, sobretudo quando alude a certos aspectos místicos, às relações entre a história humana e a pré-história mineral, ao «halo de mistério claro e mágico» que atravessa toda esta obra. Trata-se com certeza de uma análise crítica magistral, em que uma linguagem límpida e envolvente permite sempre descobrir a fórmula exacta que a leitura impõe.

Mas precisamos agora de passar do particular para o geral e de entrar na discussão das teses que articulam os diversos momentos do ensaio. E para tal reservamos um próximo artigo.

EDUARDO PRADO COELHO

(*) Eduardo Lourenço, *Sentido e Forma da Poesia Neo-realista*, Ed. Ulisseia, Col. Poesia e Ensaio, Lisboa, 1968.

Eduardo Prado Coelho

Eduardo Lourenço e o neo-realismo

QUE em tudo o essencial se nos escape, poucos melhor do que o crítico literário o sabem, porque este, na dispersão imensa dos seus textos, sempre que aflora uma questão é logo para a adiar. Desloca-se assim ao longo de múltiplas alusões sem nunca se aproximar do coração dos problemas: o crítico exerce uma actividade frustrante. E é por isso mesmo que, quando surge uma oportunidade de tratar duas ou três questões *ao vivo*, seria absurdo não a aproveitar. A ocasião é desta vez *Sentido e forma da poesia neo-realista*, ensaio de Eduardo Lourenço (*). Não vale a pena indicar o que o leitor já adivinha: que se trata de um livro extremamente importante. E ainda: que é com certeza uma obra modelar para a crítica literária em Portugal. E entremos directamente nas questões, porque elas são na verdade essenciais.

REGISTAMOS em primeiro lugar a atracção que o neo-realismo exerce no pensamento de Eduardo Lourenço. Não apenas o neo-realismo como movimento literário português, mas também e sobretudo, o neo-realismo como estrutura problemática determinante e como conjuntura histórica inteiramente decisiva. Não há em Eduardo Lourenço a utopia das ultrapassagens (nem o jogo polémico grosseiro de considerar arcaicas as ideias que não partilha): nunca ele se ocupa de certos problemas para *recalcar* a irredutível pulsação de outros. Pelo contrário, com uma coragem e dignidade exemplares, Eduardo Lourenço escreve sempre em função dos seus valores fundamentais, das suas opções nucleares e das suas recusas mais firmes. Daí que os seus livros possuam uma coloração «existencial» (para empregar o termo que inexactamente aponta o que pretendo dizer) e que a sua escrita nos apareça marcada por uma certa tragicidade: escrita audaciosa, ardente e convulsiva, amansada numa brancura enleante que a aproxima por vezes do estilo de Blanchot. Escreva sobre Vergílio Ferreira ou sobre o casamento, sobre Camus ou sobre Joaquim Namorado, há sempre na forma deste discurso crítico algo que antecipadamente lhe assegura um determinado *nível* reflexivo, porque a densidade não nasce do objecto em causa, mas das palavras que o articulam como objecto pensável.

Se Eduardo Lourenço escreve sobre o neo-realismo é porque ele pertence a uma dessas gerações que, como a epígrafe de Jorge de Sena nos diz, vieram para trans- o transformar, as mais puras, as mais radi- o transformar, as mais puras, as mais radicais, as mais ingénuas ou as mais transviadas, sejam sempre motivos privilegiados para a sua reflexão.

APÓS a leitura deste ensaio, uma evidência se afirma: a que nos aponta a coragem e a honestidade intelectual deste texto que se oferece em puro e desamparado diálogo. Ou ainda, o seu valor por não escolher o alarido fácil de certos diálogos que se tornou moda exibir à laia de emblemas cívicos, mas por optar por um diálogo exigente, rigoroso, atento, que se fundamenta acima de tudo no trabalho, na leitura, no esforço humilde de *estudo*: olhar frontal e moldável ás sinuosidades dos textos, escrita lenta e compreensiva, palavra generosa. Facto tanto mais de assinalar quanto sabemos as vicissitudes que uma tal empresa deverá sofrer. E se repararmos num outro plano, que é o da técnica de leitura, veremos como é admirável esta tentativa de conciliar num só discurso a relativa incompatibilidade de duas lógicas: a do texto que se lê e a do texto que se escreve. Leitura pendular, pois, mas tão elástica como séria e ponderada, mas tão justa como crítica ou mesmo severa.

Defina-se leitura através das próprias palavras de Eduardo Lourenço: «Na ordem do plausível e da adivinhação, que é a de toda a leitura atenta, o que fazemos é trocar as imagens deles pelas nossas. A leitura não é nunca outra coisa que esse jogo de cabra - cega jogado hipotèticamente sem venda nos olhos» (p. 184). Assim estabelece o livro os limites do seu próprio projecto. Há mesmo uma formulação cortante das relações entre Poesia e Crítica. Eduardo Lourenço verbera muito certeiramente a crítica que exibe uma excessiva boa consciência, a crítica que confia na sua plena possibilidade, e aqui vemos visado não só o positivismo de certas orientações a que é habitual chamar-se «universitárias», como a tranquilidade ajuizada do racionalismo tradicional, ou ainda todas as miragens científicas que por vezes se proclamam com ingénua euforia. Para Eduardo Lourenço, «a Poesia é, literal e pròpriamente falando, *incriticável*» (p. 23), porque falar é sempre falar de *outra coisa*. Mas se isto impede que a Crítica aborde a Poesia, não obsta a que ela se aproxime do poema, porque este, em relação à Poesia que constitui o seu limite e a sua causa, é «simultâneamente a encarnação e o falhanço» (p. 23). Como toda a crítica. Diversas são as vertentes que nos conduzem a esse ponto incontornável. «centro de assombro» (Carlos de Oliveira), que o poema visa e a crítica cerca. Cada palavra é apenas o limiar de si mesma, o puro gesto em que se diz e se retrai, em que se lança e se suspende. E por isso toda a linguagem é metafórica, porque ela apenas diz o dizível para assim significar o que nele é indizível, porque ela apenas contorna as linhas vertiginosas do incontornável que assim a conduz e a entrega à mais absoluta solidão: espaço onde se inscreve o vazio que a preenche, ferida insuturável, fenda, abismo, incandescência. E se do jogo se trata, o jogo de cabra-cega, a venda não cobre os olhos que vêem, mas sim o objecto que em tudo o que eles vêem nunca eles chegarão a ver: representação do inominável, enigma dessa fronteira vacilante entre o visível e o invisível.

Que tudo isto pareça inaceitável para os que supõem ver na crítica uma actividade simples e transparente — é bem natural que assim aconteça. Mas como ler doutro modo Lautréamont ou Malcolm Lowry, Carlos de Oliveira, sem que isso se transforme no comentário burocrático que se restringe a mastigar os dados elementares das ideologias dominantes? Todo o ensaísmo crítico se dividirá entre os que escolhem a *medida* e os que escolhem a *desmesura*. O grande mérito de Eduardo Lourenço consiste em sustentar, sem nunca a reduzir na pirueta de uma síntese, a distância que distende esta dupla exigência, inserindo a análise estilística no labirinto do texto, e o estudo de sentido na relação essencial com a instância da Verdade.

Eduardo Lourenço

APROXIMEMO-NOS agora dessa realidade viva que é o livro. Nele se fala do neo-realismo português, da sua vontade, da sua força, da sua nostalgia, do seu desastre, da sua permanência. A intenção de Eduardo Lourenço nunca é exclusivamente literária, embora por várias vezes se afirme que é apenas a poesia que está em causa. Pois é. Mas não implica isso que esteja em causa tudo o mais? A dada altura da análise podemos ler: «De resto, estamos num domínio em que o critério puramente poético (se tal coisa existe neste mundo) perde relativamente os seus direitos» (p. 170). O objectivo de Eduardo Lourenço consiste sobretudo em seguir com a maior fidelidade o itinerário da consciência neo-realista e a sua mitologia, tal como ela se reflecte na poesia que primeiro a encarnou. O processo instaurado não visa um determinado modo de produção estética (a que chamaríamos «neo-realista»),

(Continua na 7.ª página)

Índio e Bisonte — Povo e retaguarda económica

Ainda hoje, na planície

por José Vaz Pereira

A ERA DO BÚFALO (AGE OF BUFFALO)
Curta-metragem de Austin Campbell
Produzida pe o National Film Board of Canada
Prémios: La Plata (Argentina) e Oklahoma City
Ano de produção: 1966
Exibida no cinema S. Jorge

«The wild world is the human world».
CHARLES A. LINDBERGH

O BISONTE. Uma massa gigantesca de músculos e força acumulada. Uma formidável besta feita á medida da pradaria, impressionante quando isolada, assustadora quando em avalanches de manadas. Mais de três metros de altura, dos cascos ao garrote. Três metros de comprimento. Uma cabeçorra portentosa que custava a erguer, cornos raquíticos, olhos pequenos e desconfiados. Uma semi-imobilidade cortada bruscamente pelo galopar trovejante de uma montanha em movimento. O último colosso do Mundo que ainda respirava em liberdade.

Austin Campbell realizou «A Era do Búfalo», baseando-se em gravuras da época ás quais consegue transmitir uma vida e uma palpitação próprias. Mas onde nos pareceu extraordinàriamente importante este documentário de 14 minutos foi na maneira hábil como historiou a extinção de uma raça de homens que ligava o seu destino a um animal de dimensões pré-diluvianas: o bisonte.

É possível, assim, ter uma visão mais desencantada e mais realista da epopeia do Oeste que se costuma apresentar, no cinema, rodeada de uma certa nebulosidade mítica. Nesse aspecto, Austin Campbell corta a direito, com o rigor implacável de um diamante traçando uma figura geométrica num vidro embaciado. Tematicamente aproxima-se dessa obra-prima de Brooks chamada «The Last Hunt» (A Última Caçada).

Colonos, agricultores, comerciantes começaram a afluir ao Oeste. O Este industrializado expandia-se, dilatava-se, abria novas fronteiras num súbito e aparentemente irresistível movimento muscular. O choque com as tribos índias era inevitável: atrás das caravanas dos pioneiros marchava o exército, enquanto em Washington os políticos procuravam ganhar tempo celebrando acordos com os grandes chefes guerreiros, prolongando a paz para melhor preparar uma guerra impiedosa.

As primeiras faíscas não tardaram a surgir e os conflitos a generalizarem-se. Os generais que procuraram vencer os índios no plano estritamente militar deparavam com um adversário fantasma que lhe trocava as voltas. As tribos tinham uma excelente organização guerrilheira e atacavam em força quando sabiam o inimigo isolado estratègicamente ou em inferioridade numérica. Little Bighorn (10 índios para cada soldade americano) foi o Dien-Bien-Phu da cavalaria ianque e a prova definitiva para Washington de que a guerra económica era necessária para vencer os guerreiros do

Gerónimo, chefe Apache

planalto, tal como fora necessária a Grant e a Sherman para esmagar os confederados.

Em 1870, o general Phil Sheridan declarava que «matar o bisonte era a melhor maneira de resolver o problema dos índios.» Ernest Osgood cita a opinião de que «a matança dos bisontes era a arma de coacção económica de que o Governo dispunha para subjugar» a irrequietude bélica das grandes tribos do Oeste.

De repente, o bisonte deixa de ser caçado pelos índios para começar a ser trucidado em massa pelos brancos. Um homem emboscado. Um tiro. Atónitas, as bestas abatem-se, tombam pesadamente, como surpreendidas pela desigualdade flagrante da luta. As descargas ressoam na pradaria: David fulmina Golias com a espingarda Sharp de calibre 45 — o destruidor n.º 1 da Era do Bisonte.

De notar que, mesmo assim, inicialmente o caçador abrigava-se numa tosca barraca de troncos e de peles e, de madrugada, saía para surpreender pequenos grupos de bisontes, abatendo dois ou três. Como o abastecimento e o equipamento eram ainda deficientes nessa época, armas e munições

(Continua na 7.ª página)